

O Mistério de Edwin Drood

Charles Dickens

“O mistério de Edwin Drood” narra um triângulo amoroso e explora temas como o vício em drogas, perseguição e assédio sexual. Jasper, um perturbado regente de coral viciado em drogas se apaixona por Rosa, uma jovem de 17 anos, noiva de Edwin, sobrinho de Jasper. Enquanto a mente perturbada de Jasper planeja diferentes formas de assassinar seu sobrinho, a jovem Rosa desperta os desejos de Neville. Neville e Edwin se tornam rivais. A comoção provocada pelo desaparecimento de Edwin sob circunstâncias misteriosas, seguido da morte de Dickens, deixando o romance inacabado, só foi suplantada pela notícia da finalização do romance através da mediunidade de um jovem e inculto mecânico americano.

ÍNDICE

Apresentação

Visões

Aviso

A escola

A chave

A noite escura

O filantropo

O que é esta ameaça?

A discussão

Deus salva a ambos

Discórdias

Um anel de diamante e rubi

Uma noite com Durdles

Oh! você não compreende!

Onde está meu sobrinho?

Suspeito

A suspeita aprofunda-se

O visitante

Quem será Dutchery?

A fuga de Rosa

Rosa vai para Londres

Ininteligível

A princesa Puffer

Começam algumas pesquisas

Outro passeio noturno de Durdles

Começam as pesquisas

O endereço

Jasper dorme

Quem matou a princesa?

A morte do Sr. Sapsea

Meia-noite na ponte de Blackfriars

A queda de um assassino

O Sr. Dutchery explica

A noite desce

APRESENTAÇÃO

DICKENS, O ARTESÃO DE UMA ÉPOCA

Foi no mesmo ano da coroação da rainha Vitória, 1837, que surgiu o romance mais importante de Charles Dickens, Os documentos póstumos do Pickwick Club, considerado sua obra-prima e que, dentro de um gosto característico da época, desde logo lhe trouxe vasta popularidade. Não que até esse trabalho seu autor não fosse conhecido, mas sim porque foi com o personagem Pickwick (do segundo livro) que logo se acentuaram os traços fundamentais de sua literatura. De arrimo popular e picaresco, cheia de certo humor e de patético fácil, bem afustada aos anseios da classe média emergente.

Não se deve esquecer que Dickens jamais foi um escritor de elites, mas apenas um artesão que numa linguagem rudimentar e acessível, intimamente ligado à sociedade da época, partindo de um extremo senso de observação (produto de experiências pessoais), mergulhou em profundidade no resíduo da chamada era Vitoriana, por meio de um realismo que não muito se afinava com o conjunto de circunstâncias alentadoras do apogeu do Império Britânico contidas na designação de “Idade Vitoriana”.

Pode-se afirmar que ao seu tempo nenhum outro autor inglês gozou de tão merecido triunfo popular. Múltiplas as razões. Charles Dickens, nascido em Portsmouth em 1812 (no mesmo ano em que Napoleão foi derrotado na Rússia), vinha de raízes humílimas. Sua educação jamais se completou em termos universitários. Seu pai, ao tempo em que a família residia em Londres, foi preso por dívidas, e o menino, perplexo ante o espantoso que se lhe afigurava a capital do Império, desde cedo teve de prover ao próprio sustento, empregando-se num armazém. Depois, encontrando sua inclinação no jornalismo, aprendeu a exprimir-se numa linguagem simples, coloquial e direta, de certo impressionismo popular, comum aos folhetins,

cujo mérito maior repousava na sinceridade e na, agudeza das observações, colhidas do cotidiano. Tudo assim bem de acordo com um período no qual seu país ia-se renovando ante o advento da máquina, sob os efeitos da reforma eleitoral de 1832 que levou ao poder os representantes da classe média.

Seu primeiro livro foi editado em 1836, **Esboços de Boz**. Coletânea de pequenos contos, de conteúdo satírico, já contendo em embrião os ingredientes dos **Papéis de Pickwick**. **Oliver Twist**, publicado em 1838, consolidou seu triunfo. Analista arguto das virtudes e dos pecados burgueses, perdido de simpatia pelos personagens envolvidos em destinos humildes, emaranhados em desventuras sentimentais e medíocres. Todavia, conseguindo sempre penetrar no íntimo de seus heróis, obtendo autenticidade adquirida pelo trato pessoal, revivendo sua juventude frustrada, insatisfeito e esperançoso, sempre inspirado por dois autores preferidos: Carlyle e Ruskin, de cuja sombra poderosa jamais se ausentou. Se do primeiro obteve o amparo no afã de restaurar a alma individual pelo culto do herói, do segundo recebeu a herança estética, a utopia da reconstrução social, a imperecível confiança no amanhã tão bem considerada em **Grandes Esperanças**, romance publicado em 1861, alguns anos antes de sua morte.

Com todos esses fatores (cuja essência está centrada em **David Copperfield** de 1850), alcançou Dickens lugar à parte, imorredouro, na literatura de sua pátria. Pois foi o legítimo estimulador da sensibilidade nativa num século materialista, de frio utilitarismo, de irrestrita adesão ao racional, legando ao seu imenso público uma coleção imortal de criaturas simples. Todavia, nunca descuidando da urgência dos problemas sociais, investindo sobre aquilo que um crítico bem designou como “verdadeiro coração da Inglaterra”.

É importante ainda observar que, conquanto romancista exemplar em imaginação, em seu trato com o cotidiano investiu contra determinadas misérias institucionais da época que se supunha ser de prosperidade integral. Não hesitou em denunciar os rigores inumanos do Direito Penal e dos sistemas carcerários, invectivando a morosidade da justiça, a prepotência dos empregadores, o conformismo de certas doutrinas econômicas, o abandono dos menores, a crueldade dos métodos didáticos.

Tudo bem integrado em um amplo mural que, na integralidade de sua obra, constitui o que poderíamos chamar — evangelho do humanitarismo.

A novela que o **Clube do Livro** este mês entrega aos leitores foi escrita no último ano de vida de Dickens, 1870. Conquanto nas linhas mestras seja amostra do seu módulo, exemplo do exímio analista que ele foi, constitui uma experiência inédita no conjunto da obra de Dickens. **O Mistério de Edwin Drood** é antes de mais nada um romance policial. Contém todos os elementos desse gênero, tão ao gosto das multidões, tornando-se assim seu autor um dos precursores da novela policial na Inglaterra.

Todavia, não se trata de uma novela policial comum, destituída de valores literários, cuja finalidade imediata seria o lazer gratuito. Não. A estória de Edwin Drood dizendo de mortes misteriosas, de amores e desejos frustrados, de vetustas catedrais cujos fundamentos ocultam relíquias sinistras, de criaturas viciosas, alienadas por visões de haxixe, tramando homicídios, nem assim deixa de ser obra densamente representativa do espírito da época. Na mesma trilha de **Barnaby Rudge** (1840) ou **Martin Chuzzlewit** (1844), alinha personagens que bem poderiam dialogar com Oliver Twist, Micawber, David Copperfield ou Sam Weller. Ou sejam — frutos originais de certa sociedade, vivendo seus dramas e suas alegrias na mesma ambiência do grande painel criado, dentro do qual a comunidade assume papel relevante.

Assim, ainda que motivado pelo mistério, dentro do sentido mais técnico da expressão, imerso no ritmo arcaico, pendular do Bem e do Mal, com o triunfo inevitável do primeiro, mantendo o leitor acorrentado ao enigma proposto, às incursões macabras do profanador de túmulos que era Durdles, ao dissimulador Crisparkle, aos sonhos de ópio de Jasper ou ao indefinível de Rosa, não escapa Dickens nem mesmo nessa derradeira produção, aos atributos ímpares já revelados. Circunstâncias fundamentais que nunca deixou de amar, contraponto carismático de sua arte.

O cenário, a cidade ou a aldeia. Londres tentacular ou a provinciana Clisterham, acalentando seus heróis, infuso estimulante dos destinos, caldo nutritivo de verdades ou de sonhos. Clisterham, comunidade na qual se instala seu mistério, a pouco mais de cinquenta quilômetros de Londres. O arquétipo das comunidades rurais da Idade Vitoriana. Muito antiga, muito silenciosa, lugar adequado para quem desejasse morar no anonimato e no

silêncio. Com crepúsculos escarlates e gelados, estradas atapetadas de folhas ao cair do dia, vento ártico soprando pelas ogivas e flechas da catedral, antro gótico que resumia todas as vidas de austeridade aparente. Mas sempre povoada de espectros, inspirando a santidade ou a depravação, a virtude ou o crime.

E não apenas a comunidade rural, também a metrópole. Londres, a absoluta constante emocional de Charles Dickens. Sua cidade eleita, tratada com o mesmo esmero e carinho votado às suas criaturas. Os becos tenebrosos e alagados, o casario Tudor dos arrabaldes, a névoa se esgarçando pelas gelosias, desvendando os lances próximos do rio. Fleet Street ou Holborn, galhos verdes e papéis coloridos junto às vitrinas nas vésperas do Natal, nas ruas pobres e estreitas, e aroma de bolos e chocolate. Aquela indefinível atmosfera doméstica, inevitável em todos seus textos, palco necessário no qual a vitalidade das criaturas desfila temores e angústias, risos e lágrimas, paixões e expectativas, anelos comuns de um ciclo evanescente.

Em suma, o livro presente diz de um Dickens às voltas com a aventura policial, mas sempre marcado pelo timbre de sua arte. Precursor do realismo psicológico e descritivo, senhor completo de suas circunstâncias, o que justifica a grandeza e a perenidade de sua obra.

RUBENS
TEIXEIRA
SCAVONE

CAPÍTULO 1 - VISÕES

Numa cama quebrada e em desalinho, num pequeno quarto sujo, um homem acha-se deitado, sonhando. Sonha um sonho de ópio.

No sonho, ele vê uma catedral inglesa. Mas como poderia estar ali uma torre? Parecia haver algo de ponta de ferro entre ele e a torre.

Que seria aquilo? Talvez, tivesse, sido colocada ali por ordem do sultão. Prisioneiros seriam atirados a um por um sobre aquela ponta. Ainda no sonho, ele via o sultão a caminhar em direção ao seu palácio, passando em revista dez mil soldados, cujas espadas reluziam ao sol. Milhares de dançarinas espalhavam flores. Elefantes brancos seguiam cobertos de panos de cores vivas. Mas ainda bem na frente deles, ele enxergava a torre da catedral... ou era aquela coisa pontuda, apenas, um suporte na extremidade de sua cama. Ele riu. Apenas a base do suporte da cama? Talvez.

Tremendo da cabeça aos pés, o homem ergueu-se e olhou ao redor. Achava-se no menor e mais pobre dos quartos. A luz da manhã penetrava, através das cortinas andrajosas. Ele se achava deitado sobre uma ampla cama desalinhada, que havia se quebrado sob o peso colocado sobre ela. Também deitado, atravessando-se na cama, achavam-se um chinês e um indiano. Uma senhora idosa soprava um pequeno cachimbo de ópio, a fim de acendê-lo. Ele olhou para ela.

— Mais um? — inquiriu ela. — Quer mais um? Você fumou cinco desde que chegou à meia-noite. Ai! minha pobre cabeça! Minha cabeça está muito mal! Aqueles depois chegaram depois de você. Você vai pagar, não vai? O negócio está muito ruim agora. Têm chegado poucos chineses e menos indianos ainda, pelos navios. Ai! minha cabeça! Ela soprava o cachimbo à medida que falava. Oh! pobre de mim, pobre de mim! minha tosse! Peguei essa tosse e ela está cada vez pior. E minha mão treme! Oh!

minha pobre cabeça! Faço os cachimbos de tinteiros vazios. Isso mata a fome como se fosse comida. Oh! minha cabeça! Ela recostou-se, depois virou debruço, escondendo o rosto.

O homem ergueu-se, vacilantemente. Puxou as cortinas andrajosas e olhou com desgosto para os seus três companheiros. A mulher havia fumado tanto ópio que o seu rosto estava tão amarelo quanto o do chinês. Este parecia em luta contra um demônio em sonho. O indiano sorria calmamente. A mulher continua deitada sem movimento, mas os seus lábios se moviam.

— Que visão será que ela tem? — perguntou o homem. Virou o rosto dela em sua direção e continuou fitando-a.

Seria visão de comida e bebida? De dinheiro? De mandar consertar esta cama e limpar este quarto? Com tal quantidade de ópio será que poderá ter melhor sonho do que esse?

Ele abaixou-se para tentar ouvir o que os lábios dela murmuravam enquanto dormia.

“— Ininteligível”. Ele agarrou o chinês pela garganta.

— O que você está dizendo? — ... Fez uma pausa e escutou.

“Ininteligível”. Voltou-se para o indiano, e arrastou-o para o chão. O homem avançou para ele como se tivesse na mão uma faca. Mas não tinha nenhuma. A velha senhora a havia tirado e escondido na sua roupa, para segurança. Ela ficou visível, quando ela se sentou para quietá-lo e sofreá-lo. Depois, ambos caíram, lado a lado. Ouviam-se resmungos e murmúrios de ambos, que não podiam ser compreendidos. Quando se ouvia uma palavra clara, ela não tinha sentido. Apenas uma palavra ou duas, sem nada para dar significado.

“ININTELIGÍVEL” disse o homem, com ar satisfeito. Deixou algum dinheiro sobre a mesa, apanhou seu chapéu e saiu.

*

Naquela mesma tarde, um viajor com aspecto fatigado viu a torre cinzenta da catedral, erguendo-se em direção ao céu. Os sinos tocavam. O coral de garotos preparava-se para entrar e cantar no serviço vespertino, vestindo as túnicas brancas. O viajor adentrou apressado as portas da catedral. Vestiu a sua túnica, como o maestro do coro, tomou o seu lugar à frente deste, quando todos entraram em procissão para a catedral. Chegaram ao seu lugar e ajoelharam, cobrindo o rosto. A voz do padre elevou-se. Ressoou pelas arcadas e pelos pingentes do teto: “Quando o homem mau se afasta de suas maldades...”

O homem mau...

CAPÍTULO 2 - AVISO

O serviço religioso terminou. Os garotos do coral saíram da igreja e dispersaram-se.

O dia desfalecia e o ano morria. O sol baixo estava vermelho e, contudo, fazia frio. As folhas das árvores caíam sobre as estradas. Havia chovido no começo da tarde. Um vento gelado soprava as folhas e os pingos de chuva desciam delas como lágrimas.

Três homens saíram da catedral. Um deles, o sr. Tope, era o sacristão. Era o responsável pelo interior da catedral e todos os arranjos para os serviços religiosos.

Os outros dois eram padres. O mais velho era o deão. Era o chefe de todos os padres, tinha a responsabilidade de toda a catedral e dos que a serviam.

O mais jovem, o padre que caminhava ao lado do deão, era o sr. Crisparkle. Tinha o rosto redondo e as faces coradas. Habituara-se a levantar-se muito cedo todas as manhãs e ir banhar-se no rio. Era um homem dotado de muita jovialidade de bom humor. Adorava a música.

O sacristão fechou a porta da catedral com uma grande chave. Assim que ele o fez, o maestro do coral virou a esquina, trazendo um grande livro de música debaixo do braço. O deão voltou-se para o Sr. Tope.

— Aquele que passou por nós é o sr. Jasper?

— Sim, sr. deão.

— Ele ficou mais tempo depois do serviço religioso.

— Sim, sr. deão. Esperei por ele. Ele foi se sentido mal.

— Sentiu-se mal, Tope — corrigiu o sr. Crisparkle. — Você precisa falar corretamente, quando conversa com o deão. Diga “sentiu-se mal, não sentido-se mal”. (Crisparkle admitia que Tope errasse gramaticalmente com qualquer pessoa, menos diante do deão.)

— Quando e como o sr. Jasper se sentiu mal? — inquiriu o deão.

— Sua respiração estava tão curta, quando ele chegou — explicou Tope — que ele mal podia cantar. Depois, sofreu uma espécie de desmaio. Ficou como se estivesse sonhando. Eu trouxe-lhe um pouco de água e depois de algum tempo parece que ele se reanimou.

— Ele foi para casa sentindo-se melhor, agora? — perguntou o deão.

— Sim, sr. deão, ele está bem melhor agora. Olhe...

Eles olharam em direção à casa com entrada de pedra, construída na estrada, que levava à catedral.

— Olha, ele já acendeu a lareira na sua sala. A chama vermelha da lareira podia ser vista através de janela da frente.

— Estava muito frio lá na catedral — disse o sr. Tope. — O calor do fogo vai aquecê-lo.

A claridade da chama projetava-se fora, sobre o cenário escuro. Ilumina as trepadeiras, que cobriam os muros. Os sinos profundos da catedral anunciaram as horas e com o som veio o sopro de um vento passageiro, sussurrando por entre os túmulos.

— O sobrinho do sr. Jasper está morando com ele? — perguntou o deão.

— Não, senhor — respondeu Tope — mas ele o espera. O sr. pode ver a sombra solitária do sr. Jasper, puxando as cortinas.

— Bem — enunciou o deão. — Espero que o coração do sr. Jasper não esteja tanto voltado para o sobrinho. Nunca devemos deixar os nossos sentimentos ficar tão fortes ao ponto de nos dominar, nem devemos deixá-lo voltar-se totalmente para uma única pessoa. Tenho que ir chegando em casa. Tenho a impressão de que ouvi o toque da campainha me chamando

para o jantar. Talvez, sr. Crisparkle, seja bom que o sr., no seu caminho de casa, dê uma passada para visitar o sr. Jasper.

— Certamente, sr. deão. Aproveito para dizer-lhe que o sr. teve a gentileza de perguntar pela sua saúde.

— Isso mesmo, faça-o. Diga-lhe que lhe estimo as melhoras.

O deão tomou o rumo da bela casa de tijolos à vista, onde ele morava com a sua esposa e filha. O sr. Crisparkle seguiu para a casa de entrada de pedra.

*

— Eu soube por intermédio do sr. Tope, que você se sentiu mal, o que lamentei — declarou Crisparkle, depois de cumprimentar Jasper.

— Oh! não foi nada, nada!

— Você está com aspecto bem cansado.

— Estou? Eu não acho. Não me sinto cansado. Acho que Tope exagerou. Ele sempre exagera muito as coisas que acontecem na catedral.

— O deão mandou-me que fizesse especialmente esta visita a você. Posso dizer-lhe que você já está perfeitamente bem?

— Oh! como não? Por favor, agradeça ao deão.

— Folgo em saber que você espera o jovem Edwin Drood.

— Sim, espero-o a qualquer instante.

— Ele lhe proporcionará melhor cura do que qualquer médico, Jasper.

— Sim, mais do que cinquenta médicos, porque gosto muito dele e detesto os médicos.

O sr. Jasper era um cidadão de cerca de trinta anos, de cabelos pretos, mas tinha a aparência de mais idoso. Sua sala era escura, mesmo quando o sol brilhava intensamente, e raras vezes tocava as prateleiras dos livros de música ou as estantes na parede, ou o quadro inacabado de uma estudante,

pendurado na parede, acima da lareira. A garota tinha os cabelos esvoaçantes, presos por uma fita azul. Ela possuía um lindo rosto, apesar de suas feições pueris. O quadro não estava bem pintado. Dir-se-ia que ao pintá-lo, o pintor o fizera imbuído de motejo.

Quando o sr. Crisparkle descia as escadas, o sr. Jasper ouviu-o trocar cumprimentos com alguém, e não demorou que ele saltasse de sua cadeira para estreitar o seu jovem sobrinho nos braços:

— Meu querido Ned! — gritou ele!

— Meu querido! Quanto prazer em vê-lo — disse Edwin Drood.

Tire esse casaco e sente-se — sugeriu Jasper. — Sente-se aqui, na sua cadeira. Tire as botinas. Elas devem estar molhadas.

— Não se preocupe tanto comigo. Estou perfeitamente enxuto. Há algo para se jantar?

O sr. Jasper abriu a porta da sala de jantar, onde a sra. Tope, uma senhora de aparência agradável, estava pondo a mesa.

— Diga-me, Jasper — pediu Edwin — diga-me quem aniversaria hoje?

— Não é você, Ned?

— Não, não sou eu. É o aniversário de Pussy. Ele olhou para o quadro na parede, acima da lareira. [1]

— Vamos, leve este seu sobrinho para jantar, que ele está faminto. Alô, sra. Tope. A sra. está mais linda do que nunca. Dê-me um beijo porque hoje é o aniversário de Pussy.

— Se eu fosse a srta. Rosa (ou Pussy como você a chama) eu lhe daria uma lição. O sr. pensa que é só chamar as suas Pussies e elas todas vêm ao seu encontro, às dúzias. Seu tio é muito amável com o sr. — observou a sra. Tope, dirigindo-se a Edwin.

— Não se esqueça, sra. Tope, que tio e sobrinho são duas palavras que não gosto de usar.

*

O jantar terminou. Sentaram-se em frente da lareira. Colocou-se vinho sobre uma pequena mesa, entre eles.

— Por que você não gosta das palavras “tio e sobrinho?” — perguntou Edwin.

— Porque os tios são geralmente muito mais velhos do que os seus sobrinhos — respondeu Jasper, erguendo seu copo de vinho.

— Espere, não beba ainda! — atalhou Edwin.

— Por que não?

— Primeiro, precisamos beber à saúde de Pussy, pelo seu aniversário. Que esta data se lhe repita por muitos anos.

O sr. Jasper bebeu em silêncio.

— Como vai ela, com as lições de música? — interpelou Edwin.

— Com a lição de música, muito bem.

— Como está a aparência dela, Jasper?

— Igualzinha o retrato que você pintou.

— Sim — anuiu Edwin — acho que consegui mostrar a expressão do seu rosto mais ou menos bem. Sinto isso cada vez que vou ver Pussy. Um ar desdenhoso. Ele sacudiu o dedo para o quadro. “Miss Desdenhosa”. Não é uma coisa insatisfatória?

— O quê? — perguntou o tio Jasper.

— Ser tolhidos do nosso direito de fazer a escolha? Meu falecido pai e o falecido pai de Pussy arranjaram que, quando chegássemos à idade própria, deveríamos nos casar. Por que não deixaram que nós o escolhêssemos livremente?

— Você não pode dizer isso.

— Por que não? A coisa é diferente para você. Você não é forçado por ninguém. Nem moça alguma sente que você é forçado em relação a ela. Você pode fazer livremente a sua escolha.

— Prossiga.

— Eu disse alguma coisa que o magoasse?

— Em que você poderia ter me magoado?

— Mas, você parece terrivelmente doente! Um estranho aspecto sombrio sobreveio de repente nos seus olhos — exclamou Edwin.

O sr. Jasper forçou um sorriso. Depois de alguns instantes, ele falou com a voz sumida. — Tenho tomado um remédio contra uma dor que, de vez em quando, é muito grande para mim. Ao seu efeito, às vezes me sobrevêm uma nuvem. Isso passa. Afaste os olhos de mim, que isso passará rapidamente.

O jovem pareceu apavorado. Ele fixou os olhos nas cinzas da lareira, enquanto Jasper continua sentado, segurando firmemente os braços de sua cadeira. Depois, apoiou uma das mãos sobre o ombro do sobrinho:

— Em toda casa, há um segredo oculto. Você pensou que não havia nenhum na minha? — declarou ele.

— Realmente o pensei — observou Edwin. — Você leva uma vida tão pacata. É tão respeitado como o maestro do coral. Tem tanto dom para lecionar música. Até a Pussy (que detesta ser ensinada) diz que não existe outro professor de música como você. Tenho certeza de que você gosta de tudo isso e é feliz.

Detesto tudo isso. A monotonia da minha vida me deprime. Os serviços religiosos da catedral, que parecem lindos para você, a mim soam como algo infernal. Ando tão entediado de tudo! O eco de minha própria voz, entre as abóbadas, parece um escárnio contra mim.

— Pensei que você adorasse a sua vida!

— Sei que você imaginava isso. Toda gente julga a mesma coisa.

— Pussy pensa assim.

Jasper pôs-se de pé.

— Quando... quando ela lhe disse isso?

— Há três meses, quando estive aqui a última vez.

— Diga-me exatamente o que ela disse.

— Ela apenas afirmou que havia se tornado sua aluna de música e que você é um professor de nascença.

Jasper olhou de relance ao quadro.

— Um professor de nascença! Bem, preciso ensinar a mim mesmo a ser apenas um professor. É muito tarde para ser algo mais. Você guardará segredo sobre esta conversa?

— Prometo-o. — Ele segurou a mão de Jasper.

— Agora você sabe que mesmo um mestre de coral e um moleiro podem estar preocupados por alguma espécie de intranquilidade... insatisfação... desejo... como chamarei isso?

— Sim!

— Então, toma-o como um aviso.

Edwin fez uma pausa para considerar o significado dessas últimas palavras. Soltou a mão de Jasper. Jasper permaneceu imóvel. Até a sua respiração pareceu parar.

— Sinto-me profundamente grato a você — declarou Edwin, finalmente. — Pela sua generosidade em revelar-me o seu segredo como um aviso. Notei quanto isso lhe custou, e que você se comoveu bastante, muito mais do que o seu normal.

Jasper voltou a respirar novamente. Riu e sacudiu a mão direita, como querendo afastar qualquer sentimento de gratidão da parte do sobrinho.

— Sim — afirmou Edwin — não acho que haverá muito perigo para mim. Não tenho esperanças ocultas, nem intranquilidade. Em menos de um ano, tirarei Pussy da escola e ela se tornará Sra. Edwin Drood. Então, partirei para a Índia e dedicar-me-ei ao negócio, que meu pai e o pai dela

iniciaram e ela irá comigo. Naturalmente, iremos ter algumas discussões, devido à nossa maneira de amar e porque o nosso casamento foi arranjado.

Edwin calou-se por um momento, mas, logo depois, prosseguiu:

— Mas, fora isso, nós vamos nos dar muito bem juntos. Pussy é linda e boazinha... Você não é linda *miss*? — perguntou ele, voltando-se para o quadro.

Jasper, com a mão no queixo, observara toda a expressão do rosto, todos os gestos e movimentos do sobrinho, enquanto este dizia aquelas palavras. Ele manteve-se em silêncio durante um certo momento. Em seguida, observou, com um sorriso calmo:

— Então, você não quer ser avisado?

— Não, Jasper, não por você. Não me considero em perigo... Preciso dar uma chegada até à escola e deixar um presente de aniversário para Pussy.

CAPÍTULO 3 – A ESCOLA

É preciso dar um nome à antiga cidade da catedral na qual esta história aconteceu. Vamos chamá-la Clisterham. Era uma cidade muito antiga, muito silenciosa e não um lugar apropriado para moradia de alguém, que desejasse ser parte do mundo barulhento. Era cheio de túmulos de padres, mulheres e homens religiosos de muito tempo atrás. As crianças plantavam flores na terra a cobrir aqueles antigos mortos. Havia, apenas, uma rua principal com muitos pátios, saindo dela. Havia a catedral com as casas, cercando-a. E era tudo. Restos de antigos muros, de antigas igrejas e casas religiosas, então danificadas, erguiam-se por entre as casas e jardins, como velhas ideias esquecidas de cada um, mas permanecendo na mente do povo. Tudo ali era passado. No centro de Clisterham achava-se a escola de moças da sra. Twinkleton. A frente da casa era velha e avariada. As vigas e os portais eram muito baixos. Talvez fosse para forçar as crianças da escola de antigamente abaixarem suas cabeças. A sra. Twinkleton tinha como auxiliar sua amiga, a sra. Tisher. O sr. Tisher morrera há muitos anos e a sra. Tisher sofria de uma fraqueza nas costas e tinha voz muito fraca. Ela tomava conta das roupas das meninas e levava-as a acreditar que ela havia tido melhores dias.

A garota mais querida da escola era a Rosa Bud. Naturalmente, todos a chamavam por *Rosebud* (Botão de rosa, NT). Era maravilhosamente linda, maravilhosamente pueril e maravilhosamente divertida. Era, ainda, especialmente interessante para as demais garotas, porque sabiam que o seu falecido pai havia escolhido um marido para ela, e que seu tutor teria que entregá-la a esse marido, assim que ela tivesse idade. As outras garotas ficavam sempre num estado de verdadeiro excitação, quando o tal marido escolhido ia visitar a pequena Rosebud. Quando se esperava o toque de campainha, cada garota, que podia olhar por uma janela, ficava em ansiosa expectativa. As que não podiam ficavam com a atenção tão presa ao instante do toque, que não prestavam nenhuma atenção às suas lições.

Na tarde do dia seguinte, a campainha tocou na porta da escola e a servente, que foi atender à porta, voltou e comunicou à sra. Twinkleton:

— É o sr. Edwin Drood que veio visitar a srta. Rosa.

A srta. Twinkleton ordenou que Rosa descesse para atendê-lo. Edwin Drood estava sentado numa sala finamente mobiliada, que não tinha nada de escola, a não ser um globo mostrando os países do mundo, apenas para mostrar aos pais e aos tutores que mesmo em sua vida privada a srta. Twinkleton ainda se preocupava em pesquisar o mundo para o conhecimento de suas alunas.

A servente, que estava espiando Edwin, através de uma fresta da porta, correu escada abaixo, assim que Rosa apareceu.

— Oh! é uma coisa tão tola — disse ela parando e afastando-se dele.
— Não, Eddy!

— Não o quê, Rosa?

— Não se aproxime tanto de mim, por favor. É tão tolo!...

— O que é tolo?

— Tudo é tolice! É uma tolice estar comprometida para casamento dessa maneira, ter garotas e serventes de um lado para outro em redor de mim, como ratos e ainda ser visitada solenemente.

— Você me recebe muito carinhosamente, não Pussy?

— Bem, eu o farei dentro de um minuto, mas por enquanto ainda não posso... como está você?

— Não tão bem para vê-la, Pussy, porque não posso ver o seu rosto.

Um olho ergueu-se rapidamente para ele:

— Ah! você mandou cortar o cabelo!

— Seria melhor que eu tivesse mandado cortar minha cabeça. Posso ir-me embora?

— Não, ainda não, Eddy. As garotas iriam todas ficar perguntando porque você foi se embora tão logo.

— Então, pela última vez, olhe para mim e dê-me boas-vindas.

Ela encarou-o e disse:

— Seja bem-vindo, Eddy. — Aperta-lhe a mão. — Não, não posso beijá-lo. Há poucos minutos eu tinha um doce na boca.

— Realmente você está contente por ver-me, Pussy? — interpelou Edwin tristemente.

— Oh!, sim! estou contentíssima! Afaste e sente-se. A sra. Twinkleton vem vindo!

Era costume da srta. Twinkleton aparecer de três em três minutos, durante essas visitas.

— Como está, sr. Drood? — perguntou ela. — Desculpe-me. E ela saiu de novo.

— Obrigado pelo presente, Eddy.

— Bem, como você passou o seu aniversário?

— Fizemos uma festa com baile ontem à noite.

— Vocês dançaram?

— Dançamos uma com outra, naturalmente. Mas algumas das garotas fingiam ser seus irmãos. Foi muito divertido.

— Algumas fingiram ser eu?

— Ser você? Oh! sim! — assentiu Rosa, rindo com grande contentamento. — Isso foi a primeira coisa que elas fizeram.

— Espero que o fizeram bem — observou Edwin, mais ou menos duvidoso.

— Oh! foi excelente! Não dancei com você.

— Poderia eu saber por quê?

— Porque eu estava farta de você. Depois, percebendo o desprazer no rosto dele, ela acrescentou: “querido Eddy, você também estava farto de mim.”

— Eu disse isso?

— Disse isso! Você sempre diz isso? Não, você apenas o demonstrou.

— Bem, Pussy, foi o último aniversário que você passa nesta casa.

— Sim, declarou ela com um suspiro. — Sim. Mas precisamos sair casados daqui, senão as garotas vão ficar desapontadas.

Havia mais pena, tanto por ela e por ele mesmo, estampada no seu rosto, do que amor.

— Posso levá-la para dar um passeio, querida Rosa? — perguntou Edwin.

— Oh!, sim, Eddy. Vamos sair para um passeio.

Assim, os dois jovens saíram, lado a lado, não de braços dados, caminharam descontraidamente, pelos jardins e por entre os túmulos do pátio da catedral.

— Bem — enunciou Edwin, depois de um longo silêncio. — Como de costume, não podemos nos ajustar muito bem.

Rosa sacudiu a cabeça.

— Está quase na hora de você voltar, Rosa. Não tivemos um ótimo passeio, não é verdade?

— Um ótimo passeio! Tivemos um péssimo passeio! Se, ao chegar, eu subir e chorar é culpa sua.

— Vamos ser amigos, Rosa.

— Eu gostaria que pudéssemos ser amigos. Causamos infelicidade um ao outro, porque não conseguimos ser amigos. Sou muito jovem, Eddy. Muito jovem para ter tristezas... para sentir uma dor no meu coração. Sei que você também, às vezes, sente essa dor. Vamos tentar ser amável um ao outro, por nosso próprio bem.

Edwin permaneceu de pé, olhando-a, enquanto ela chorava como uma criança, segurando um lenço contra os olhos, com ambas as mãos.

Depois que ela se tornou mais calma, ele interpelou:

— Não há... Não sei como dizê-lo... não há um outro?

— Oh! não Eddy. É muita bondade de sua parte fazer tal pergunta. Mas não, não...

Haviam chegado muito perto das janelas da catedral e naquele instante o som do coral, cantando, chegou até eles.

— Acho que posso ouvir a voz de Jasper — declarou ele.

— Leve-me de volta imediatamente, por favor — pediu Rosa, colocando apressadamente sua mão sobre o braço dele — senão todas vão sair, à minha procura. Não vamos parar, vamos embora, vamos embora!

Mas assim que caminharam alguns passos de distância da catedral, sua pressa cessou. Chegaram à escola, o portão abriu-se. Ela entrou e ele foi embora.

CAPÍTULO 4 – A CHAVE

É costume chamar uma pessoa estúpida e auto-satisfeita de burro. Chamar o sr. Thomas Sapsea de burro não ficaria bem. Não ficaria bem para o burro, porque nenhum burro seria tão estúpido ou auto-satisfeito quanto ele. Ele era um leiloeiro (vendia terras, casas, e móveis em leilão para as mais altas ofertas). Era também prefeito de Clisterham e Juiz de Paz. O sr. Sapsea modelou-se a si mesmo pela figura do deão. Vestia-se como o deão, e, à vezes, na rua, era cumprimentado por engano como o deão. Sentia-se orgulhoso por isso bem como por sua voz e maneira. Leiloando terras, ele cantava as palavras como se fosse o deão em serviço religioso na catedral e quando terminava a venda era como se fosse o deão dando a bênção final. Tinha sessenta anos de idade e era solene e taciturno. Tinha estômago rotundo, andar arredondado bem como a própria voz. Seu escritório ficava exatamente no lado oposto da escola da srta. Twinkleton.

Vemos o sr. Sapsea sentado em sua sombria sala de estar, no nível do andar térreo. Há uma garrafa de vinho sobre a mesa. Há fogo na lareira, embora não seja necessário nessa noite de outono. Ao seu lado, há a escrivaninha e papéis. Ele olha um papel e lê-o para si. Em seguida, caminhando de um lado para outro na sala, com os polegares na cava do colete, repete de memória o que leu, mas pronuncia tão baixinho que a palavra Ethelinda somente pode ser ouvida.

Há três copos de vinho sobre a mesa. A empregada entra.

— O sr. Jasper chegou, sr. Sapsea.

— Folgo muito em vê-lo, sr. Jasper — disse Sapsea. — Sinto-me honrado em recebê-lo aqui. Esta é a sua primeira visita que o sr. me faz.

— A honra é minha — afirmou Jasper. — Durante algum tempo, alimentei o desejo de conhecê-lo.

— E eu tenho tido notícias do sr. como sendo homem de bom gosto.

O sr. Sapsea encheu dois copos de vinho.

— Compreendo — observou o sr. Jasper — que o sr. pretenda falar comigo a respeito da falecida sra. Sapsea?

— Sim, mas antes que eu peça a sua opinião, como um homem de bom gosto, a respeito de uma coisinha, que escrevi, devo, talvez, descrever da falecida sra. Sapsea, que deixou este mundo há três quartos de ano.

O sr. Jasper tentou fingir que estava interessado, enquanto o sr. Sapsea explicava como, desejando outra cabeça para se interessar pela sua própria, ele procurou uma esposa, e encontrou uma na pessoa da srta. Brobity, que tinha uma escola congênere à da srta. Twinkleton.

— Desde a sua morte tenho estado solitário, curtindo a sua perda, e gastando minha conversa no ar. Sinto-me culpado pela sua morte. Se ela não tivesse sido obrigada a zelar por uma cabeça tão elevada, talvez estivesse viva.

— O sr. Jasper disse que ele supunha que fosse verdade. E agora, sr. Jasper, o túmulo já teve tempo de secar e assentar. Por isso, quero contar com a sua opinião, como homem de bom gosto, a respeito dessa inscrição que acabo de escrever:

Pegando o papel, Jasper leu o seguinte:

“ETHELINDA

esposa de

THOMAS SAPSEA

leiloeiro

PREFEITO DA CIDADE E JUIZ

DE PAZ

cujo reconhecimento do Mundo,

ainda que amplo,

nunca lhe trouxe

UM ESPÍRITO

capaz de zelar

por ele e respeitá-lo”.

O sr. Sapsea havia se levantado e fora postar-se de costas de costas para a lareira, de modo a poder observar o efeito dessas linhas no rosto do sr. Jasper. Exatamente naquele momento a empregada entrou:

— Durdles está aqui, senhor.

— Mande-o entrar — pediu o sr. Sapsea.

— Admirável! — afirmou o sr. Jasper, devolvendo-lhe o papel.

Durdles era um artífice especializado em trabalhos em pedra, principalmente em matéria de túmulos. Era bastante conhecido na cidade de Clisterham como um mau caráter e um beberrão, mas excelente profissional. Conhecia a catedral melhor do que qualquer outro homem. Costumava fazer reparos lá e mantinha o edifício em ordem. Quando desejava beber em segredo, fechava-se na cripta (na parte subterrânea, onde os mortos eram sepultados). Com sua régua de dois pés e seu martelo sempre à mão,

Durdles vivia constantemente batendo e provocando som em todo o redor da catedral. Vivia sempre procurando, através do som, novos lugares em que corpos esquecidos permaneciam sepultados.

— Tope — dizia ele — Tope, aqui tem um antigo.

Trazia sempre consigo uma pequena trouxa sua alimentação atada num pano e ele tomava-a sentado na pedra de algum túmulo. Vivia sozinho em

uma pequena casa antiga, cercada de pedras de túmulos em todos os estágios de elaboração, enquanto dois trabalhadores, sentados no pátio, trabalhavam dia após dia, cortando as pedras, para fazer novos túmulos.

O sr. Sapsea passou um copo de vinho para o sr. Durdles.

— Isso é para o túmulo, sr. Sapsea? — indagou Durdles pegando o papel.

— Sim — assentiu o sr. Sapsea, esperando ver o efeito dele na mente de uma pessoa comum.

Durdles mediu as linhas com sua régua:

— Posso gravá-lo com um oitavo de polegada. Espero que o sr. esteja bem, sr. Jasper. É o desejo deste seu servidor.

— Como está você, Durdles?

— Apanhei um pouco de tumulto, sr. Jasper. Mas eu já deveria esperar isso.

— Tumultismo? Que doença é essa? — perguntou o sr. Sapsea, irritado. Ele estava zangado pela maneira como Durdles recebeu a inscrição.

— É uma doença que se apanha entre os túmulos pela manhãzinha.

— Sim — anuiu Jasper — a catedral é muito fria.

— E é mais fria ainda na cripta, lá embaixo, entre os mortos — afirmou Durdles. — Você quer que eu comece isso imediatamente, sr. Sapsea?... Então, o sr. precisa me dar a chave do túmulo para que eu possa entrar.

O sr. Sapsea abriu um cofre de ferro fixo na parede e tirou uma grande chave. Durdles colocou a régua de dois pés no seu bolso de lado, abriu o seu paletó e ia pondo a chave nele.

— Que isso Durdles? Quantos bolsos você têm! — observou Jasper.

— Sim, tenho muitos e carrego chaves neles. Sinta estas — disse Durdles, tirando duas outras grandes chaves.

— Dê-me a chave do sr. Sapsea, também — pediu Jasper. — Acho que esta é a mais pesada de todas das três.

O sr. Jasper estava segurando as chaves despreocupadamente.

— Às vezes, as pessoas chamam você de *Stony* (feito de pedras, NT) Durdles, não é verdade. Seus dedos estavam sentindo o formato delas. Estou pensando se *Stony* é o seu verdadeiro nome. Apalpou o padrão dos cortes no lado delas. Estou pensando se o chamam assim devido ao seu trabalho. Olhou despreocupadamente para a grossura da haste delas. Qual é, penso eu? — Sopesou as três chaves em sua mão. — Eu penso — Devolveu as chaves a Durdles. Durdles jogou-as no seu bolso lateral, pegou a sua trouxa, contendo a sua merenda (amarrada num pano com outra chave no nó), e deixou a sala, sem dar resposta. Ou talvez não houvesse necessidade de resposta?

O sr. Sapsea e o sr. Jasper sentaram-se para o jantar.

CAPÍTULO 5 – A NOITE ESCURA

No seu caminho para casa, ao passar pela catedral, John Jasper parou repentinamente. À claridade da lua, ele viu Durdles recostado contra as grades de um cercado para sepultamento e um garoto feio, andrajoso, atirando pedras nele.

— Falhou novamente, dizia o garoto. Mas Durdles parecia não ligar importância, quando a pedra o atingia.

— Dê-me essas pedras! — ordenou Jasper. — Que esse homem lhe fez? Por que você está atirando pedras contra ele?

— Ele não irá pra casa.

— Que isso lhe importa?

— Ele dá-me dinheiro para apedrejá-lo, a fim de fazê-lo ir para casa, se eu o encontro fora de casa tarde. — Em seguida, o garoto dançou e cantou:

Se eu pegar você fora de casa depois das dez

Se você não for embora

Então atiro pedras avisando...

— Você conhece esse garoto? — indagou Jasper, atravessando em direção de Durdles.

— Sim.

— Pare — falou Jasper. — Não atire pedras, enquanto eu estiver tão perto. Você poderá me acertar. Venha, Durdles. Deixe-me levá-lo para casa. Posso carregar sua trouxa?

— Não. Eu estava sentado aqui... — declarou Durdles, erguendo-se e colocando sua trouxa no ombro — estava sentado aqui, cercado de minhas palavras, como um escritor, cercado de seus livros. Lá está o seu cunhado. — Ele apontou para um túmulo cercado por uma grade, branco e frio sob a luz da lua. — E ali está a sra. Sapsea — disse apontando para outro túmulo, construído como um pequeno templo de pedra com um portão de ferro. — Aquele lá é de um padre, o outro é de um coletor de impostos, e ali está um padeiro. Todos fechados aqui, senhor. O povo comum está enterrado sob a grama. Não há nada a ser dito a respeito deles. Um pobre é logo esquecido.

— Há algo novo na cripta, Durdles? — perguntou Jasper.

— O sr. quer dizer algo de velho? — indagou Durdles.

— Quero dizer alguma nova descoberta.

— Há um morto muito antigo sob o sétimo pilar.

— O que me interessa é a maneira como você descobre, onde as pessoas estão enterradas — observou Jasper. — O que há? Aquela trouxa está no seu caminho? Deixe-me segurá-la.

Durdles arriou sua trouxa. Apenas me dê um martelo daí, e eu lhe mostrarei. Ele bateu no pavimento de um túmulo em frente dele.

— Eu bato, bato, bato... sólido. Eu continuo batendo. Ainda sólido. Bato de novo oco. Bato novamente. Sólido, mas parece algo sólido no meio de um buraco. Sólido em oco novamente. Então, haverá um antigo morto dentro de um esquife. Que lindos esquifes eles faziam naquele tempo! Grandes caixas esculpidas em pedra. Sim, é assim que descubro, onde

velhos mortos estão repousando em seus túmulos de maneira tão segura, como se eu os estivesse vendo.

— Isso é um dom! É um dom natural! — comentou o sr. Jasper.

— Não, não, não é um dom. Eu me aperfeiçoei, fazendo isso.

De fato, Durdles adquiriu o seu conhecimento, batendo nos túmulos e cavando.

— Sua vida é bastante curiosa — afirmou Jasper.

— A sua também — respondeu Durdles.

— Sim, de certa forma é verdade, desde que nós dois vivemos nesse mesmo lugar imutável. Mas há mais mistérios na sua ligação com a catedral do que com a minha. Na verdade, começo a conceber a idéia de pedir que você me tome como aluno, levando-me por aí, às vezes, de maneira que possa conhecer alguns desses recantos em que você passa os dias.

— Está bem, anuiu Durdles. — Está bem. Todo mundo sabe onde encontrar Durdles, quando se tem necessidade dele.

Durdles, em seguida, procura o caminho de casa, através daqueles meandros confusos, de maneira tão vacilante que, às vezes, parecia que ia cair de cabeça sobre aqueles túmulos inacabados.

John Jasper toma outro rumo para sua casa, entrando de mansinho, com sua chave na mão, e encontra o fogo ainda queimando. Tira um cachimbo estranho de um armário fechado, enche-o, mas não com tabaco. Em seguida, sobe as escadas que levam aos dois cômodos. Um deles é o seu próprio dormitório, o outro o do seu sobrinho...

Há uma luz em cada um deles.

Seu sobrinho está dormindo, calmo, imperturbável. John Jasper fica um momento de pé olhando para ele, segurando o seu cachimbo ainda não aceso. Depois, devagarinho, ele passa para o seu quarto, acende o cachimbo e deixa-se levar pelas visões, que lhe proporciona aquela noite escura.

CAPÍTULO 6 – O FILANTROPO

O sr. Septimus Crisparkle estava praticando os seus exercícios matinais. Encontrava-se boxeando em frente do espelho. O espelho mostrava um homem cheio de saúde, em cujo semblante reluziam a inocência e a bondade. Era exatamente a hora da primeira refeição. A sra. Crisparkle a mãe e não esposa de Septimus) entrou no quarto.

— Toda manhã eu digo que você fará isso e finalmente você o fará, Sept — observou ela, olhando para ele. — E você fará!

— Farei o quê, querida Ma?

— Quebrará o espelho e romperá um vaso sanguíneo.

— Espero não fazer nenhuma dessas coisas, querida Ma.

Num ataque conclusivo contra si mesmo, soltou toda sorte de castigo e esquivou-se toda espécie de golpes desfechados por si contra si mesmo. Em seguida, desceu para o quebra-jejum.

A velha senhora ficou ali de pé e rezou as suas preces matinais, e Septimus ajoelhou-se e a acompanhou. O que é muito sublime numa velha senhora! Seu semblante irradiava entusiasmo e calma. Sua roupa era asseada e delicada como uma pintura. Não há nada mais lindo! — pensou Septimus, sentando-se ao lado dela. E ela pensou: “Meu Sept”.

— E o quê, querida Ma — perguntou Septimus, mostrando o quanto era grande o seu apetite — o que dizia a carta?

A linda senhora idosa, depois de ler a missiva, acabava de colocá-la sobre a mesa. Passou-a ao filho. Ela estava muito orgulhosa, porque os seus olhos, tão claros, permitiam que ela lesse manuscritos sem óculos, e, para lhe causar o maior prazer por isso, o seu filho fingiu que não era capaz de ler manuscrito sem óculos. Assim, ele colocou sobre olhos um grande par de óculos, que na realidade tornou a leitura mais difícil.

— A casa do... do... não consigo ler isso...

— De filantropia — esclareceu a velha senhora. — A carta vem do sr. Honeythunder. Ele é o presidente da Sociedade dos Filantropos.

— Um filantropo é um homem que ama os outros seres humanos, mas a Sociedade do sr. Honeythunder parece estar sempre combatendo-os.

— Dê-me esta carta, meu filho, vou lê-la.

— O sr. Septimus sentiu satisfação em tirar aqueles óculos dos olhos, pois faziam seus olhos verterem lágrimas.

— Meus olhos parecem cada dia piores, para ler manuscritos — murmurou ele. Ela leu:

“Casa da Filantropia

Londres.

Prezada Madame,

Acabo de falar com o sr. Neville e Helena Landless (dos quais sou tutor) sobre o assunto da educação de ambos. Eles concordam com o plano que lhes propus. (Tomei grande cuidado para que eles concordassem, quisessem ou não.)

Uma coisa estranha observou o sr. Crisparkle — que esses amantes dos seres humanos, esses filantropos, tenham o hábito de agarrar os seus subordinados pelo pescoço (como se poderia dizer) atirando-os no caminho da paz. Peço-lhe que me perdoe por interrompê-la querida Ma.

Ela continuou:

Portanto, querida madame, diga ao seu filho que espere Neville na próxima segunda-feira, para viver em sua casa e estudar, tendo seu filho por professor. No mesmo dia, Helena o acompanhará para Clisterham, onde ingressará na escola da srta. Twinkleton, recomendada pela senhora e pelo seu filho. O pagamento será, como estabeleci na minha última carta.

Sou (querida senhora)

Seu afeiçoado irmão em filantropia,

Luke Honeythunder.”

— Bem, folgo em saber que não é o sr. Honeythunder que virá morar conosco. Sou capaz de ser descortês para com ele, embora não o conheça. É um sujeito grandalhão?

— Sim, é um homem grandalhão, mas sua voz é maior ainda.

— Bem — observou Crisparkle — a primeira coisa a fazer é colocar esses jovens à vontade. O sobrinho de Jasper está aqui no momento. É um jovem maravilhoso. Faremos que ele se encontre com o casal de irmãos, ao jantar. Precisamos convidar também Jasper para vir com ele.

— Acrescente também a srta. Twinkleton e Rosa, acrescente também você e eu e assim seremos oito.

E assim ficou assentado.

*

O sr. Crisparkle foi à rodoviária para encontrar-se com Neville e Helena. Acompanhando-os, havia um homenzarrão, tipo elefante.

— O sr. Honeythunder? — perguntou Crisparkle.

— Esse é meu nome senhor.

— Meu nome é Crisparkle.

— Septimus Crisparkle. Folgo em conhecê-lo — declarou o sr. Honeythunder, com voz de trovão. — Decidi, como parte da filantropia, trazê-los eu mesmo e regressar ainda esta noite.

Ele examinou o sr. Crisparkle; pareceu decepcionado. — Esperei que o sr. fosse mais velho, senhor.

— Espero que o sr. me verá mais velho um dia — declarou Crisparkle, com bom humor.

— Éh! — disse o sr. Honeythunder.

— Trata-se, apenas, de uma pequena brincadeira, que vale ser repetida.

— Brincadeira? Eu nunca aprecio uma brincadeira. Brincadeira para mim é perda de tempo. Neville e Helena estão aqui, sr. Crisparkle. Vieram para encontrarem-se com o senhor.

O sr. Crisparkle viu o atraente jovem e uma linda garota bem amorenados na cor. Parecera-lhe um tanto indômitos e tímidos, como se tivessem sido caçados, embora de olhares espertos e ferozes, como eles próprios fossem um caçador e uma caçadora. Ao caminharem pelas ruas, demonstravam ser dois lindos cativos, trazidos de alguma terra selvagem,

bem distante. O sr. Honeythunder caminhava pelo meio da rua, empurrando as pessoas para o lado e explicando o seu plano, segundo o qual poria todas as pessoas desempregadas na prisão.

A sra. Crisparkle não sentiu muita filantropia, quando ela viu essa adição tonitruante às pessoas.

O jantar foi um triste fracasso. Ninguém conseguiu conversar com ninguém, porque o sr. Honeythunder conversava com todos ao mesmo tempo, como se estivessem num comício. Ele tinha o hábito de fazer perguntas:

— E será o senhor tão tolo a ponto de dizer-me? — ... quando o Crisparkle não se mostrava disposto a dizer algo. A sra. Crisparkle, sentada, limitava-se a observar com os olhos marejados de lágrimas.

Quando se aproximou o momento da partida do sr. Honeythunder, o sr. Crisparkle ficou o tempo todo com o relógio na mão. Os quatro jovens ouviram o tique-taque do relógio. A srta. Twinkleton disse que se levava vinte e cinco minutos para chegar a estação dos ônibus (quando, na realidade, eram, apenas, cinco). Todo mundo procurou ajudá-lo a vestir o seu paletó e a empurrá-lo para a claridade ia lua, e o sr. Crisparkle e Neville enfiaram-no no ônibus, — meia hora antes da partida.

CAPÍTULO 7 – O QUE É ESTA AMEAÇA?

Sei muito pouco a respeito do sr. Honeythunder — declarou Neville quando ele e o sr. Crisparkle retomavam para casa, após haverem se despedido do sr. Honeythunder.

— Não sei quase nada.

— Então, como ele se tornou o tutor de vocês?

— Minha irmã e eu viemos do Ceilão. Nosso pai morreu e nossa mãe casou novamente. Depois, ela também morreu e o seu segundo marido tornou nosso tutor. Ele nos odeia. Gosta apenas de dinheiro. Ele não nos dá alimento suficiente, nem roupas. Vivíamos uma vida miserável. Quando ele também estava para morrer, passou-nos à tutela do sr. Honeythunder. Para

mim, foi muito bom que aquele nosso padrasto tivesse morrido, porque senão eu teria de matá-lo.

O sr. Crisparkle parou e ficou por alguns instantes, sob a luz do luar olhando para Neville com surpresa.

— Isso é uma coisa horrível para se dizer!

— Você nunca o viu bater em sua irmã, mas eu vi mais de uma ou duas vezes. Eu nunca consigo esquecer isso.

— Nem mesmo as lágrimas de uma irmã poderiam perdoar as palavras que você usou.

— Sinto muito. Mas preciso colocá-lo diretamente na questão. Você falou das lágrimas da minha irmã. Minha irmã nunca deixaria cair uma lágrima. Aquela vida miserável tornou-me secreto e vingativo. Tenho um temperamento agressivo e odeio com muita facilidade. Há algo de besta selvagem no meu sangue mas minha irmã superou essas coisas melhor do que eu. Nada em nossa miséria jamais a abateu, embora aquilo sempre me enfraquecera. Durante seis anos, fugimos seis vezes e fomos trazidos de volta para casa e cruelmente punidos. Todas as vezes foi ela quem planejou a fuga. Cada uma das vezes ela trajou- -se de garoto e mostrou a ousadia de um homem.

— Vamos caminhar um pouco — sugeriu o sr. Crisparkle — antes de regressarmos para casa.

— Estou lhe contando isso — continuou Neville — porque desejamos que você nos compreenda e nos ajude. Quando chegamos, minha irmã e eu tínhamos decidido nos desentender com você e fugir novamente. Mas, agora, já decidimos gostar de você.

— Você não conversou com a sua irmã desde que se encontraram comigo. Então, como sabe que ela decidiu isso?

— Fomos nascidos à mesma hora, no mesmo dia. Há uma completa compreensão entre nós, mesmo que nenhuma palavra seja trocada entre nós dois.

Caminharam por algum tempo em silêncio. Depois, Neville perguntou:

— Este sr. Edwin Drood — ele estudou ou estuda com você?

— Nunca estudou comigo. Ele vem aqui para visitar o seu parente, sr. Jasper.

— A srta. Bud é parenta dele?

Ora, por que será que ele está perguntando isso, pensou o sr. Crisparkle. Em seguida, informou Neville da história de Edwin e Rosa e o arranjo do casamento de ambos.

— Ah! é isso? — observou o jovem. — Agora compreendo porque ele se comporta como se fosse dono dela.

Entraram em casa. O sr. Jasper estava sentado ao piano e Rosa cantando. Ele estava tocando sem olhar para a partitura, mas seguia-lhe os lábios com os olhos, dando-lhe, baixinho, de vez em quando, a nota. Helena estava de pé, com um dos braços entrelaçado em Rosa, mas com os olhos fixos no sr. Jasper, um lampejo de compreensão passou entre ela e o seu irmão, quando ele entrou. Neville aproximou-se, parou perto do piano, numa posição oposta à cantora e ficou admirando-a. Edwin estava sentado, falando com a srta. Twinkleton. A canção prosseguia. Era uma canção de amor, cheia de tristeza e a voz meiga e jovem transmitia muita ternura.

Quando Jasper observou os lindos lábios ou murmurou uma nota, a voz tornou-se menos firme até que repentinamente a cantora explodiu em lágrimas:

— Não posso aguentar isso. Estou apavorada! Levem-me embora.

Com um movimento rápido, Helena conduziu Rosa para sentar-se, e ajoelhou-se ao lado dela. Colocou uma mão na boca de Rosa e informou aos outros:

— Não é nada. Não falem com ela durante algum momento. Vai ficar boa logo.

As mãos de Jasper ergueram sobre as teclas do piano, como se estivesse esperando para continuar.

— Pussy não está acostumada a cantar para audiência — declarou Edwin. — Além disso, Jasper você é um mestre tão cuidadoso e espera

tanto dela, que faz que ela o tema. Não resta dúvida.

— Não resta dúvida! — repetiu Helena.

— Você não teria medo dele, srta. Helena?

— Nunca, em tempo algum! Nunca!

Levaram Rosa para fora, a fim de tomar um pouco de ar. Quando ela voltou, o lugar de Jasper estava vazio.

— Jasper foi se embora — declarou Edwin. — Temo que ele tenha se zangado por ter sido chamado de criatura terrível, que a apavorou.

Ela não disse nada, mas pareceu despreocupar-se.

*

Edwin e Neville foram acompanhar a srta. Twinkleton e as duas garotas até à escola. A cama de Helena foi colocada no quarto de Rosa.

— Estive o dia todo temendo este momento — comentou Helena. Estou com medo de meu encontro com as outras garotas.

— Não somos muitas e somos boazinhas — respondeu Rosa. — Pelo menos, as outras o são.

— E você também — afirmou Helena rindo, olhando para a sua linda face e pousando uma das mãos sobre o seu ombro, com ternura. — Você vai ser minha amiga, não vai?

— Espero que sim. Mas parece tolice dizer isso. Você é muito mais forte do que eu. Você tem força para me esmagar.

— Penso que você está fazendo luxinho.

Estou? — retrucou Rosa, rindo quase que tristemente. — Que pena que Edwin não o sinta mais.

— Mas na certa ele deve amá-la com todo o seu coração.

— Talvez, a culpa seja minha. Estamos sempre nos desentendendo. Seja uma amiga para mim, por favor. Não me entendo a mim mesma e preciso de uma amiga, que possa entender-me. Preciso muitíssimo de uma amiga.

Helena beijou-a e, segurando ambas as suas mãos indagou:

— Quem é o sr. Jasper?

Rosa afastou a cabeça e informou:

— É o tio de Edwin e meu professor de música.

— Você não o ama?

— Ugh! — levou as mãos ao rosto e sacudiu a cabeça com medo e horror. — Oh! não, não, não! Não fale isso! Ele me causa pavor. Ele vive nos meus pensamentos como um fantasma terrível. Sinto que nunca posso livrar-me dele! Tenho a impressão que ele poderia passar, através dessas paredes, quando o seu nome é mencionado!

Ela olhou ao redor, como se temesse vê-lo de pé, na sombra, atrás dela.

— Diga-me mais alguma coisa a respeito, queridinha. Você faz referência a ele, como se ele a tivesse a ameaça c: de maneira terrível!

— Ele nunca falou nada a mim a respeito disso, nunca!

— Que ele fez?

— Ele fez de mim uma sua escrava, com seus olhares. Tem-me forçado a compreendê-lo sem dizer uma palavra! Tem me compelido a manter em silêncio, sem ameaça. Quando eu canto, ele nunca afasta os seus olhos dos meus lábios. Quando ele toca, a música, ele próprio está nos sons, cochichando que ele me persegue como um namorado e forçando a manter-me em silêncio. Tento evitar os seus olhos, mas ele me força a vê-los. Às vezes, uma sombra sobrevém neles e ele parece esvoaçar numa espécie de sonho, e, então, parece ameaçar-me mais ainda.

— Mas o que ele está ameaçando. O que é ameaçado?

— Não sei. Nem mesmo, jamais ousei pensar.

— E foi isso que aconteceu esta noite?

— Esta noite, ele observava os meus lábios com tanta insistência que me senti como se ele estivesse me beijando. Não pude suportá-lo e tive de chorar. Nunca diga isso a ninguém. Edwin o adora. Mas você disse que

nunca, nunca teria medo dele. Isso me dá coragem para dizê-lo somente a você. Apoie-me. Fique comigo. Estou muito apavorada para ficar sozinha.

O rosto moreno de Helena curvou-se sobre Rosa e os cabelos pretos e selváticos caíram protetoramente sobre aquela forma pueril. Houve um lampejo de fogo naqueles olhos escuros. Que isso sirva de aviso a quem de direito.

CAPÍTULO 8 – A DISCUSSÃO

Os dois jovens, tendo levado as duas garotas à escola, iniciaram o caminho de volta para casa.

— Você vai ficar aqui por muito, Drood? — perguntou Neville.

— Não, desta vez — respondeu vagamente Drood. — Parto para Londres amanhã. No verão próximo deixarei a Inglaterra.

— Para onde você vai?

— Vou despertar a Índia ou o Egito. Ele respondia como se tivesse pouco respeito por Neville ou por suas perguntas.

— Você está lendo algo?

— Não. Trabalhando, trabalhando. Sou engenheiro. Construirei estradas e pontes. Quando alcançar idade, vou entrar na companhia do meu pai. Até lá, Jasper é o meu tutor.

— Soube através do sr. Crisparkle de sua outra boa fortuna.

— Que você quer dizer com isso?

Neville havia falado com cuidado e timidamente. A resposta de Edwin era curta de sem nenhuma polidez.

— Espero que eu não tenha lhe causado nenhuma ofensa. Drood, falando de seu futuro matrimônio.

— Caramba — comentou Edwin, apertando o passo — todo mundo neste lugar não faz outra coisa senão comentar este assunto. Não sei como não usam o retrato de Pussy como tabuleta de anúncio de pensão.

— Puxei este assunto somente pensando que você iria sentir-se orgulhoso.

Neville já estava bastante impressionado com Rosa para zangar-se. Edwin, por sua vez, sentia-se atraído por Helena, para incomodar-se que o irmão dela falasse com ele tão fria e ousadamente.

— Não acho que as pessoas geralmente falem mais das coisas de que sentem mais orgulho, nem apreciam que outras pessoas falem a respeito. Mas eu levo uma vida bastante atarefada. Não sou um daqueles ledores, como você, que sabem tudo. Portanto, talvez eu possa estar errado.

Nessa altura, ambos estavam bastante zangados.

— Não parece ser muita polidez de sua parte — comentou Neville — falar assim com um estranho que não tendo as suas vantagens, vem aqui para recuperar o tempo perdido. Mas as minhas concepções de polidez foram aprendidas fora, entre pessoas estrangeiras.

— A melhor polidez entre qualquer povo é não se meter na vida alheia.

— Isso é demais. Você se julga muito importante — foi a resposta irada. — Na parte do mundo da qual eu venho, você receberia uma lição!

— Oh! De quem? E de que maneira? — Edwin voltou-se e encarou Neville. Nesse instante, uma mão colocou-se-lhe no ombro.

— Ned! Vamos parar com isso. Ouvi palavras ásperas entre ambos. O sr. Neville é um estrangeiro e você é o seu hospedeiro. E, sr. Neville — ele colocou uma mão sobre cada um dos ombros e caminhou entre ambos — você precisa controlar o seu temperamento... Vamos, minha casa fica logo ali. O vinho e os copos estão sobre a mesa. Vamos levar o sr. Neville conosco para tomarmos um trago de amizade juntos.

Assim, o sr. Jasper caminhava no centro, ainda com as mãos sobre os ombros de cada um dos jovens, em direção aos seus aposentos.

Lá, a primeira coisa vista, assim que Jasper acendeu as luzes, foi o retrato de Rosa, acima da lareira. Não era uma coisa que provavelmente pudesse aumentar os sentimentos amistosos dos dois jovens, mas Jasper (talvez não compreendendo o motivo do desentendimento de ambos) prontamente chamou-lhes a atenção sobre o quadro.

— O sr. reconhece este retrato, sr. Neville? — inquiriu ele, erguendo a lâmpada, procurando lançar mais luz sobre ele.

— Reconheço-o. Mas está longe de fazer justiça ao original.

— Oh! o sr. está sendo muito rigoroso no seu julgamento. Este quadro foi pintado por Edwin, que mo deu.

— Perdoe-me, Drood, se eu tivesse sabido...

— Este retrato é uma brincadeira. Apenas, uma brincadeira. Qualquer dia desses vou pintar um como deve ser, se ela o merecer — declarou Edwin, displicentemente, atirando-se e recostando-se numa cadeira.

O sr. Jasper havia-se voltado para aquecer o vinho. Parecia levar muito tempo para aquecer ou mexer. (Mexer... o quê?).

— Suponho — enunciou Edwin — que se você tivesse que pintar um quadro de sua amada...

— Eu não pinto e tampouco tenho amada.

— Bem, se eu tivesse que tentar pintar um retrato de sua irmã... um retrato sério, naturalmente... você iria saber o que sou capaz de fazer.

— Ela nunca o permitiria. Portanto, eu nunca terei chance de ver o que você é capaz de fazer. E posso suportar a perda.

Finalmente, Jasper voltou-se da lareira.

— Vamos, sr. Neville. Vamos beber à saúde de meu sobrinho Edwin.

Esvaziaram os copos.

— Olhe para ele — pediu Jasper, apontando com admiração para Edwin! — Veja onde ele se coloca tão despreocupadamente. O mundo está todo à sua frente para escolher o que ele quer. Ele tem à sua frente uma vida de trabalho interessante, uma vida de mudança e aventura ou uma vida de facilidade e amor, Olhe para ele.

O vinho parece que teve um efeito estranhamente rápido. O rosto de Edwin estava vermelho e os olhos brilhando.

— Olhe para ele e veja como ele parece não ligar para nada disso — continuou Jasper. — Parece não ter nenhuma preocupação em apanhar o fruto da árvore. Enquanto você e eu não temos nenhum futuro de trabalho interessante, ele tem excitação e amor.

— Eu me sinto como se tivesse de me desculpar por ter tido o meu caminho da vida feito tão macio — comentou Edwin. — Entretanto, ele pode não ser tão fácil... tão fácil como parece. — A voz de Edwin tinha se tornada grossa e indistinta. — Não tão fácil como parece... Não é verdade, Pussy? Não conseguimos nos entender muito bem ainda, não é Pussy? Você sabe o que quero dizer Jack. Jasper, dirigindo-se, ora ao retrato, ora ao tio.

Quando Neville falou, sua voz também estava grossa e indistinta.

— Talvez fosse melhor para Drood, se ele tivesse conhecido alguma dificuldade no curso da sua vida.

— E por quê? — indagou Edwin, meramente voltando os olhos para aquela direção — porque talvez fosse melhor para Drood se ele tivesse conhecido alguma dificuldade?

— Sim — assentiu Jasper com visível interesse — vamos saber o porquê.

— Porque as dificuldades teriam-no feito compreender que a sua boa fortuna não é necessariamente o resultado de seu próprio caráter e poder.

— Você já conheceu algumas dificuldades? — perguntou Edwin, levantando-se e encarando Neville.

— Eu já.

— E que você aprendeu?

O sr. Jasper olhava de um para o outro durante toda essa conversa.

— Aprendi que você dá muita importância a você mesmo, como já disse.

— Você acrescentou algo mais, penso eu. Diga-o de novo!

— Eu disse que, na parte do mundo de onde eu vim, você receberia uma lição.

— Apenas lá? É muita distância. É uma distância sem perigo.

— Que seja aqui, então! — declarou Neville, erguendo-se com fúria. — Ou em qualquer parte. Sua vaidade é intolerável. Você fala se fosse um

prêmio raro e precioso, em vez de ser um fanfarrão comum. Você é um camarada comum. Um gargantão comum.

— Ora, você pode conhecer algum fanfarrão negro comum, mas não pode julgar um branco.

Essa observação a respeito de sua .cor escura tornou Neville tão furioso que ele atirou o resto do vinho do seu copo em Drood e teria atirado o copo, após, se Jasper não lhe tivesse segurado o braço.

— Sr. Neville, dê-me este copo. Tenho que pegar este copo! — Mas Neville deu um empurrão em Jasper e atirou o copo com violência a lareira, e os cacos se espalharam pela sala; em seguida retirou-se incontinenti da casa.

Era costume do sr. Crisparkle permanecer acordado até muito tarde, quando todos já haviam ido deitar-se. Ficava tocando piano baixinho, de maneira a não acordar sua mãe. Assim que Neville bateu, o próprio sr. Crisparkle atendeu prontamente à porta, abrindo-a com a lâmpada na mão.

— Neville neste desalinho! Onde você esteve?

— Estive na casa do sr. Jasper, com o sobrinho dele!

— Entre.

— Comecei mal, sr. Crisparkle, terrivelmente mal.

— É verdade. Você está embriagado, Neville.

— Estou. Mas posso provar-lhe que bebi pouco. Entretanto, a bebida afetou-me de maneira estranha e repentina. E acho que foi a mesma coisa com o Jasper e seu sobrinho.

— Pode ser — foi a resposta.

— Acabamos discutindo. Ele insultou-me. Eu lhe disse que eu me descontrolo com muita facilidade.

— Neville tenho que dizer-lhe para não conversar comigo com os punhos fechados. Abra essa mão, por favor.

— Ele insultou-me demais. Seu comportamento foi além do que pude aturar. Ele estava disposto a me enraivecer. Fez que eu me tornasse tão

furioso, pois eu poderia tê-lo esbofeteado.

— Você fechou o punho novamente — observou Crisparkle, calmamente.

— Perdoe-me, sr. Crisparkle.

— Vou levá-lo ao seu quarto. Devagarinho, por favor. Todos estão dormindo.

Chegando ao quarto, o jovem atirou-se numa cadeira, colocou os braços sobre a mesa e colocou a cabeça sobre eles, numa postura de miserável arrependimento. Voltando-se, o sr. Crisparkle viu aquela sua atitude, através da porta aberta. Ele entrou no quarto e tocou o garoto com mão carinhosa.

— Boa noite.

Uma explosão de choro foi a única resposta. Talvez ele tivesse tido outra resposta pior. Talvez poucas respostas pudessem ter sido melhores.

Quando o sr. Crisparkle descia as escadas, ele ouviu uma leve batida na porta. Ele abriu-a. Era o sr. Jasper que trazia o chapéu de Neville.

— Tivemos uma cena horrível com ele — comentou Jasper em voz baixa.

— Foi tão má quanto aquela?

— Ele foi um assassino!

— Não, não, não use palavras tão fortes!

— Ele teria deixado meu caro sobrinho morto aos meus pés, não tivesse eu tido destreza e força para contê-lo. Há perigo verdadeiro se os dois se encontrarem de novo. Foi terrível! Há algo de besta selvagem nesse seu sangue escuro... Ele é perigoso — observou Jasper.

— Boa noite — disse Crisparkle. Ele entrou e pendurou o chapéu de Neville na saleta, e foi deitar-se, muito pensativo.

CAPÍTULO 9 – DEUS SALVA A AMBOS

De maneira um tanto misteriosa, antes da primeira refeição, a notícia da briga entre Edwin e Neville chegara à escola da srta. Twinkleton, e os comentários eram que Neville havia atacado Edwin Drood, e que o irmão da srta. Helena Landless havia atirado um copo contra o sobrinho do sr. Jasper. Mais tarde, a notícia passou a ser que o irmão da srta. Landless atirara uma faca contra o sobrinho do sr. Jasper. Depois, passou a ser uma garrafa e uma faca, e que o irmão da srta. Landless disse que admirava a srta. Rosa Bud, e que Edwin Drood disse que ele não tinha nenhum direito de admirar a srta. Bud e que então (assim dizia a cozinheira da escola da srta. Twinkleton) o irmão da srta. Landless atirou primeiro o copo de vinho, depois a garrafa e faca contra o sr. Edwin Drood.

Rosa colocou um dedo em cada ouvido e foi para um canto da sala, pedindo-lhe que não lhe falassem mais nada a respeito. Helena Landless solicitou permissão da srta. Twinkleton para sair e ir ter com o irmão, deixando muito claro que ela sairia com ou sem permissão. Ela foi à casa do sr. Crisparkle para saber o que realmente havia acontecido. Ao voltar, ela informou Rosa. Explicou-lhe como Nexille havia sido insultado, e que o desentendimento surgira em virtude de Edwin ter tomado as coisas muito facilmente, e disse que Neville pedia que Rosa o perdoasse.

Exatamente, naquela ocasião difícil o tutor de Rosa, o sr. Grewgious, foi visitá-la. Era um homem secarrão, amarelado, cor de areia, dando em tudo a impressão de que ao fazê-lo a natureza o recortasse com uma faca de algum material grosseiro, colocando-o em seguida no mundo sem ter tido a preocupação de terminá-lo. Seu pescoço era muito comprido numa extremidade dele e as pernas muito compridas na outra extremidade. Entretanto, o sr. Grewgious tinha certo jeito para causar boa impressão.

Ele estava sentado na sala de espera da srta. Twinkleton, quando Rosa chegou para recebê-lo.

— Minha querida — enunciou ele — estou contente em vê-la. Como você está com ótima aparência. Vou dar-lhe uma cadeira para você sentar-se. Ele esperou que ela se acomodasse. Depois, sentou-se. Passou a mão sobre os seus cabelos cor de areia. Em seguida, tirou um caderninho de um dos bolsos e um pedacinho de lápis do outro.

— Tomei nota — declarou ele — dos pontos que temos que discutir. Deixe-me ver... item 1 — Bem e feliz: Você está bem e feliz, minha querida?

— Sim senhor — respondeu Rosa.

Ele passou a mão outra vez pelos cabelos. Item 2 — Libras, xelins, *pence*:

Sua voz estava seca e dura. Contudo, parecia exprimir amabilidade.

— Você acha que tem dinheiro suficiente para tudo que necessita?

— Sim, o suficiente.

Rosa mantinha os olhos baixos e os seus dedos brincavam com a barra do seu vestido. Já calculava o que seria o item 3.

— Ha!, sim, o item 3! Casamento!

Ele passou novamente a mão pelos cabelos e, em seguida, sobre os olhos, sobre o nariz e o rosto.

— O sr. Edwin tem vindo visitá-la como ficou combinado? — perguntou o sr. Grewgious. — Sim, você disse que sim em suas cartas. E você gosta dele e ele de você?

— Eu gosto muito dele — assentiu Rosa.

— Isso é que eu falei, minha querida. E vocês trocam correspondências?

— Sim — assentiu Rosa, pensando das discussões que ambos tiveram por cartas.

O sr. Grewgious prosseguiu.

— Creio que eu já a informei o que ficou escrito no testamento do seu pai. Acho certo deixar uma cópia em suas mãos. Embora o sr. Edwin saiba o que consta do testamento, acho melhor deixar outra cópia do documento nas mãos do sr. Jasper.

— Não, não em suas mãos! — pediu Rosa! — A cópia não deve ficar diretamente com Edwin?

— Ora, sim, se você o quer.

— Quero que fique com ele — declarou Rosa. — Não quero que o sr. Jasper interfira conosco de maneira nenhuma — acrescentou.

— É natural, suponho — anuiu o sr. Grewgious. — Eu tenho 1.700 libras guardadas do seu pagamento anual. Tenho o poder de pagar para os preparativos de seu casamento com esse dinheiro.

— O sr. poderia, por favor, informar-me se estou certa no que vou dizer? Meu pai e pai de Edwin foram amigos muito chegados e eles fizeram esse acordo juntos, para que Edwin e eu pudéssemos ser amigos muito caros e unidos, depois deles?

— Exatamente!

— Para o bem e para a felicidade duradouros de nós dois?

— Exatamente.

— Ele não nos amarra? Nós não perderemos nada, nem sofreremos nenhuma desvantagem, se... ?

— Não se alarme, minha querida. Ora! Vejo lágrimas nos seus olhos somente em pensar numa possibilidade de não casar com Edwin. Mas não. Não havia perda de nenhum lado. Não havendo casamento, eu permanecerei seu tutor até você alcançar maioridade. Isso é tudo. Nada pior do que isso.

— E Edwin?

— Ele entrará na companhia e receberá todo o dinheiro a que fizer jus, quando atingir vinte e um anos. O arranjo para esse casamento é um desejo, um plano. Mas as pessoas podem casar somente levados pelos seus próprios impulsos, pela sua livre escolha, porque acreditam (ainda que erradamente) que se ajustam um ao outro e trarão felicidades recíprocas.

O sr. Grewgious enunciava essas palavras como se estivesse repetindo uma lição. Em seguida, ele observou:

— É claro que no seu caso é perfeitamente desnecessário que eu diga tudo isso, é meu dever deixar as coisas certas para você. Agora o item 4.

Desejos. Minha querida, há algum desejo de sua parte, que eu possa ajudar a alcançar?

Rosa abanou a cabeça duvidosamente.

— Há algum conselho ou ordem que eu possa receber de você, a respeito dos seus negócios?

— Eu gostaria de acertá-las com Edwin, primeiro — comentou Rosa, brincando com a barra do vestido.

— Naturalmente, vocês dois devem estar de acordo em tudo. Você o espera aqui logo?

— Ele partiu esta manhã. Voltará para o Natal. Posso pedir que o sr. venha no Natal, se eu tiver algo especialmente importante para lhe dizer?

— Ora, certamente, certamente. Sou um homem muito esquisito. Não me ajusto facilmente ao círculo social. Como não tenho nenhum outro compromisso, sentir-me-ia bastante orgulhoso se você desejasse me ver no Natal.

Rosa pôs a mão no seu ombro, e deu-lhe um beijo na testa. — Puxa vida! — declarou Grewgious. — Obrigado, querida! A honra é quase igual ao prazer.

O sr. Grewgious achou que era seu dever fazer uma visita ao sr. Jasper antes de deixar Clisterham. Dirigiu-se para a sua casa, mas, a porta estava fechada e um papel achava-se afixado na mesma em que se lia — “Catedral”. Portanto, ele dirigiu-se para a catedral, cuja porta estava aberta.

— Puxa vida! disse ele — é como olhar na garganta da antiguidade. Lá no fundo, a voz do padre, rezando uma prece, mal podia ser ouvida. Enquanto fora o sol banhava os outeiros e os vales com a sua luz, lá no interior da catedral tudo era escuridão. O murmúrio bem fraco da voz do padre continuava. De repente, a voz do coral explodiu e encheu o ambiente como um oceano de música. A voz ergueu-se novamente por um momento e, em seguida, novamente o oceano elevou-se, enchendo as arcadas os pilares, chegando até no alto da torre. Depois, de novo, tudo foi calmo... silêncio!

O sr. Grewgious caminhou até ao extremo fundo da catedral e lá encontrou o sr. Jasper saindo.

— Aconteceu alguma coisa? Alguém mandou-o procurar-me aqui? — perguntou o sr. Jasper.

— Não, não aconteceu nada. Vim espontaneamente ver a srta. Rosa, e agora estou voltando para casa. Vim, apenas, para dizer a ela o significado exato do acordo feito pelos seus pais.

— E qual é o significado exato?

Os lábios de Jasper estavam brancos ao fazer essa pergunta.

— Vim para dizer a ela — declarou Grewgious — que o arranjo não pode ser interpretado como compromisso de casamento. Suponhamos que houvesse falta de afeição ou que um deles não estivesse disposto a realizar o plano...

— Posso perguntar se o sr. teve alguma razão especial para vir explicar-lhe isso? — interrompeu Jasper.

O sr. Grewgious retrucou quase agressivamente:

— Estive, apenas, cumprindo o meu dever, senhor. — Em seguida, acrescentou: — sei do seu afeto pelo seu sobrinho, sr. Jasper. Quero que o sr. fique certo de que a minha atitude não encerra nenhuma dúvida contra ele, ou desrespeito.

— Tenho certeza — assentiu Jasper, sorrindo (mais seus lábios estavam ainda tão brancos que ele os mordida e os umedecia, enquanto falava) — tenho certeza de que ela não mostrou nenhum desejo de se afastar de Edwin.

— Você está certo — admitiu Grewgious. — Há, naturalmente, alguma delicadeza natural numa moça sem mãe (ele estava lembrando o que ela havia dito a respeito do sr. Jasper). — Ela tão-somente me fez sentir que todo acordo deve ser feito entre ela e o sr. Edwin. Não quer nem a minha nem a sua interferência, compreende?

O sr. Jasper tocou no seu próprio peito e comentou indistintamente:

— O sr. quer dizer que ela não me quer.

O sr. Grewgious tocou no seu próprio peito e respondeu:

— Eu disse que ela não quer a nós. Deixemos que eles tenham suas pequenas discussões juntos. O sr. Drood estará de volta aqui pelo Natal. Então, faremos qualquer acordo final, que possa surgir.

— Compreendo. Compreendo que pelo Natal eles completarão seus preparativos para o casamento em maio. O casamento será arranjado por eles mesmos e tudo que temos a fazer é colocar um ponto final no nosso papel de tutores nessa época. É assim que eu entendo a coisa — concordou o sr. Grewgious, quando apertaram as mãos para a despedida.

— Que Deus abençoe a ambos.

— Que Deus os salve — comentou Jasper.

— Eu disse “que Deus os abençoe” — emendou Grewgious, olhando para trás por sobre os ombros.

— Eu falei “que os salve”, respondeu Jasper. — Há alguma diferença?

CAPÍTULO 10 - DISCÓRDIAS

A sra. Crisparkle estava sentada num pequeno quarto no fundo, costurando. — A senhora não achava querida Ma, que está sendo um tanto dura demais com Neville?

— Não, não acho.

— Vamos discutir o assunto, Ma.

— Sou sempre aberta para discussões — disse a velha senhora.

— Bem, Neville tem certa razão. Ele foi muito gravemente insultado por Drood.

— E Neville estava embriagado — acrescentou a senhora.

— Eu acredito que ambos os jovens estavam na mesma situação, a esse respeito.

— Eu não acredito afirmou a senhora.

— Por que não?

— Desculpe-me, mas eu não acredito. Entretanto, continuo aberta para discussão.

— Não sei como podemos discuti-lo, se a senhora fala assim.

— Censure Neville pelo fato, não a mim observou ela.

— Mas, Ma, por que Neville?

— Porque ele voltou embriagado, desonrou esta casa e mostrou grande desrespeito pela família.

— Mas ele estava embriagado na ocasião, agora está muito arrependido pelo que fez.

— Acredito que eu nunca iria saber do fato, mas o sr. Jasper foi muito amável, no dia seguinte, depois do serviço religioso, na catedral. Ele se aproximou e declarou que esperava que eu não tivesse ficado alarmada.

— Para lhe dizer a verdade, Ma, acho que eu teria guardado silêncio à senhora a respeito do que aconteceu, se eu pudesse. Eu estava procurando Jasper na catedral para sugerir-lhe o seguinte: objetivando o bem dos dois jovens, deveríamos guardar o assunto entre nós, quando o encontrei falando com a senhora. Então, já era tarde. Agora, o assunto virou comentário na cidade. É uma grande pena. É estranho como a notícia se espalhou rapidamente.

— Eu afirmei na ocasião e digo, agora — respondeu a sra. Crisparkle — que espero Neville endireitar-se, mas eu não acredito que ele o fará.

— Fico muito triste, ouvindo-a dizer isso. Ele tem estado trabalhando com muito afinco. É muito atento e tem feito grande progresso. Tem-se revelado um jovem muito amigo e obediente.

— Isso — retrucou a senhora — é devido à sua irmã. Você sabe quanta influência ela exerce sobre ele. E que garota esperta! Tudo que ele lê com você, ele lê com ela. Dê à garota a sua devida participação no louvor.

O sr. Crisparkle pensou nas muitas vezes que viu os dois irmãos juntos estudando um dos seus velhos livros de colégio. De manhãzinha, quando ele saía para um rápido passeio à margem do rio ele os via. Também à tarde, quando enfrentava o vento, ao pôr do sol, tendo subido para sua favorita

torre arruinada, de onde ele podia vislumbrar e ver o mundo escurecendo, os dois irmãos estavam lá estudando.

*

Depois do serviço da noite, o sr. Crisparkle saiu para um passeio a pé pela torre favorita e subiu ao topo sem fazer nenhuma parada para tomar fôlego. Parou para olhar lá embaixo no rio. O mar havia trazido grande quantidade de erva daninha, centenas de pássaros marinhos circulavam sobre as ondas em grande confusão. Uma luz raivosa brilhava no céu, lá longe, na direção do mar e navios de velas marrons regressavam, com medo da tempestade. Ao olhar lá embaixo, viu Helena e Neville passeando. Estivera pensando neles o dia todo. Desceu para falar-lhes.

— Que entardecer violento, não srta. Landless? Você não acha esse passeio costumeiro com o seu irmão, muito frio?

— Não, esse é o nosso passeio favorito. É tão calmo.

— É. É um dos lugares onde se pode conversar sem medo de interrupção... como desejo falar, agora. Neville, acredito que você tenha contado tudo à sua irmã. Contou-lhe que eu tenho estado pressionando você com frequência para se desculpar a respeito do que aconteceu?

Ele olhou para Helena, e ela assentiu:

— Sim.

— É uma grande pena, porque isso tem dado às pessoas uma ideia errônea de Neville. Todos estão pensando ser ele um rapaz perigoso, incapaz de controlar o seu temperamento e todos o evitam.

— Sim — anuiu Helena. — Tenho sentido e ouço-o todos os dias.

— Naturalmente, com o tempo, eles conhecerão a verdade e ele provará que foi mal compreendido. E mais conveniente seria tomar iniciativa agora. E seria prudente fazer isso, porque não há menor dúvida de que Neville estava errado.

— Ele foi considerado culpado — respondeu Helena. — Entretanto, foi insultado e ferroteado e levado à fúria. O sr. quer que Neville se lance

aos pés do sr. Drood e dos do sr. Jasper, que vive falando mal dele diariamente?

— No entanto, vocês ambos admitem que Neville errou, naquela violenta reação. Porque não dizer isso e pedir desculpas?

— A grande verdade é comentou Neville — que ainda sinto raiva, quando penso naquela noite.

— Neville — observou o sr. Crisparkle — você acaba de repetir aquela ação com suas mãos do jeito que eu não gosto.

— Desculpe-me, senhor, ainda estou muito zangado.

— Eu vim esperando coisa melhor.

— Lamento desapontá-lo. O tempo se encarregará de fazer que o senhor abrande e dome o seu difícil discípulo, mas não chegou esse momento ainda, apesar de meus esforços.

Havia um aspecto agressivo nos olhos de Neville. Helena respondeu à questão com sinal sem palavra e Neville prosseguiu:

— Não tive ainda a coragem de dizer-lhe, senhor, que eu deveria ter dito, quando o senhor falou comigo pela primeira vez a respeito daquele assunto. Eu admiro a srta. Rosa tanto, que não agüento vê-la tratada como o é pelo jovem Drood. Mesmo que eu não estivesse zangado pelos seus insultos dirigidos a mim, teria me zangado por ela.

— A srta. Bud vai casar logo — declarou Crisparkle. — De sorte que a sua grande admiração por ela logo será superada. Ela é amiga de sua irmã. Surpreende-me que a sua irmã não tenha procurado sopitar esses seus sentimentos.

— Ela tem tentado, mas inutilmente. Aquele sujeito não tem capacidade de sentir por ela o que eu sinto. Ele trata-a como coisa de brincadeira. Ele é indigno dela. Eu a amo, e odeio e desprezo a ele.

Helena segurou seu braço.

— Neville! Neville!

O sr. Crisparkle caminhou alguns passos, pensando o que fazer. Depois observou:

— Lamento ver em você, Neville, traços de um caráter tão raivoso e violento como a noite que agora nos envolve. Isso é um assunto sério, e eu lhe falo de maneira mais séria ainda. Primeiramente, esse seu desentendimento com o jovem Drood não pode prosseguir. Não posso permiti-lo, sabendo o que faço e com você morando em minha casa. Estou inclinado a admitir que você tenha sua parcela de razão. Farei o possível para ajudá-lo. Agora, quanto à sua admiração pela srta. Bud, espero que você não tenha dito isso a ninguém senão à sua irmã e a mim.

Helena respondeu:

— Somente nós três o sabemos.

— Não chegou a conhecimento dela... sua amiga?

— Não, posso jurá-lo! — afirmou Helena.

— Então, peço que você jure por mim, Neville, que isso seja mantido em segredo que você tente (isso com toda a força de seu coração) remover todos os traços disso de sua mente.

O jovem tentou falar algo, mas não conseguiu.

— Vou deixá-lo a sós com a sua irmã. Você me encontrará mais tarde no meu quarto.

*

Caminhando de volta em direção à catedral, o sr. Crisparkle foi pensando na melhor maneira de fazer o arranjo, que acabava de prometer. Seria melhor escrever ao jovem Drood? Ou falar com o sr. Jasper? Foi quando ele avistou a luz da casa do sr. Jasper. “Vou falar com ele agora” — pensou.

O sr. Crisparkle não recebeu resposta à sua batida na porta. Ao entrar, encontrou Jasper deitado, dormindo, em frente da lareira. Por muito tempo depois, ele teve motivo de se lembrar como Jasper saltou, entre dormindo e acordado, dizendo:

— O que é? Quem fez isso?

— Sou eu, sr. Jasper.

— Eu estava sonhando. Que bom que fui acordado. O sr. é sempre bem-vindo.

O sr. Crisparkle sentou-se e falou:

— Não tenho certeza se o motivo de minha visita será tão bem-vindo quanto eu. Venho ao interesse da paz. Desejo estabelecer a paz entre os dois jovens.

Um ar estranho passou pelo semblante do sr. Jasper, um ar realmente muito estranho que o sr. Crisparkle não conseguiu entender.

— Já falei com Neville — declarou o sr. Crisparkle. — Quero que o sr. faça que o seu sobrinho lhe escreva uma curta nota, em seu estilo espontâneo, dizendo que deseja apertar mãos dele. Edwin é um garoto dotado de muito bons sentimentos. Todos devemos admitir que Neville foi gravemente insultado.

Jasper virou o rosto, ainda com aquele ar estranho, em direção ao fogo. O sr. Crisparkle continuou, olhando para ele e notou que aquele ar estranho se tornara ainda mais peculiar do que antes. Parecia que Jasper estava fazendo algum cálculo interno bem íntimo. Mas como podia ser aquilo? A respeito de quê? Calculando o quê?

— Sei que você não se sente muito a favor do sr. Neville... — continuou o sr. Crisparkle.

Então, Jasper o interrompeu:

— De fato!

— Mas — observou o sr. Crisparkle — eu tenho a sua promessa solene de que no futuro ele vai se comportar bem melhor. Tenho certeza de que ele a cumprirá.

— O sr. realmente se sente tão seguro de que ele a cumprirá?

— Sinto-me!

O ar de um cálculo estranho desapareceu do semblante do sr. Jasper.

— Então, o sr. tira um grande peso de minha mente — comentou Jasper.

— Tirá-lo-ei.

O sr. Crisparkle ficou muito contente e agradeceu-o calorosamente.

— O sr. ajudou a afastar um pouco do meu medo — afirmou o sr. Jasper. — O sr. mantém um diário?... O sr. poderá rir-se disso: pode adivinhar quando eu escrevi isso: “Na noite passada, quando eu presenciei, fiquei cheio de pavor sobre o que poderá acontecer ao querido rapaz. A louca raiva desse Neville Landless, sua força e sua fúria, sua violenta tentativa de destruir o objeto de seu ódio terrificaram-me. A impressão foi tão marcante em mim, que por duas vezes fui até ao quarto do meu caro sobrinho para me certificar se ele estava dormindo, sem perigo, se ele não estava deitado numa poça de sangue”.

E aqui está o que escrevi na manhã seguinte: “Edwin levantou-se e viajou, jovial como sempre. Avisei-o, mas ele disse que é um homem tão bom quanto Neville. Eu disse: Pode ser, mas você não é homem mau”. Viajei com ele até onde pude e deixei-o muito a contragosto. Não consigo afastar essa preocupação de minha mente.

— Repetidamente — observou Jasper, voltando as páginas do seu livro — essa preocupação tem continuado em mim.

— Bem, acho que agora, depois da certeza que lhe dou, você vai atirar esse livro ao fogo.

No terceiro dia, depois da conversa, Jasper procurou o sr. Crisparkle, mostrando-lhe a seguinte carta:

“Meu caro Jasper,

Sinto-me sensibilizado pela conversa que você manteve com o sr. Crisparkle, a quem respeito enormemente. De pronto e abertamente, digo que eu também me comportei mal na ocasião, tão mal quanto o sr. Landless, e que desejo que o assunto seja esquecido, que tudo fique bem de novo. Convide o sr. Landless para o jantar na véspera do Natal.

Que seja um jantar apenas para nós três, e que na ocasião nós trocaremos aperto de mãos, todos nós; e então não se tocará mais no

assunto.

Com todo o afeto,

Edwin Drood

P.S. Lembrança à srta. Pussy na próxima aula de música que lhe der

— Você convidará o sr. Neville, então? — perguntou Crisparkle.

— Sim, e o esperarei — respondeu o sr. Jasper.

CAPÍTULO 11 – UM ANEL DE DIAMANTE E RUBI

Atrás da parte mais antiga de Holborn (uma rua movimentada de Londres) há dois pátios muito calmos, chamados “Staple Inn”. Quando se penetra neles, vindo da rua barulhenta, entra-se inesperadamente num mundo de silêncio. Uns poucos pardais cor de fumo chilreiam nas árvores como se dissessem uns aos outros: “Vamos fazer de conta que estamos no campo”; e uns poucos metros de grama e solo dão aos seus pezinhos algo de sensibilidade do campo. As áreas são cercadas de prédios antigos, nos quais vivem advogados e onde mantêm os seus escritórios. Não havia nem vento, nem sol, em “Staple Inn”, em certa tarde de dezembro. Eram seis horas. Os pátios estavam cheios de neblina. De três janelas, num conjunto de cômodos na esquina, a luz do lampião bruxuleava palidamente. No interior de um dos cômodos, o sr. Grewgious achava-se sentado, escrevendo. Livros de assentamentos contábeis e caixas pretas de metal estavam cuidadosamente dispostas ao redor dele, nas prateleiras. Perto da janela, havia uma escrivaninha. Ao lado do fogo, havia uma poltrona e, no canto, uma mesa redonda. Depois do expediente do seu escritório, essa mesa redonda era trazida para o centro da sala, mudando-a, assim, de escritório de advogado para uma sala de estar. O dormitório do sr. Grewgious fica em cima, no lado oposto do topo da escada. Embaixo das escadas, achava-se um armário cheio de garrafas de vinho. Todos os dias, depois do expediente do escritório, o sr. Grewgious descia as escadas e atravessava a rua, dirigindo-se ao “Furnivals Inn” para jantar. Em seguida, voltava, tomava um copo de vinho, sentado na sua poltrona.

O quarto que ficava entre a escada e o quarto do sr. Grewgious era o do seu funcionário. Ali, estava sentado o seu funcionário Bazzard, que tinha mais ou menos trinta anos, olhos castanhos-escuros grandes e rosto pálido, dando a impressão de que precisava ser mandado ao padeiro para tostar a sua pele.

— Bem, Bazzard — enunciou o sr. Grewgious ao entrar o seu funcionário. O que há?

— O sr. Drood — informou Bazzard.

— O que há com ele?

— Ele está aqui.

— Por que você não o manda entrar?

— Vou fazê-lo.

Assim, Edwin Drood entrou.

— Como vai, Edwin? Tire o paletó. Sente-se na poltrona, perto do fogo. Você vai ficar para jantar comigo, está certo?

— O sr. é muito amável — observou Edwin.

— Vou convidar Bazzard para ir conosco. Ele poderá não gostar, se eu não o convidar. Bazzard!

Bazzard apareceu novamente.

— Você vai jantar com o sr. Drood e comigo.

— Se recebo ordem para jantar, senhor, é claro que ó farei.

— Você não está recebendo ordem, está sendo convidado.

— Obrigado, senhor. Se é assim, não tenho nada a opor.

— Combinado. E talvez você pudesse me fazer a gentileza de dar uma chegada ao hotel e pedir-lhes que mande janta para três. Um bom jantar quentinho. O que tiverem pronto.

Bazzard partiu.

— Foi uma pequena delicadeza pedir-lhe que fizesse isso, porque ele poderia não gostar.

O sr. Grewgious aproximou-se postou-se de costas para o fogo:

— Acho que você veio para dizer-me que vai a Clisterham, a fim de pôr-se à disposição do tutor de Rosa para qualquer coisinha que ele deseja transmitir a ela, e para apressar as coisas, não é verdade?

— Venho vê-lo antes de me dirigir para lá, apenas como um ato de polidez.

— De polidez — comentou o sr. Grewgious — e não de impaciência? Eu estive em Clisterham há pouco. Você é esperado breve.

— Sim, soube que Pussy esteve à minha procura.

— Você tem um gatinho lá? — interpelou Grewgious.

Edwin corou um pouco antes de explicar.

— Eu a chamo Rosa de Pussy.

— Oh! sim? — retrucou o sr. Grewgious, passando a mão pelos cabelos. — É um tratamento muito amistoso.

— Eu ia ver P... isto é, a Rosa. Então mudei de idéia. Ela lhe disse alguma coisa a respeito dos Landlesses?

— Não. O que é Landless, uma fazenda? (Land é terra. Landless = sem terra, NT).

— Um irmão e uma irmã. A irmã tornou-se grande amiga de P..., quero dizer de Rosa. É uma garota muito linda. Pensei que tivesse feito qualquer referência sobre ela ou que o sr. a tivesse visto.

— Nem uma coisa, nem outra. Mas eis aí o jantar.

Bazzard voltou, acompanhado de dois garçons, para servirem a refeição. Um deles permaneceu na sala o outro desempenhou o papel de garçom voador. Este trazia tudo, enquanto o que ficou na sala verificava o que estava faltando...

Depois do jantar eles sentaram-se perto do fogo, ao lado de um garrafa de vinho.

— Eu bebo à saúde da srta. Rosa — declarou Grewgious.

— À srta. Rosa, disse Bazzard, erguendo o copo de vinho.

— À P... à Rosa — secundou Edwin.

— Sou um homem contraditório e tenho pouca imaginação — declarou o sr. Grewgious — mas acho que sou capaz de pintar um quadro de um estado amoroso de memória, esta noite.

— Vamos fazer o quadro? — inquiriu Bazzard.

— O sr. Edwin me corrigirá, se eu cometer algum erro. Bem, eu penso que a verdadeira memória amorosa é completamente cheia do retrato da pessoa amada. Seu querido nome é precioso para ele e não pode ser pronunciado ou repetido sem emoção. E se ele têm qualquer nome carinhoso ou amoroso para ela, este deve ser mantido pelo namorado e não, apenas, para os ouvidos comuns. É seu especial direito chamá-la por esse nome, quando estão a sós.

O sr. Grewgious sentou-se erecto em sua cadeira, com as mãos sobre os joelhos, e continuou:

— O sr. Edwin corrigir-me-á se eu estiver errado, mas eu creio que o verdadeiro namorado está sempre ansioso por estar na presença da sua amada. Não sente prazer em nenhuma outra companhia, não sente nenhuma existência real se estiver separado dela.

Edwin tornara-se vermelho, branco, à medida que certos pontos do seu retrato vinham à luz. Finalmente, pôs-se a olhar para o fogo, mordendo os lábios.

— Meus pensamentos e suposições poderão estar errados em muitos aspectos — continuou o sr. Grewgious. — O sr. Edwin me corrigirá, se eu estiver errado, mas suponho que não há frieza, nem preguiça, nem dúvida,, nem um estado mental de meio-fogo-meio-fumaça, onde existe verdadeiro amor. Diga-me, será que estou certo na elaboração do meu quadro?

Ele atirou essa pergunta a Edwin.

— Eu diria sr.... Como o sr. me pergunta... — comentou Edwin.

— Sim, pergunto a você. Você deve sabê-lo.

— Eu diria, que o senhor está sendo um tanto intransigente na sua consideração sobre o relacionamento amoroso do homem. É possível que ele não mostre tudo o que sente; ou é possível...

Edwin fez uma pausa, tentando encontrar o resto de sua sentença.

— Não, é possível que ele não o faça afirmou o sr. Grewgious, com os olhos voltados para o fogo — mas que, então, não brinque com qualquer outro.

Edwin mordeu de novo o lábio e continuou fitando o fogo.

— E ele não deve fazer do seu tesouro um objeto de brincadeira. Que ele o coloque bem no coração — observou Grewgious, agitando o dedo em direção às brasas à sua frente. Depois fez-se silêncio.

O sr. Grewgious encheu novamente os copos.

— Vou encher o copo de Bazzard, embora ele esteja quase dormindo. Poderá não gostar, se eu o não fizer.

— E agora, Edwin — declarou ele, enxugando a boca — precisamos entrar num outro assunto. Você recebeu uma cópia do testamento do falecido pai de Rosa, que lhe mandei?

— Sim, recebi.

— Você deveria ter-me enviado uma carta, dizendo que o recebera. Mas vamos deixar isso de lado. Segundo aquele testamento, eu tenho que lhe passar uma certa coisa, no instante de uma determinada ocasião, que eu achar mais propícia. Acho que não pode haver melhor oportunidade do que esta.

Tirou uma chave do bolso, foi à escrivaninha, abriu-a e tirou de uma gaveta secreta um pequeno envelope. Ao erguê-lo para que o jovem visse, sua mão tremeu.

— Sr. Edwin, dentro deste envelope, há este anel de diamante e rubi que pertenceu à mãe da srta. Rosa. Foi tirado de sua mão, na minha

presença, quando ela já estava morta. Espero nunca mais presenciar semelhante cena de pesar. Este anel foi-lhe dado, quando o seu marido lhe propôs casamento. Ele, à sua morte, colocou-o em minha mão e ordenou que eu o desse ao futuro esposo de Rosa. Até então eu deveria mantê-lo em meu poder, dentro deste envelope.

Houve alguma confusão no semblante do moço. Alguma hesitação em sua mão, quando o sr. Grewgious lhe entregou o anel.

— Quando você colocar este anel no dedo dela — continuou o sr. Grewgious — será uma promessa solene de sua fidelidade. Agora que você vai vê-la para os preparativos finais do casamento, leve-o.

O jovem recebeu o anel.

— Se algo estiver errado entre vocês, se você sente que está entrando neste matrimônio somente porque já espera por ele há muito tempo, peça-lhe, em nome de quem está vivo e de quem está morto que você mo traga de volta. E acordando Bazzard, exclamou:

— Bazzard, por uma questão de confiança estou entregando este anel de diamante e rubi a Edwin Drood, você está vendo?

— Estou.

Edwin estava louco para escapular e sentir-se sozinho. Vestiu o seu paletó, e Bazzard acompanhou-o até à porta. O sr. Grewgious pos-se a caminhar de um lado para outro. Ele estava impaciente e triste naquela noite.

— Espero que eu tenha agido certo — comentou ele. — Pareceu-me necessário dizer o que disse. O anel era dela. Foi difícil dispor dele. Será que voltará a mim? Tive-o comigo por muito tempo. Eu o prezava muito, muito... Imagino se ele sabia o quanto eu a amava, quando ele surgiu e conquistou-a!

Grewgious cruzou a escada, dirigindo-se para o seu quarto frio e nevoento, e, passando pelo espelho, deu uma olhada no seu rosto. Ergueu a vela, junto à face, por um momento.

— Ora, ora, ora... vai para a cama, pobre homem tolo!

CAPÍTULO 12 – UMA NOITE COM DURDLES

Era noite. As lâmpadas das ruas ao redor da catedral foram acendidas. O deão havia ido para sua casa, a fim de jantar, o sr. Tope para o seu chá e o sr. Jasper para o seu piano. Este permaneceu sentado ali durante umas duas ou três horas, à luz da lareira, tocando e cantando baixinho. Depois, fechou o piano, vestiu o seu velho paletó, colocou uma grande garrafa no bolso. Pôs seu velho chapéu na cabeça, o qual chegava até aos olhos, ensombrando e cobrindo-lhe o rosto. Por que será que ele caminha tão calmamente esta noite? Chegou à casa de Durdles. Havia uma luz acesa.

— Hô! Durdles — chamou ele baixinho.

A luz moveu e Durdles aproximou-se da porta.

— Você está pronto?

— Estou pronto. — Ele pegou uma lâmpada de mão, e acendeu-a. Pegou o seu martelo e o seu farnel de merenda e saíram.

— Cuidado com esta coisa branca, sr. Jasper!

— Estou vendo-o. O que é?

— Cal.

Jasper parou e esperou por Durdles.

— É isso que vocês chamam de cal viva?

— É — responde Durdles. — Suficientemente viva para comer as suas botinas. Suficientemente viva para comer os seus ossos, se o sr. fosse enterrado nela.

Ouviu-se o som de uma porta que fechava. O sr. Crisparkle e Neville saíram. Jasper, com um sorriso estranho, colocou a mão sobre o peito de Durdles parando-o.

— Espere um pouco, senão eles poderão nos atrasar ou querer ir conosco.

Jasper observou-os passar. Não se preocupou em observar o sr. Crisparkle. Os seus olhos ficaram parados no jovem Neville, como um

caçador que segue com os olhos um animal que está no momento de cair na armadilha e matar.

Os dois ouviram o que dizia a Neville:

— Na véspera de Natal, será o jantar do sr. Jasper.

— Pode ficar certo que irei sr.

O sr. Crisparkle e Neville viraram a esquina. Jasper e Durdles prosseguiram. Chegaram a uma pequena porta lateral da catedral, da qual Durdles tinha a chave. Entraram, fecharam-se por dentro, e desceram uma escada grosseira, que conduzia à cripta. Acima deles, estava o piso da catedral, apoiado pelos grandes pilares e arcos. A luz da lua penetra através de janelinhas estreitas, que ficam lá em cima no teto. Os grandes pilares projetam grandes sombras pretas, mas entre eles há faixas de luz. Eles caminham através dessas faixas de luz, enquanto Durdles fala dos antigos mortos que esperava encontrar. Ele bate em uma parede.

— Aqui tem uma família inteira.

De vez em quando, Jasper oferece-lhe a sua garrafa. Ele bebe bastante enquanto Jasper apenas finge que bebe, atirando o líquido fora da sua boca. Agora, estão subindo os degraus da grande torre. Durdles pára para tomar fôlego. Em seguida, senta-se num degrau e a garrafa é usada novamente.

— Essa coisa é muito boa, sr. Jasper!

— Comprei-o a propósito. Vamos prosseguir, senão vamos congelar aqui! Vá na frente.

Durdles abriu a porta no topo dos degraus com a chave que ele já havia usado; chegaram no pavimento principal da catedral. O luar atirou as cores das janelas no rosto deles. Havia uma faixa escura no rosto de Durdles, purpura e amarela à medida que ele abria uma porta de ferro.

— Você leve a garrafa e deixe que eu carregue o seu farnel de merenda — sugeriu Jasper.

Então, eles subiram uma escada caracol, que conduzia à torre, contornando, contornando, contornando o pilar central. Passaram por

lugares estranhos, através de uma passagem em arcada, da qual podiam olhar para baixo, vendo a catedral cheia da luz do luar.

Continuaram subindo e chegaram finalmente no cômodo da torre, um pouco abaixo do teto da torre. Aí, sentiram o ar da noite soprar sobre eles. Ouviram a voz de um pássaro assustado, depois o ruído de bater de asas, jogando zoeira e palhas sobre as suas cabeças. Deixaram as suas lanternas e subiram a escada. Através de uma abertura, chegaram ao teto. De lá, olharam para baixo, sobre a Clisterham, perfeitamente visível à luz da lua, as suas casas em ruínas e os lugares santos dos mortos à base da cidade, os telhados cobertos de musgos e as casas de tijolos dos vivos, lá longe, e o rio serpeante destacando-se na neblina, no horizonte.

Jasper olhou curiosamente para Durdles. Observou-o. Durdles tornava-se pelos muitos tragos que havia bebido, sonolento. O sono surpreendeu as suas pernas, quando eles desceram de novo. O sono de repente fez que ele parasse de conversar. Finalmente, chegaram ao portão de ferro. Por duas vezes, Durdles, meio tonto, quase caiu, enquanto caminhava. Desceram novamente para a cripta, por um caminho secreto, mas enquanto retornavam ao longo daquelas faixas de luz Durdles estava tão vacilante tanto para andar como para falar e conduzia-se meio caindo, meio atirando-se para a frente.

— Vou tirar um soninho — declarou ele indistintamente.

— Bem, se você precisa tirar um sono, não vou deixá-lo sozinho aqui. Durma, enquanto isso, fico andando de um lado para outro.

Durdles caiu no sono quase que incontinenti, e no seu sono, teve um sonho. O som dos passos do seu companheiro desapareceu. Algo tocou-o. Algo caiu de sua mão. Ele ouviu uma chave cair com som de metal na pedra. Depois de muito tempo, Durdles sentiu frio. As faixas de luz haviam mudado. Jasper estava caminhando entre eles, batendo suas mãos.

— Acordou, finalmente? — perguntou Jasper. — Dormiu um longo sono. Os sinos já tocaram na torre.

— Duas horas. Por que você não me acordou, Jasper?

— Eu tentei. Foi como se eu tentasse acordar um morto.

— Você me tocou?

— Tocar? Sacudi-o!

Durdles lembrou algo do seu sonho. Suas chaves? As chaves estavam ali perto de onde deitara.

— Eu derrubei você, não foi — observou ele, erguendo-as. Amarrou novamente o seu farnel e notou que Jasper o observava.

— Você suspeita de alguma coisa? — indagou ele.

— Não, não... — respondeu Jasper. — Suspeito que minha garrafa estava cheia com algo mais forte do que qualquer um de nós tenha suposto. E suspeito (virando-a de boca para baixo) que ela está vazia...

Durdles riu.

— Obrigado por esta noite interessante e curiosa — declarou Jasper. — É capaz de ir para casa sozinho? Daqui a meia hora a lua terá desaparecido, mas você estará em casa muito antes. Boa noite. Deixaremos o trabalho para outra oportunidade.

— Boa noite, Jasper!

Cada um seguia o seu caminho, quando um assobio agudo quebrou o silêncio e uma voz pueril cantou umas estrofes ininteligíveis, e uma rápida artilharia de pedras atingiu a parede da catedral.

— O quê! Aquele demônio de garoto acordado? — exclamou Jasper numa fúria tão violenta, que parecia ele mesmo ser um demônio mais velho.

— Vou matá-lo! — Correu atrás do garoto, agarrando-o pela garganta.

— Não machuque o rapaz, sr. Jasper! Controle-se. Ele nos seguiu esta noite, quando chegamos aqui!

— Leve-o para casa. Leve-o para longe de minha vista.

CAPÍTULO 13 – OH! VOCÊ NÃO COMPREENDE!

As garotas da escola da srta. Twinkleton iam passar o Natal em suas casas. Às doze horas, a srta. Twinkleton despediu-se de todas em sua sala. Logo depois a rua encheu-se do som das despedidas:

— “Até à volta, Rosebud; até à volta, Rosa; até à volta, querida!” Rosa, com o coração desassossegado, ficou sentada à espera de Edwin. Edwin, por sua vez, também, estava com o coração desassossegado. Pairava-lhe o dilema: entregar o anel a Rosa ou devolvê-lo ao sr. Grewgious? “Serei guiado pelo que ela disser”, pensou ele. “Mas o que quer que aconteça, farei o possível para ser sincero com os vivos e com os mortos.”

Rosa estava vestida um tanto esportivamente, para caminhar a pé, em passeio. Era um dia claro e frio.

— Meu querido Eddy — enunciou Rosa, assim que eles dobraram a esquina para entrar na “High Street” e achavam-se entre as paredes pacatas, perto da catedral. — Desejo dizer-lhe algo muito sério. Tenho pensado nisso durante muito tempo.

— Pretendo ser muito sério, com você, minha querida Rosa (ele nunca mais a chamou de Pussy).

— Não há receio que a gente discuta, há? Porque Eddy, nós temos grande razão de ser muito amável um ao outro.

— Nós o seremos, Rosa.

— Eddy, vamos ter coragem! Vamos passar a ser irmão e irmã a partir de hoje!

— Nunca marido e mulher?

— Nunca!

Nenhum deles falou durante algum tempo. Depois, Edwin declarou:

— Sei que esta decisão estava tanto na minha mente como na sua.

— O sr. Grewgious veio para preparar a minha saída da escola — continua Rosa, — Tentei dizer-lhe que eu não estava totalmente firme na minha decisão. Ele é um homem boníssimo. Ele se colocou à minha frente com tanta amabilidade, contudo, com tanta força, o quão seriamente nós

deveríamos considerar o prosseguimento do nosso compromisso e eu decidi falar com você, no primeiro encontro que tivéssemos, quando estivéssemos a sós. Oh! eu sinto muito, muito mesmo!

Ela explodiu em lágrimas. Edwin colocou o braço ao redor dela.

— O sr. Grewgious falou comigo, querida Rosa. Estive com ele antes de deixar Londres (sua mão direita está no bolso do peito do seu paletó “se eu tenho de levá-lo de volta, por que teria de dizer-lhe a respeito dele?”). Eu vim com a intenção de expor tudo a você. Mas tenho certeza de que eu o não teria dito tão delicadamente, com tanto jeito, tão afetuosamente como você o fez.

— Meu querido irmão. Ela beijou-lhe a mão... As garotas vão ficar terrivelmente desapontadas.

— Ah! mas eu acho que vai ser um desapontamento muito maior para Jasper.

Ela lançou-lhe um rápido olhar.

“Como vou dizer-lho?” pensou Edwin.

— Ele precisa sabê-lo? Bem, o meu tutor, o sr. Grewgious virá aqui. Você gostaria de deixar isso a cargo dele?

— Uma ideia brilhante! — afirmou Edwin. — Ele terá que ver Jasper a negócio e então contar-lhe-á o que concordamos. Não sou covarde, Rosa, mas (digo-lhe em segredo) tenho um pouco de receio de Jasper.

— Não, não — contestou Rosa — você não tem medo dele!

— Que isso, irmã Rosa, por que você está tão apavorada?

Eles continuaram caminhando. Chegaram ao lugar, sob as altas árvores, perto da catedral, onde, na vez anterior, estiveram sentados juntos. Eles pararam e Rosa ergueu o seu rosto junto ao dele, como nunca o havia feito antes.

— Deus o abençoe querido, adeus!

— Deus a abençoe querida, adeus!

Beijaram, num último e carinhoso beijo.

— Agora, por favor, leva-me para casa, Eddy.

Não olhe para trás, Rosa — pediu ele, pegando-lhe no braço e conduzindo-a a caminho de casa. Você não viu Jasper?

— Não! Onde?

— Sob as árvores. Ele nos viu, quando nos despedimos. Pobre sujeito! Ele mal pode imaginar que rompemos nosso compromisso.

Apertaram os passos até passarem pela casa de Jasper. Depois, ela perguntou:

— Ele nos seguiu? Você pode olhar sem parecer que deseja verificar? Ele vem atrás de nós?

— Não... Sim, vem, sim. Acabou de passar o portão. O pobre gosta de vigiar-nos. Receio que ele ficará terrivelmente desapontado.

O portão da escola estava fechado. Antes de entrar, Rosa deu-lhe uma última e perscrutadora olhada como se lhe dissesse de todo o coração: “Oh! você não compreende?”

CAPÍTULO 14 – ONDE ESTÁ MEU SOBRINHO

Véspera do Natal em Clisterham. Galhos verdes e papéis coloridos estão sendo colocados nas casas. As lojas estão cheias de artigos para o Natal — brinquedos, doces, bolos... Por toda parte, há um ar de alegria. Três homens vão encontrar-se na Casa do Portão, esta noite. Como cada um deles está passando o dia? Neville Landless sentado no seu quarto, leu, até às duas horas da tarde. Depois, deixou os livros, colocou tudo em ordem, pegou algumas peças comuns de roupa, colocou-as numa mochila. Era uma mochila nova que trouxera no dia anterior. Trouxera ao mesmo tempo uma bengala pesada, com ponta de ferro. Ele girou-a em sua mão, depois, colocou-a no fundo da mochila. Pegou alguns sapatos reforçados e colocou-os prontos. Seus arranjos foram completos. A seguir, saiu para um último passeio, antes do jantar. Estava saindo do seu quarto, quando se encontrou com o sr. Crisparkle, e voltou para apanhar a sua bengala. O sr. Crisparkle olhou para ele.

— É uma bengala muito pesada, Neville — observou ele.

— Sim, é para a gente descansar nela numa longa caminhada.

— Você não descansa sobre ela. Você se apoia nela, enquanto caminha.

— No país em que eu vivia, as pessoas não faziam longas caminhadas. Vou aprender melhor na prática — declarou Neville.

Neville foi até à escola e pediu que chamassem a srta. Landless. Esperou por ela no lado de fora do portão, de maneira que não havia nenhuma oportunidade de encontrar Rosa. Helena saiu e seguiram juntos em direção das colinas, longe do rio.

— Vim para dizer que vou fazer uma excursão, amanhã, pela manhã. Sinto-me um tanto deslocado e infeliz. Mas por mim, você, a srta. Bud e os outros poderão todos compartilhar da ceia do Natal. Portanto achei que uma pequena ausência seria muito bom para mim e para todos.

— Quando você voltará?

— Daqui a catorze dias, mais ou menos.

— Você vai sozinho?

— Sim, partirei amanhã cedinho, antes que as pessoas comecem a se dirigir para a igreja.

— Helena achou que era uma boa ideia. Você vai mandar as roupas antecipadamente?

— Não. Vou caminhar como peregrino, levando minha mochila, e apoiando-me na minha bengala. Eis aqui a minha bengala.

— É muito pesada — observou ela.

A noite estava se aproximando. Luzes iam surgindo à frente deles.

— Não sinto vontade de ir a esse jantar, Helena.

— Terminará logo — declarou ela.

— Eu me sinto muito senhor de mim. Gostaria de sentir-me assim em relação a tudo.

— Que você quer dizer com isso?

— Helena, eu não sei. Que estranho peso morto há no ar!

Ela apontou para as pesadas nuvens amarelas, além do rio.

— O vento está subindo — comentou ela.

Caminharam em silêncio e ele deixou-a no portão da escola. Helena ficou olhando para ele, à medida que ele se afastava, caminhando ao longo da rua.

Por duas vezes ele passou pela Casa do Portão, sem vontade de entrar. Os sinos da catedral soaram as horas. Ele subiu as escadas.

Edwin Drood passou a maior parte do dia sozinho. Perambulou pela antiga cidade, que ele talvez não visse mais. Lembrava-se do tempo em que ele e Rosa, ainda crianças, caminhavam juntos em direção de casa. Notando que o seu relógio havia parado, entrou numa loja para acertá-lo. O lojista tentou vender-lhe um anel.

— Este é um lindo anel para se dar de presente a uma jovem. Ou este outro. Este é um anel para cavalheiro. Os cavalheiros geralmente compram um anel para se manterem lembrados do dia do seu casamento.

— Eu não uso nenhuma espécie de jóia — respondeu Edwin — a não ser este relógio, esta corrente e este alfinete.

— Estou informado disso — anuiu o joalheiro. — O sr. Jasper esteve aqui há alguns dias atrás e eu mostrei-lhe algumas coisas, como presentes adequados para um jovem.

— Conheço todas as jóias que aquele jovem usa — afirmou o sr. Jasper. — O seu relógio, a sua corrente e o seu alfinete.

À noite, ele entrou no velho jardim da catedral. Durante cerca de meia hora, caminhou de um lado para outro. A escuridão aproximava-se, quando ele viu, num canto, perto do portão, uma mulher. Pelo lampião ao lado notou que era uma senhora idosa e andrajosa. Seu queixo apoiava-se nas suas mãos. Seus olhos estavam fixos, contudo, parecendo não ver nada. Ele abaixou-se:

— A senhora está doente?

— Não, querido.

— A senhora é cega?

— Não querido.

Ela voltou o rosto para olhá-lo. Uma curiosa obscuridade parecia envolvê-la, e ela começou a tremer.

“Meu Deus”, pensou ele, “como Jasper, naquela noite”!

— De onde a senhora vem — perguntou Edwin.

— De Londres, querido. Vim procurar alguém, mas não o encontro. Vou regressar.

Ele olhou para ela cheio de curiosidade.

— Posso ajudá-la em qualquer coisa?

— Sim, preciso de três xelins e seis *pence* para um remédio, que é muito bom para minha tosse. Se o sr. me der três xelins e seis *pence* eu lhe direi uma coisa.

Ele deu-lhe o dinheiro.

— Deus que o ajude. Agora ouça, caro cavalheiro. Qual o seu nome, seu primeiro nome?

— Edwin.

— Agradeça a Deus por o seu nome não ser Ned.

— Por quê?

— Porque é um mau nome para se ter agora. É um nome ameaçado. Um nome perigoso. O sr. tem uma namorada? Uma garota que o ama?

— Não — respondeu Edwin.

— Ah! — disse ela. Em seguida, levantou-se e dirigiu-se, no rumo da Casa de Descanso do Viajante. Edwin continuou caminhando, decidido a não dizer nada a respeito daquele encontro a Jasper, naquela noite, mas contar-lhe-ia na manhã seguinte. Passando a ponte, cruzou o rio. As palavras da mulher ficaram no assobiar do vento, na noite bravia, nas águas confusas. Havia um eco solene delas nos sinos da catedral, quando ele passou sob as arcadas da Casa do Portão. E ele subiu as escadas.

Jasper passou um dia mais agradável e mais animado do que qualquer dos seus hóspedes. Ele foi até às lojas comprar coisas para o jantar. “Meu sobrinho não ficará muito tempo comigo, portanto preciso fazer muito por ele enquanto estiver aqui”, disse ele ao lojista. Deu uma chegada até à casa do sr. Sapsea e fez referência que “o querido Ned e aquele feroz Neville iam jantar na Casa do Portão, naquele dia, e fazer as pazes depois do desentendimento que tiveram”.

— Eu não gosto desse tal Neville — declarou Sapsea. — Não gosto do seu rosto escuro.

— Lamento ouvir você dizer isso — comentou Jasper. — Você tem tanto conhecimento do mundo que, na maioria das vezes, você tem razão.

É possível que Jasper estava para ter uma dor de garganta, porque trazia um lenço preto envolto ao pescoço, quando se dirigiu para a catedral. Contudo, cantou maravilhosamente no serviço religioso da noite. O sr. Crisparkle agradeceu-o, quando saíram:

— Lindo! Maravilhoso! Você não poderia ter cantado tão bem, sem estar em melhores condições físicas.

Eles caminharam juntos até à porta do sr. Crisparkle.

— Estou perfeitamente bem. Não tenho mais maus pressentimentos. Pretendo queimar aquele meu diário no fim do ano.

— Estou contente em ouvir isso.

Quando alcançaram a porta, Jasper perguntou:

— O sr. Neville já saiu para ir à minha casa?

— Sim, ele saiu há algum tempo atrás.

— Péssimas maneiras de um anfitrião. Meus convidados chegarão antes de mim.

— Seus convidados vão ter um anfitrião muito alegre esta noite — afirmou o sr. Crisparkle.

Jasper riu. Despediram-se. Ele cantava para si mesmo, quando passou pela porta da catedral. Chegando sob a arcada da entrada de sua casa, fez

uma parada momentânea para tirar o grande lenço preto que lhe envolvia o pescoço. Durante aquele breve momento, seu rosto tornou-se feroz e duro. Depois, ele recomeçou a cantar e prosseguiu. Subia a escada.

A luz vermelha queimava firmemente a noite toda na janela da Casa do Portão. Mas, fora da janela, o vento estava violento. Ele apagou muitas das lâmpadas da catedral e arredores. O ar estava cheio de folhas esvoaçantes e galhos, batendo nas árvores de maneira que estas pareciam em perigo de serem arrancadas da terra. Chaminés caíam nas ruas e as pessoas agarravam-se nos postes, nas esquinas e a outros transeuntes para não serem arrastadas.

A violência cresceu até à meia-noite, quando as ruas ficaram vazias e o vento continuou, rugindo ao longo delas, sacudindo as portas e ameaçando derrubar os telhados sobre a cabeça das pessoas. Mesmo assim a luz vermelha queimava continuamente. Durante toda a noite, o vento soprou. Na manhã, a pleno dia claro, ele acalmou-se. Foi então que se viu que os ponteiros do relógio da catedral haviam caído e alguma parte do telhado desabara. Grandes pedras no topo da torre haviam sido aluídas. Durdles e os seus dois auxiliares subiram para verificar a extensão dos danos, enquanto o sr. Tope e várias pessoas ficaram embaixo, olhando à espera o aparecimento deles lá no alto da torre.

Esse grupo foi de repente chamado a atenção pela voz do sr. Jasper, gritando à janela do sr. Crisparkle:

— Onde está o meu sobrinho!

O sr. Crisparkle apareceu.

— Onde está o meu sobrinho?

— Ele não está aqui. Não está com você? — respondeu o sr. Crisparkle.

— Não, ele foi lá embaixo no rio, ontem à noite com Neville, para verem a tempestade, e não voltou. Chame o sr. Neville!

— Ele saiu bem cedo esta manhã.

Ninguém mais olhava mais para a torre nessa altura. Todos os olhares se voltaram para o sr. Jasper, meio vestido, com o rosto pálido e sem

respiração, parado em frente a casa do sr. Crisparkle.

— Saiu esta manhã? Deixe-me entrar, deixe-me entrar!

CAPÍTULO 15 - SUSPEITO

Neville Landless partiu tão cedo e caminhava tão depressa que, quando os sinos da igreja começaram a tocar em Clisterham, para os serviços matinais, ele já se achava a dez quilômetros de distância. Parou numa pensão para o pequeno almoço. Hóspedes eram muitos e assim levaram muito tempo para servi-lo. Em seguida, ele partiu de novo, depois de uma parada mais longa do que esperava. Cerca de meio quilômetro, além da pensão, viu a estrada volteando para a direita, e uma viela estreita a seguir para a esquerda. A viela parecia tão curva que ela se junta com a estrada mais à frente. Neville decidiu seguir a viela. Ele prosseguia seu caminho, quando notou que vinham outros caminhantes atrás dele. Como eles estavam caminhando mais depressa do que ele, Neville afastou-se para que eles passassem. O comportamento deles foi muito estranho. Apenas quatro deles passaram. Os outros quatro diminuíram os passos como se pretendessem segui-lo, à medida que ele caminhava. Os demais, cerca de seis, voltavam rapidamente. Neville olhava para os quatro à sua frente e para os quatro atrás. Todos olhavam para ele, que continuava a caminhar. Os quatro da frente prosseguiram a sua caminhada, mas não deixavam de olhá-lo com insistência e os quatro de trás vieram se aproximando cada vez mais. Não havia mais dúvida; eles estavam preparando-lhe uma armadilha. Como um teste, ele parou. Todos pararam.

— Por que estão me seguindo desta maneira? — perguntou ele. — Vocês são ladrões?

— Não respondam. É melhor a gente guardar silêncio — declarou um deles.

— Não vou ficar cercado por vocês deste modo. Quero passar, e vou passar aqueles quatro homens na minha frente. Se alguém tentar me barrar, deixar-lhe-ei a minha marca.

Ele colocou sua pesada bengala sobre os ombros e moveu-se para ultrapassar os homens na sua frente. O cidadão maior e mais forte colou-se

a ele. Neville desceu-lhe a sua pesada bengala. Em seguida, ambos rolaram numa luta feroz no chão.

— Deixe-o — disse o grandalhão. — Posso dominá-lo sozinho. Ele tem apenas metade do meu tamanho e além disso carrega um peso nas costas.

Depois de uma curta luta, em que ambos ficaram banhados de sangue, o grandalhão ergueu Neville, dizendo:

— Ei-lo. Agora segurem-no. Dêem-lhe o braço, dois de vocês.

Ele voltou-se para Neville:

— Quanto a sermos ladrões, você deve saber mais do que isso ao meio-dia. Limpe-lhe o rosto, alguém, o sangue está descendo. O que o aconselho por enquanto é: não fale, sr. Neville. Você vai encontrar um amigo esperando-o lá na estrada.

Completamente confuso, Neville olhava ao redor e não dizia nada. Conduzido por dois homens lá foi ele, como se estivesse sonhando. Chegaram na estrada e ele viu um grupo de pessoas, dentre as quais estavam o sr. Jasper e o sr. Crisparkle.

— Que significa isso, sr.? — perguntou Neville. — Que está acontecendo?

— Onde está meu sobrinho? — exclamou Jasper, ferozmente.

— Onde está o seu sobrinho? Por que me faz esta pergunta?

— Pergunto-lhe porque você foi a última pessoa que estive em sua companhia, e agora não o encontramos em parte alguma.

— Espere! — pediu o sr. Crisparkle. — Permita-me, sr. Jasper. Neville, você está confuso. Ordene os seus pensamentos. É coisa de grande importância. Agora, pense. Você saiu da casa do sr. Jasper, ontem à noite, em companhia de Edwin Drood?

— Sim.

— A que hora?

— Eram cerca de onze horas — respondeu Neville, voltando-se para Jasper.

— Certo. Foi isso mesmo que o sr. Jasper informou. Vocês foram ao rio juntos?

— Sim, fomos ver a tempestade.

— Quanto tempo ficaram lá?

— Cerca de dez minutos. Em seguida, voltamos até à sua casa. Aí ele deixou-me à porta.

— Ele falou se iria voltar ao rio?

— Não, disse que ia direto para casa.

Os circunstantes entreolhavam-se todos para o sr. Crisparkle. O sr. Jasper perguntou em voz baixa, distinta e suspeita:

— Que é aquilo em sua roupa?

Todos olharam para o sangue na roupa de Neville.

— E há também sangue na sua bengala. Jasper pegou a bengala da mão do homem que a trouxe. Sei que esta é a sua bengala. Ele a trazia consigo ontem à noite.

— Aquele homem e eu estivemos lutando — declarou Neville, apontando. — Vocês podem ver as mesmas marcas nele.

— Temos que voltar, Neville — disse o sr. Crisparkle: — Naturalmente, você vai ficar contente em poder limpar-se.

— Certamente, sr. Crisparkle.

Neville foi levado diante do sr. Sapsea, prefeito de Clisterham. O sr. Jasper disse que confiaria na sabedoria do sr. Sapsea. Não havia nenhuma razão para que Edwin fugisse e tampouco para que ele tivesse voltado ao rio e caído na água, por acidente. Não queria sugerir nenhuma suspeita terrível. Caberia ao sr. Sapsea decidir.

O sr. Sapsea admitiu que o caso tinha um aspecto negro (dizendo isso, ele olhou a cor escura da pele de Neville). Ele teria mandado Neville para a

prisão sob grave suspeita, mas o sr. Crisparkle protestou com a maior veemência e prometeu que o jovem ficaria em sua casa e seria apresentado toda vez que fosse necessário. O Jasper e o sr. Sapsea sugeriram, então, um, a verificação bem cuidadosa das margens do rio. Na manhã seguinte, bem cedo, muitos homens se acham trabalhando na busca, ao longo das margens, atirando redes no curso das águas. A procura continuou durante todo o dia, e à noite todo o rio ficou iluminado com lampiões e fogo. O trabalho continuou ainda no dia seguinte, ora em barcos, ora homens, remexendo e pressionando os barrancos. Todavia, nenhum sinal de Edwin Drood.

Jasper foi para casa exausto. Enlameado e em desordem, suas vestes mais pareciam andrajos. Ele acabava de cair sobre o seu sofá, quando o sr. Grewgious pôs-se de pé, à sua frente.

— É uma notícia muito estranha! — disse o sr. Grewgious.

— Estranha e terrível — observou Jasper. — O sr. viu a irmã dele?

— Irmã de quem? — perguntou Grewgious.

— A irmã do jovem suspeito.

— O sr. suspeita dele?

— Não sei o que pensar. Não consigo coordenar minha cabeça.

— Nem eu — comentou o sr. Grewgious. — Mas o sr. referiu-se a ele como sendo o suspeito, como se já estivesse sua opinião formada sobre o assunto. Acabei de deixar a srta. Landless. Ela desafia todas as suspeitas. Tem completa confiança no irmão. Mas não é dela que vim falar. É da srta. Rosa Bud, como tutor dela. Tenho que informá-lo de uma coisa que poderá lhe causar surpresa. Pelo menos o fato a mim me surpreendeu.

— De que se trata? — inquiriu Jasper, sentando-se erecto na sua cadeira.

— Naturalmente, eu deveria ter suspeitado antes — declarou o sr. Grewgious, com os olhos fixos nas chamas, de maneira aborrecida, como se quisesse manter Jasper em *suspense* e dúvida. — Ela me deu chance para perguntar- -lhe? mas nunca pensei no caso. Senti-me seguro de tudo.

— De que se trata? — perguntou Jasper mais uma vez.

O sr. Grewgious abria e fechava suas mãos à medida que as aquecia diante do fogo, e olhando de soslaio para Jasper. Não mudou nem sua ação, nem o seu modo de olhar durante todo o tempo. E prosseguiu, dando a resposta:

— O jovem desaparecido e a srta. Rosa, embora estivessem para casar bem proximamente...

O sr. Grewgious viu um rosto pálido e dos lábios trêmulos e duas mãos enlameadas pressionando fortemente os braços da cadeira.

—... esses jovens gradativamente descobriram (igualmente de ambos os lados, penso eu) que seriam mais felizes como amigos afeiçoados e irmão e irmã do que marido e mulher!

O rosto pálido cobriu-se de pingos de suor frio.

— Eles decidiram expor mútua e abertamente suas descobertas, com toda a sensibilidade e ternura, e concordaram em terminar a intencionada relação de casamento para sempre.

O sr. Grewgious parecia uma terrível figura a erguer-se com a boca aberta daquele sofá e levar as mãos abertas em direção à cabeça.

— Seu sobrinho sentiu que o sr. iria ficar tão desapontado, que deixou que eu lhe contasse este fato, depois que ele tivesse partido. E ele partiu.

O sr. Grewgious viu a estranha figura atirar a cabeça para trás, agarrar os cabelos com as mãos, e afastar-se dele.

— Eles se separaram, sem lágrimas, nem tristeza, naquela noitinha, quando o sr. os viu juntos pela última vez.

O sr. Grewgious ouviu um terrível grito. Ele não viu mais uma figura sentada ou de pé, mas algo que parecia um monte de roupa enlameada e andrajosa no chão. Não mudando a sua atitude, ele abria e fechava suas mãos à medida, que as aquecia, e olhava para aquele vulto no chão.

CAPÍTULO 16 – A SUSPEITA APROFUNDA-SE

Quando John Jasper abriu os olhos, ele viu o sr. e a sra. Tope de pé, ao seu lado. O sr. Grewgious os havia chamado. O sr. Grewgious sentava-se

hirtamente na sua cadeira, com as mãos sobre os joelhos, observando Jasper, que se recobrava.

— Pronto! O sr. está melhor, agora — declarou a sra. Tope. — O sr. esteve completamente fora de sentido.

— Receio ter causado alarme a vocês — desculpou-se Jasper, fracamente.

— De maneira nenhuma, eu o agradeço respondeu o sr. Grewgious.

— O sr. precisa tomar um gole de vinho e comer alguma coisa — sugeriu o sr. Tope.

— O sr. está servido em tomar refeição comigo? — Perguntou Jasper, quando a sopa já estava na mesa.

— Não, obrigado retrucou o sr. Grewgious.

Jasper comeu e bebeu avidamente, como se comesse e bebesse para se fortalecer contra outro fracasso de sua coragem e não por fome.

O sr. Grewgious sentava-se erecto, sem nenhuma expressão no rosto, a não ser uma espécie de protesto, mas discreto, polido, um protesto bem educado.

— Você sabe, falou Jasper, terminando a refeição, que sinto certo conforto no que o sr. acaba de me dizer?

— Sente? — perguntou Grewgious.

— Não a esperança de que, temendo a dificuldade de explicar a decisão a todos e todos os comentários a respeito, Neville tenha tomado a decisão de ir-se embora? Começo a acreditar que ele tenha desaparecido do nosso meio espontaneamente e que deverá estar vivo e muito bem.

— Pode ser — comentou o sr. Grewgious, refletindo profundamente.

O sr. Crisparkle entra nesse momento e o sr. Jasper repetiu:

— Começo a acreditar que Edwin tenha desaparecido por sua própria vontade e que é possível que ele esteja vivo e bem disposto.

— Como assim? — interrogou o sr. Crisparkle, sentando-se.

O sr. Jasper repetiu o que ele havia dito. — Tomara que seja isso — declarou o sr. Crisparkle.

— O sr. sabe e o sr. Grewgious, também, precisa saber que eu formei uma opinião muito desfavorável a respeito do sr. Neville Landless, devido ao seu comportamento furioso no primeiro encontro. Sabe, sr. Crisparkle, como eu o procurei cheio de temor pela sorte do meu garoto, devido àquela terrível violência. Cheguei até a escrever isso no meu diário, que lhe mostrei. O sr. Grewgious precisava ser informado disso. Mas a notícia que ele me traz, naturalmente, encheu-me de nova esperança, a despeito daquele antigo receio.

Esses arroubos preocuparam o sr. Crisparkle. Ele sentiu que Jasper não estava sendo muito franco no seu comportamento, pois não havia dito a ninguém a respeito da segunda explosão de raiva de Neville contra Edwin, nem a respeito da admiração de Neville por Rosa. Entretanto, estava convencido da inocência de Neville e muitas coisas se combinavam para julgá-lo culpado, Crisparkle temia acrescentar o que quer que fosse a mais. No entanto, agora, sentia-se compelido a contar essas impressões ao sr. Grewgious.

*

Deixando a casa de Jasper, o sr. Crisparkle ainda se sentia muito vacilante e preocupado a respeito do jovem prisioneiro na sua casa. Ele saiu para um passeio a pé, uma caminhada que iria lembrar por muito tempo. Estirou a sua caminhada até ao açude de Clisterham, uma barragem construída para manter o nível das águas. Ele, com freqüência, caminhava até lá, e mal tomava conhecimento, praticamente, do caminho percorrido. O céu estava estrelado. A represa ficava a três quilômetros acima do lugar, onde os jovens estiveram para observar a tempestade, na véspera do Natal, e o rio, naquela noite descia violentamente. Portanto, nenhuma busca fora dada ali. Contudo Crisparkle, ao chegar, notou algo que lhe chamou a atenção. Que seria? Pôs os ouvidos atentos. As águas chegam na represa com seu murmúrio normal, naquela noite estrelada e fria. Ele chegou mais perto e observou os conhecidos mourões de madeira. Não viu nada de anormal. Decidiu que voltaria na manhã seguinte, para um exame maior. A noite toda a represa lhe fluíu nos seus sonhos. Ao nascer do sol, ele voltou ao local. Era uma manhã clara. Percutiu por alguns minutos a represa.

Quando já ia voltando as costas, algo lhe chamou a atenção, num determinado ponto. Virou as costas e olhou lá longe, no céu. Depois, voltou-se novamente para aquele ponto. Sua vista foi atraída de novo, podendo fixar os olhos. Agora não podia perdê-lo, embora fosse um ponto tão pequeno em toda uma imensa área. Ele começou a tirar o paletó. Naquele local, num canto da represa, algo brilhava. Era algo que não se movia. Estava ali, parado, apesar da queda dos brilhantes jatos de água. Tirou toda a roupa e mergulhou. Ao voltar, trazia um relógio e uma corrente. Deixou esses objetos na margem do rio e mergulhou de novo, na esperança de encontrar o corpo de Edwin Drood. Não encontrou o corpo, mas encontrou no meio da lama um alfinete.

Com esses achados, ele retornou a Clisterham. Levando Neville em sua companhia, dirigiu-se ao prefeito. Mandaram chamar o sr. Jasper. Reconheceram-se que os objetos pertenciam ao Edwin Drood. Neville foi detido e a mais furiosa onda de maus comentários começou a correr a respeito dele. Dizia-se que ele era de natureza violenta, e que não fosse sua pobre irmã, ele cometeria um crime por dia. Dizia-se, ainda, que, antes de chegar à Inglaterra, ele matara alguém no Ceilão.

Eram comentários maldosos. Entretanto, não atingiam Neville mais do que outros bem perigosos, como o que dizia que ele ameaçara o jovem desaparecido e o próprio sr. Crisparkle; seu grande amigo admitia que ele tinha ódio mortal de Edwin Drood. Insinuava-se que ele havia se armado com aquela bengala pesada de propósito e ligavam o fato com sua partida naquela manhã, bem cedo. E comentava-se o fato de terem visto manchas de sangue nas suas roupas.

O relojoeiro reconheceu o relógio, como sendo o mesmo que naquela mesma tarde, às duas horas, ele dera corda e o regulava para Edwin Drood. Naquele momento, o relógio estava completamente sem corda.

A busca recrudescera. Jasper trabalhava noite e dia, mas nada mais foi encontrado. Nada surgia que pudesse provar que o rapaz desaparecido estava morto, e, finalmente, tornou-se necessário libertar a pessoa suspeita de tê-lo assassinado.

O sr. Crisparkle soubera que Neville teria de ser liberto. Então, ele previu que seria necessário ele sair de Clisterham. A própria sra. Crisparkle

temia que houvesse crime e receava que o seu filho fosse implicado. Nesse instante o deão arranjou as coisas.

— Sr. Crisparkle — declarou o deão — a justiça humana pode cometer erros, mas temos de agir de acordo com o nosso melhor julgamento. Esse jovem não pode viver sob a nossa proteção.

— O senhor quer dizer que ele precisa deixar a minha casa?

— Não posso dar-lhe ordens, quanto aos assuntos de sua casa. Estou, apenas, discutindo com o sr. a necessidade de permitir-lhe perder as grandes vantagens do seu conselho e dos seus ensinamentos.

— É uma grande pena — respondeu Crisparkle.

— É, realmente.

— Mas se é necessário... — observou Crisparkle.

— Como, infelizmente, o sr. acha que é — respondeu o deão.

— É duro condená-lo sem julgamento, mas...

— É isso mesmo — anuiu o deão. — Mas não há outra coisa a fazer, como o seu bom senso acaba de descobrir.

— Estou satisfeito com sua completa inocência.

— Todos nós — afirmou o deão. — Precisamos manter os nossos corações aquecidos ou frios. Precisamos nos colocar num meio termo.

Assim, nunca mais se viu Neville Landless em Clisterham. Só então, John Jasper voltou silenciosamente a ocupar o seu lugar de maestro do coral. Ele vivia aflito sempre de olhos vermelhos. Suas esperanças terminaram, e os piores temores haviam retornado. Um dia ou dois depois de sua volta, logo após o serviço, ele pegou o seu diário do bolso do paletó, virou as páginas e, sem falar uma palavra, entregou-o ao sr. Crisparkle para que este lesse as seguintes palavras:

Meu querido rapaz foi assassinado. A descoberta do relógio e do alfinete me convence disso. Juro que não vou mais discutir este mistério, nem suspeito de ninguém, enquanto eu não tiver uma resposta positiva, mas não cessarei a minha busca. Hei de encontrar o criminoso e destruí-lo.

CAPÍTULO 17 – O VISITANTE

É verão. Estamos em Londres. Vemos o sr. Crisparkle passar sob a arcada da estalagem Staple,, mas não se dirige ao sr. Grewgious. Ele atravessa o pátio e encaminha-se para uma escada do lado oposto; sobre os degraus até chegar a um conjunto de salas, pouco abaixo do teto; abre a porta de entrada e põe-se de pé atrás da mesa de Neville Landless. Era uma sala pobremente mobiliada, mas possuía boa quantidade de livros, escolhidos ou emprestados pelo sr. Crisparkle.

— Como está você, Neville?

— Vou indo bem, sr. Crisparkle, trabalhando sempre.

— Eu gostaria que os seus olhos não estivessem tão dilatados, e tão brilhantes, nem seu rosto tão pálido. Você necessita de mais luz solar. Você precisa sair mais.

— Não estou ainda suficientemente animado para isso — retrucou Neville. — Se o senhor tivesse de andar pelas ruas, mesmo aqui em Londres, e ver as pessoas encará-lo espantadas, e dar o máximo de espaço para passar, compreenderia porque quase não saio durante o dia.

— Na próxima semana — declarou Crisparkle — você não estará sozinho. Sua irmã estará aqui com você.

— Este não é um lugar muito agradável para trazê-la.

— Não é realmente, mas há obrigação para se fazer. Há necessidade de uma mulher de bom senso e coragem aqui. Você me disse uma vez que a sua irmã costumava superar as dificuldades de sua vida no passado, como a torre da catedral ultrapassa as chaminés de toda a Clisterham. Ela tem servido de exemplo para você, agora. Ela tem demonstrado o seu orgulho, a sua confiança em você e na verdade. Tem superado tudo de certa maneira, que passa pelas nossas ruas, tão alta no respeito geral, como qualquer pessoa que por elas passam. Outra pessoa mais fraca no seu orgulho teria fracassado, mas uma pessoa do estirpe dela, não!

— Vou fazer tudo que eu posso para imitá-la! — afirmou Neville. Ele abriu o seu livro e os seus apontamentos. O sr. Crisparkle sentou-se ao lado dele, explicando, corrigindo e aconselhando. Ele não podia fazer essas visitas com frequência, mas eram muito preciosas para Neville!

Quando terminou a aula, o sr. Crisparkle levantou-se:

— Tenho de ir ver o sr. Grewgious por um momento — observou ele. — Depois você quer me acompanhar até à estação? Estará bastante escuro, então, mas não sou eu quem espera escurecer para que você possa sair.

*

O sr. Grewgious estava sentado erecto, como sempre, tomando vinho perto de uma-janela aberta.

— Como vai senhor, e como vai o jovem reagindo nos cômodos que lhe arranjei?

— Vai indo bem e os cômodos lhe servem bem.

— Folgo em sabê-lo. E como e onde o senhor deixou o sr. Jasper?

— Perfeitamente bem, em Clisterham, pela manhã — respondeu Crisparkle.

— Ele não disse nada se vem aqui?

— Não.

— Aí vem ele — avisou o sr. Grewgious, olhando pela janela — mas não parece muito animado. Fique atrás de mim aqui na janela e olhe-o na escada daquela casa, no segundo andar.

— O sr. tem razão — comentou o sr. Crisparkle.

— Que acha que ele está fazendo?

Crisparkle lembrou-se de que o sr. Jasper escrevera no seu diário que iria ficar observando Neville.

— Será que mantém essa vigilância mesmo?

— Eu acho que sim, — enunciou o sr. Grewgious.

— Isso tornará a vida de Neville ainda mais insuportável, fazendo-o sentir-se vigiado onde quer que vá, e perante o que quer que faça.

— Sim — assentiu o sr. Grewgious, pensativamente. — Tenho a impressão que vejo Neville esperando pelo senhor.

— Parece que sim.

— Então, não vou levantar-me para acompanhá-lo. Vou ficar aqui. É bom que o senhor saia, leve Neville em sua companhia, sem prestar atenção ao sr. Jasper sugeriu o sr. Grewgious. — Eu também quero mantê-lo sob os meus olhos.

Neville acompanhou o sr. Crisparkle até à estação e de lá deu um grande passeio pelas ruas de Londres, até sentir-se cansado. Era meia-noite, quando ele retornou. A noite estava quente e as janelas das casas estavam abertas. Quando chegou no alto das escadas, parou com repentino pavor. Um estranho estava sentado com as pernas para dentro e o corpo para fora da janela, como se estivesse subido de fora para entrar no aposento.

— Desculpe-me — explicou o estranho. — As plantas...

Neville não compreendeu.

— Eu moro ali atrás — declarou o estranho.

— É verdade, o sr. tem caixotes de flores, crescendo ali fora, em cima do muro... Entre.

O visitante desceu da janela. Era uma pessoa de cerca de trinta anos, de rosto bem moreno, cabelos castanhos e olhos azuis.

— Tenho notado que o senhor se mantém muito tempo fechado e que aprecia muito as minhas plantas. Se o sr. quiser, posso fazer que alguns ramos de minhas plantas passem pela sua janela. Posso inclusive aproximar alguns caixotes. Meu nome é Tartar.

— O sr. é muito amável.

— Nada disso. Sou um homem despreocupado. Eu vivia no mar, mas meu tio deixou-me como herança algumas terras. Então, eu deixei o mar, e vim lidar com as terras, com as plantas, que cresceu nestes caixões. Se me permite...

— Tartar abriu a janela e saltou para fora.

— Por Deus, não faça isso, — observou Neville.

— Estou bem. É uma maneira de encurtar o meu caminho de casa.

E o sr. Tartar, com um aceno de mão e com a agilidade de um gato, desapareceu no meio das plantas sem quebrar uma folha.

CAPÍTULO 18 – QUEM SERÁ DUTCHERY?

Por volta daquela época, um estranho apareceu em Clisterham. Tinha cabelos grisalhos, cabeça desmesuradamente grande, e cabelos inusitadamente grossos. Usava paletó azul muito apertado e tinha mais ou menos a aparência de um soldado. Chegou na “Estalagem Golden Cross”, dizendo que pretendia permanecer na cidade por um mês ou dois, com ideia de, talvez, fixar-se definitivamente ali. Disse isso no refeitório da estalagem, de pé, com as costas voltadas para o fogo. O garçom ouviu e anotou-o.

— Suponho, garçom, que é possível encontrar-se um alojamento para um homem só aqui?

— Oh! sim, senhor.

— Chamo-me Dutchery. Desejo algo velho, algo antigo e desconfortável.

— Temos boa escolha para alojamentos desconfortáveis, mais antigos...

— Há algo perto da catedral?

— O sr. Tope o saberá melhor. Ele é o zelador. A sra. Tope costumava alugar alojamentos, mas tenho a impressão que não há ninguém nos alojamentos agora.

— Vou falar com ela então.

A descrição que o garçom fez do caminho para ir da estalagem à sra. Tope não foi muito clara. Depois de andar muito ao redor da catedral e até

de se perder, pelas vielas, o sr. Dutchery chegou ao terreno para sepultamento, onde um garotinho feio estava jogando pedras num carneiro.

— Pare com isso — ordenou o sr. Dutchery — você vai machucar o pobre animal!

— Widdy está avisado gritou o garoto, atirando outra pedra.

— Mostra-me a casa da sra. Tope, que eu lhe darei algo. — Então, venha aqui.

O garoto tomou a dianteira e parou a alguma distância da entrada do portão.

— Está vendo aquela janela e aquela porta?

— É a casa dos Topes?

— Não, aquela é a casa de sr. Jasper.

— Realmente — assentiu Dutchery com jeito interessado.

— Eu não chego mais perto dele.

— Por que não?

— Porque não quero que ele me agarre pela garganta e me erga do chão e seja quase morto por ele! Agora, olhe para o outro lado da arcada, a partir da catedral. Lá está uma porta baixa. Aquela é a casa do sr. Tope.

— Bem — declarou Dutchery. Eu não tenho aqui seis *pence*. Portanto, tome um xelim e na próxima vez que nos encontrarmos, você fará algo mais para mim... Qual o seu nome?

— Delegado, e eu moro na taverna de Descanso dos Viajantes, lá.

A porta principal da casa de Tope abria-se para dois cômodos que a sra. Tope alugava como alojamentos. O sr. Dutchery combinou que alugaria os cômodos e mudaria para eles na noite do dia seguinte, mas que desejava antes falar com o sr. Jasper.

— Ele vive sozinho e anda muito triste — comentou a sra. Tope — mas tenho a certeza de que ele nos recomendará. Talvez, o sr. tenha ouvido a respeito do que aconteceu no inverno passado?

— Ouvi algo a respeito — anuiu o sr. Dutchery. Um assassinato, não foi?

— Sim, uma coisa muito horrível! — respondeu a sra. Tope.

O sr. Dutchery tinha um conhecimento muito confuso do assunto. Tentou repetir o que se lembrava, mas pediu perdão à sra. Tope, quando ela achou necessário corrigi-lo, quase em cada minúcia do seu relato. Há muitos crimes por aí — comentou ele, desculpando-se — que tenho dificuldade em mantê-los separados na minha cabeça.

O sr. Tope foi até a casa do sr. Jasper para perguntar-lhe se ele podia receber o sr. Dutchery.

— O prefeito está lá — avisou o sr. Tope, quando voltou. — Ele é um grande amigo do sr. Jasper.

Dutchery inclinou a cabeça para ambos os cidadãos, quando ele entrou na sala. Peço desculpas por perturbá-los. Tenho ideia de vir morar neste lindo lugar e venho perguntar se o sr. poderia me recomendar a casa do sr. Tope como residência. São o sr. e a sra. Tope pessoas de respeito?

— Certamente — afirmou o sr. Jasper. — Mas a recomendação do meu amigo prefeito é mais importante do que a de um pobre desconhecido, como eu.

— São pessoas muito boas, sr. — declarou o sr. Sapsea. — O deão os tem em muito elevado apreço.

— Vossa Excelência o prefeito dá-lhes uma referência de que eles poderão sentir-se honrados — disse o sr. Dutchery.

— Eu perguntaria a Vossa Excelência se há muitos lugares de interesse nesta cidade?

— Somos uma cidade muito antiga, uma cidade de cathedral retrucou o prefeito.

O tratamento de Vossa Excelência agradou o sr. Sapsea.

— Vou indo para casa — observou ele — se o sr. quiser aproveitar a minha companhia para dar uma olhada na parte externa da cathedral, terei o prazer de mostrar-lho.

— Vossa Excelência é muito amável.

O sr. Dutchery, levando o chapéu na mão, acompanhou o sr. Sapsea, saindo da casa de sr. Jasper.

— Poderia eu perguntar a V. Excelência se o cidadão que acabamos de deixar é o que perdeu o sobrinho e daria a sua vida pela vingança da perda?

— É ele mesmo, sr. John Jasper. A prova será construída. Longo braço da lei vai bater! Aquela é a nossa catedral, senhor. Os melhores julgadores admiram-na bastante. Sentimo-nos bastante orgulhosos por ela. É muito antiga!

O sr. Sapsea apontava detalhes das esculturas. Depois, ele avistou Durdles que se aproximava.

— Oh! Durdles — exclamou — Durdles é uma pessoa bastante conhecida. Durdles, este é o sr. Dutchery. Ele vem morar aqui.

— No lugar dele, eu não faria isso — advertiu Durdles.

— Somos um povo muito sem vida, monótono.

— O sr., na certa, não fala de si mesmo — observou o sr. Dutchery. — Ou de sua Excelência?

— Quem é Sua Excelência? — indagou Durdles.

Nesse instante, uma pedra atingia Durdles e o delegado, o tal garoto apareceu exigindo três *pence*, que ele lhe devia.

Enquanto Durdles contava o dinheiro, o sr. Sapsea contou a Dutchery algo a respeito do trabalho de Durdles e seus hábitos.

— Será que um estranho poderia visitá-lo e conhecer seu trabalho, sr. Durdles?

— Qualquer cavalheiro será bem vindo, qualquer noite, se ele levar uma garrafa. E será duplamente bem vindo se levar duas. Delegado — Dutchery ao garoto, — você precisa me pagar aqueles outros seis *pence*, levando-me à casa do sr. Durdles, quando eu quiser ir lá.

Naquela mesma noite, ao olhar para os seus cabelos brancos ao espelho da “Estalagem Golden Cross”, o sr. Dutchery disse a si mesmo:

“para um homem solteiro, vivendo uma vida ociosa, eu tive um dia muito atarefado, hoje”.

CAPÍTULO 19 – ROSA DESMAIA

Novamente, a escola da srta. Twinkleton suspendera as aulas para as férias. As garotas todas foram para suas casas. Helena deixou a escola para juntar-se ao irmão. Rosa ficou sozinha. A cidade de Clisterham estava toda ensolarada. As árvores, carregadas de frutos, e fora da cidade as estradas poeirentas serpeavam entre douradas plantações de cereais. Era à tardinha. O último serviço da catedral terminara. Uma empregada aproximou-se de Rosa, dizendo:

— O sr. Jasper deseja falar com você.

Ele não poderia ter escolhido um pior momento para Rosa. A sra. Tisher tinha viajado, nas férias. A srta. Twinkleton havia ido passar a tarde no campo com amigos.

— Oh! por que, por que você lhe disse que eu estou? — respondeu Rosa. — Que farei?

Ela não podia conceber a idéia de recebê-lo, estando só em casa.

— Diga-lhe que vou falar com ele no jardim.

Desde a noite fatal, Rosa não o vira mais. Quando ela o viu pela abertura da porta, a velha sensação horrível de ser compelida sobreveio-lhe. Teve vontade de voltar, mas ele atraíu-a. Ela caminhou e sentou-se num dos bancos do jardim, enquanto o sr. Jasper se mantinha de pé, recostado contra o relógio de sol. Trajava-se de preto. O desaparecimento do sobrinho estava sendo encarado como a sua morte. Ele começou, tocando-lhe a mão. Ela sentiu a sua intenção e afastou-a. Jasper continuava com os olhos fixos nela. Ela percebia-o, embora os seus próprios olhos não vissem outra coisa senão a grama.

— Tenho estado esperando — começou ele — nestes dias, a fim de ser procurado por você, como seu professor de música.

— Não pretendo mais estudar — respondeu Rosa.

— Fui informado pelo seu tutor que você, de fato, havia parado. Quando pretendo recomeçar?

— Nunca!

— Confesso que não lhe farei mais esta pergunta...

— Eu não desejo ouvi-lo — retrucou Rosa, levantando-se.

Desta vez, porém, ele forçou-a com sua mão esticada. Desviando-se, Rosa afundou novamente na cadeira em que estava sentada.

— Às vezes, precisamos fazer coisas que não desejamos. Você precisa fazer isso, agora, ou causar maior mal a outros do que nunca, queridíssima Rosa, encantadora Rosa...

Rosa tentou levantar-se.

— Não — disse ele. — Não me esqueço de quantas janelas estão nos mirando. Não a tocarei de novo. Nem mesmo me aproximarei mais do que estou. Sente-se, pois!

Ela poderia ter partido, mas o rosto dele, sério e positivo, e até ameaçador, fê-la ficar.

— Rosa, mesmo quando você estava compromissada com meu querido sobrinho, para casamento, eu a amava, desesperadamente. Ele deu-me aquele quadro do seu lindo rosto, pintado com tanto descuido. Eu fingia mantê-lo pendurado à minha frente para agradá-lo, mas no fundo eu a adorava, loucamente. Durante os meus trabalhos diurnos, nas tristes vigílias da noite, nas realidades da vida ou vagando pelos céus ou pelos infernos das minhas visões, eu sempre a amei como doido. Enquanto você tinha compromisso com ele, eu ocultei essa paixão, não é verdade?

— O senhor foi falso, sempre, como está sendo agora, falso para ele todos os dias e todas as horas. O senhor tomou minha vida infeliz pela perseguição que me fez, e tomou-me temerosa de avisar Edwin, para que abrisse os olhos a seu respeito.

— Como você está linda! Mais linda quando está zangada do que quando está calma. Não lhe peço o seu amor. Quero-a para mim, com o seu ódio. Será o suficiente!

Ela ergueu-se, novamente, buscando proteção dentro de casa, mas lhe esticou a mão espalmada de novo.

— Já lhe disse, dócil criatura, que você tem que ficar e ouvir-me, ou causará maior mal do que pensa. Você pode perguntar que mal é. Direi: é sabido que o jovem Landless confessou ao sr. Crisparkle que ele era um rival do meu desaparecido sobrinho. Isso é uma ofensa imperdoável aos meus olhos. O sr. Crisparkle sabe que me entregou toda a descoberta do assassino. Tenho trabalhado pacientemente para jogar minha rede contra ele.

— O sr. Crisparkle não acredita que ele seja culpado, e o sr. Crisparkle é um homem decente e bom.

— As circunstâncias podem somar-se fortemente, mesmo contra um homem inocente, talvez tão pontiagudas contra ele que podem matá-lo. Mais uma coisa que seja descoberta contra um homem suspeito, prova a sua culpabilidade e ele morre. O sr. Landless está no mais grave perigo.

— Se o sr. pensa que eu favoreço o sr. Landless ou que alguma vez se dirigiu a mim, está enganado — retrucou disse Rosa.

— A srta. Landless é a sua mais diletta amiga. Você deve desejar-lhe paz de espírito.

— Gosto demais dela.

— Então, afaste dela essa sombra, a sombra de um irmão, enforcado por assassinio.

Rosa colocou a mão no rosto e depois alisou os cabelos para trás. Olhou ferozmente ao redor, como se tentasse entender aonde ele queria chegar.

Não me julgue alguém afeito à morte ou à vingança. Esqueça isso. Com um gesto da mão, como se ele jogasse fora algo precioso: Está aí, gritou, está a miséria do meu coração e de minha alma. Aí está a minha paz e aí está o meu desespero. Pisoteio-os no pó, mas aceite-me, mesmo me odiando!

A violência do homem foi tamanha, que ela conseguiu fugir, correndo em direção da casa. Mas num instante ele estava junto dela.

Nada, uma palavra a respeito disso a quem quer que seja, ou isso desencadeará comentários tão certos como a noite segue o dia. Eu a amo! Ninguém se interporá entre nós. Vou perseguí-la até à morte!

A servente veio abrir o portão para que ele saísse. Silenciosamente, ele ergueu o chapéu, cumprimentando-a à saída. Rosa caiu sem sentidos nas escadas e foi levada para o seu quarto.

CAPÍTULO 20 – A FUGA DE ROSA

Um pensamento ficou claro na mente de Rosa: precisava livrar-se desse homem terrível! Resolveu procurar imediatamente o seu tutor, o sr. Grewgious. Escreveu uma nota apressada à srta. Twinkleton: “Tenho forte razão para falar com o meu tutor, imediatamente, e parti para vê-lo”. Colocou umas poucas coisas numa valise e partiu, fechando devagarinho o portão atrás de si. Correu para a estação de ônibus e foi levada para a estação ferroviária. Finalmente, o trem chegou a Londres. Tomou uma carruagem e disse ao condutor que a levasse a “Staple Inn”. Era tarde. A porta da entrada estava fechada, mas o porteiro deixou-a entrar, e mostrou-lhe a escada, que levava aos aposentos do sr. Grewgious. Ela subiu, bateu mansamente na porta. Ninguém respondeu. Então, ela abriu a porta e viu o seu tutor sentado perto da janela com um quebra-luz ao seu lado. Rosa aproximou-se, na obscuridade do ambiente. Ele a viu.

— Meu bom Deus — exclamou Grewgious, num sussurro — pensei que você fosse sua mãe! Minha querida, quem trouxe você aqui?

— Ninguém. Eu vim sozinha. Meu tio me propôs amor! — ela explodiu num pranto. — Eu tremo de horror dele. Vim aqui para pedir-lhe proteção para mim e para todos nós.

— E eu hei de conseguí-lo — bradou o sr. Grewgious.

Caminhou rapidamente de um lado para outro na sala. Depois, parou.

— Não me diga nada mais por enquanto. Quando você tomou a sua última refeição? Preciso acomodá-la na Estalagem Furnival. Esta mala é sua? Não é muito pesada, é?

O sr. Grewgious correu do outro lado, na Furnival, para dar a sua ordem. Trouxeram chá.

— Puxa vida! — comentou ele, sentando-se do lado oposto a Rosa, à mesa do chá — que nova experiência para um homem como eu!

— O sr. sempre vive aqui?

— Sim, querida.

— E sempre sozinho?

— Sempre sozinho. Apenas durante o dia, tenho a companhia de Bazzard. E agora, querida, se Você não está muito cansada, diga-me o que aconteceu hoje.

Rosa, então, sentindo-se mais calma, deu-lhe um relato completo do seu encontro com Jasper. Pediu que ela repetisse aquela parte referente a Helena e a Neville. Quando Rosa terminou, ele sentou-se com aspecto grave e permaneceu em silêncio por algum tempo.

— Sim — assentiu ele finalmente, — é um relato muito claro, e espero que ele fique bastante claro em minha mente. Levou-a à janela aberta. Veja, minha querida, lá é onde eles vivem, aquelas janelas escuras lá.

— Posso ir ver Helena, amanhã?

— Vou pensar neste assunto — prometeu ele. — Vou levá-la para os seus aposentos.

A seguir, conduziu-a através da rua para a Estalagem Furnival.

— Venho buscá-la, amanhã, às dez horas — avisou ele.

— Espero que não se sinta tão estranha, neste lugar estranho.

Eu me sinto tão segura — afirmou Rosa — tão segura longe dele!

CAPÍTULO 21 – ROSA VAI PARA LONDRES

Às dez horas da manhã do dia seguinte, o sr. Grewgious apareceu na Estalagem Furnival, acompanhado do sr. Crisparkle.

— A srta. Twinkleton ficou preocupada e procurou-me com sua neta e eu vim a Londres pelo primeiro trem desta manhã.

— Eu comuniquei ao sr. Crisparkle tudo o que você disse ontem à noite — declamou Grewgious.

— O sr. já decidiu o que se deve fazer por Helena e seu irmão? — inquiriu Rosa, ansiosamente. Mas antes que o sr. Grewgious pudesse responder, a servente entrou, dizendo:

— Há um cavalheiro que deseja ver o sr. Crisparkle, mas se não houver tal pessoa aqui, ele pede desculpas.

— É um cidadão escuro? — perguntou Rosa, procurando proteção do seu tutor.

— Não, senhorita, é um cidadão moreno, de olhos azuis.

— Se a srta. Rosa nos permite, façamos o cidadão entrar, sr. Crisparkle.

— Quem sou eu? — perguntou o cidadão, entrando e estendendo a mão ao sr. Crisparkle.

O sr. Crisparkle olhou para ele e respondeu:

— O sr. é o cidadão que eu vi fumando, sob a árvore, na Estalagem Staple há poucos minutos atrás?

— Isso! Eu o vi lá. Quem mais sou eu?

O sr. Crisparkle olhou para o jovem rosto, queimado do sol e a lembrança de um rapaz, de há muito tempo, pareceu surgir gradativamente na obscuridade de sua mente...

Espere um momento — pediu o sr. Crisparkle. — Dê-me mais um instante... Tartar! Ele voltou-se para o sr. Grewgious e para Rosa. Tartar era o melhor aluno da escola, quando era um garotão. Quando caí no rio, ele saltou na água, agarrou-me pelos cabelos e puxou-me para fora. Ele salvou-me a vida.

— Depois daquilo — observou Tartar — você aprendeu a nadar...

O jovem moreno era Tartar.

— Espero que você não tenha apanhado resfriado — declarou o sr. Grewgious, apertando a mão de Tartar. Depois o sr. Grewgious deu vários passos de um para o outro lado, na sala.

— Creio que tenho uma ideia — enunciou finalmente. — Vi o nome do sr. Tartar na porta dos aposentos no topo da escada, perto do sr. Landless.

— Sim, senhor, é isso mesmo.

— Bem — disse o sr. Grewgious — há alguém em “Staple Inn” que está de olho em Neville Landless e informando o sr. Jasper de todos que o visitam. Não queremos que esta pessoa lhe diga que a srta. Rosa visitou a srta. Helena Landless. Mas não faz mal que esta pessoa diga que uma senhora subiu a escada vizinha.

Ele fez uma pausa:

— Eu não compreendo a que vem tudo isso — enunciou Tartar — mas deixe-me dizer, de pronto, que vocês poderão usar os meus aposentos, se quiserem.

— Isso, agora, chegamos aonde eu queria, meu rapaz. Você entendeu, Rosa?

— Creio que sim — anuiu Rosa.

— Você irá a “Staple Inn” com o sr. Crisparkle e o sr. Tartar, e subirá com este cavalheiro ao aposento do sr. Tartar. Vai olhar através do jardim do sr. Tartar, esperando que a srta. Helena saia na janela. Poderá conversar com ela livremente e o espião do sr. Jasper não vai ver nada.

Rosa atravessou a rua, acompanhada do sr. Tartar. Ela ficou imaginando quão estranho lhe parecia caminhar de braço dado com um marinheiro. Rosa sentia-se tão pequena e ele tão grande. Seus olhos azuis de longo alcance pareciam ver perigo à distância. Tartar observava tudo com atenção. E assim ela chegou, com o seu auxílio ao seu jardim suspenso, a um jardim maravilhoso no alto de uma plantaçãõ.

O jardim de Tartar era tão limpo e bem cuidado como se esse jardim fosse o seu navio. A tábua escura, cor de fumação do seu soalho londrino, fora pintada de branco. Tão branca quanto possível. Cada polegada de metal foi polida. Cada coisa tinha o seu lugar. Tartar mostrou-lhe tudo, com a sua

devida ordem. Depois, saiu devagarinho. O sr. Crisparkle ficou e Rosa foi à janela.

— Helena! Helena Landless! — chamou ela.

O rosto de Helena apareceu na outra janela.

— O que isso Rosa? Como você surgiu aí?

Rosa contou-lhe rapidamente a razão de sua vinda.

— O sr. Tartar está aí com você agora? interrogou Helena.

— Não. Ele franqueou-nos o uso do seu aposento. O sr. Crisparkle está comigo.

— Você sabe que Tartar, uma vez, salvou a vida do sr. Crisparkle?

— Sou capaz de acreditar em qualquer coisa a respeito do sr. Crisparkle! — respondeu Rosa com inusitada doçura na voz.

Houve um curto silêncio. Depois. Helena falou:

— Neville está lendo no seu quarto. Penso que seria melhor que ele não soubesse que você está aqui.

— Oh! também acho — respondeu Rosa.

Em seguida, veio a questão da ameaça de Jasper. Os movimentos de Neville estão vigiados — explicou Rosa. — O propósito de Jasper é separá-lo de todos os seus amigos, vigiá-lo dia a dia.

Depois de um curto intervalo, Rosa apareceu de novo na janela e avisou que o sr. Crisparkle havia chamado o sr. Tartar, e que este estava disposto a fazer tudo para ajudá-los.

— Eu o agradeço do fundo do meu coração — declarou Helena. — Você vai voltar para a escola da srta. Twinkleton, Rosa?

— Oh! não, eu não poderia voltar para lá.

— Então, para onde você vai?

— Não sei. Meu tutor cuidará de mim. Diga-me uma coisa, antes que nos separemos. Será que eu não poderia ter feito algo diferente? Eu não

poderia evitar que o sr. Jasper a ameace e tente vingar sobre você? Eu não poderia ter acreditado nas promessas dele...

— Eu preferia vê-la morta aos meus pés! — respondeu, secamente, Helena.

Logo depois, quando Rosa regressou à casa do sr. Grewgious., este observou:

— Passou pelos meus pensamentos que a srta. Twinkleton, às vezes, vem a Londres, durante as férias com o propósito de visitar os pais das suas alunas. Poderíamos pedir que ela venha e fique com você durante um mês.

— Ficar onde, senhor? — respondeu Rosa.

— Uma parenta do sr. Bazzard mantém alojamentos perto daqui. O nome dela é Billikin.

Então, o sr. Grewgious e Rosa foram à casa da sra. Billikin. Esta era uma criatura que sempre dizia exatamente o que tinha na cabeça. Como resultado disso, tinha poucos amigos e muitos inimigos. Mas os cômodos que ela alugava eram bons. Os detalhes foram logo ajustados e ficou combinado que Rosa se mudaria para lá dali a dois dias. Rosa e o sr. Grewgious voltavam para a Furnival, quando encontraram Tartar.

— Ocorreu-me uma ideia — sugeriu Tartar. — Como o dia está muito lindo, podíamos dar um passeio pelo rio acima. Tenho um barco e o meu empregado Lobley, que toma conta do meu navio a vela, me ajudará a remar.

Em meia hora, lá estavam eles, remando rio acima. A vazante ajudou-os no seu percurso. Era uma linda tarde. O sr. Lobley e o sr. Tartar manejavam tão facilmente os remos, contudo estes curvavam, quando o impulsionavam. Tartar conversava com Rosa como se ele não estivesse fazendo nada. A vazante conduzia-os, felizmente, para a frente, até que pararam para tomar refeição num jardim, à beira do rio. Depois da refeição, retomaram o passeio e Rosa tentou remar, auxiliada por Tartar. O sr. Grewgious também tentou, e, não tendo assistência, caiu de costas, com um remo sob o queixo. Depois, foram mais uma vez para a margem e descansaram sob uma árvore, enquanto o sr. Lobley enxugava o barco.

Em seguida, veio o doce retorno entre os perfumes do entardecer e a música das águas. Não tardou que a cidade escura projetasse sua sombra sobre o rio. Suas pontes enegrecidas cruzavam correntezas como a morte cruza a vida, e aquele jardim verdejante parecia ter ficado para atrás, longe, muito longe.

CAPÍTULO 22 - ININTELIGÍVEL

As portas da catedral estavam fechadas, à noite. O maestro do coral, o sr. Jasper, sai para ir a Londres. Ele tinha todo um dia de feriado à sua frente. Chegando a Londres, dirigiu-se para o hotel “Railway Hotel” que ficava na rua Aldersgate. Deixou ali as suas malas, comeu alguma coisa e saiu em seguida, caminhando no rumo leste da cidade. Passou por ruas paupérrimas e muito sujas, até que chegou a um pátio miserável. Subiu uma escada quebrada e olhou para o interior de um cômodo escuro e mal cheiroso.

— Você está sozinha? — interrogou ele.

— Sozinha. Entre, quem quer que seja. Não posso vê-lo, enquanto eu não acender um fósforo, mas tenho a impressão de que reconheço a voz.

Houve uma pausa.

— Onde será que estão os fósforos? Sempre ponho-os em algum lugar que depois não acho. O sr. é um marinheiro? — Ela encontrou os fósforos, e acendeu uma vela.

— Ora, é o senhor! — exclamou a velha senhora.

— Está surpresa de ver-me?

— Pensei que o senhor tivesse morrido. Do contrário, não ficaria tão longo tempo longe de mim. Todo vestido de preto? Quem morreu?

— Um parente.

Ela olhou-o fixamente e bem pertinho do seu rosto.

— Apronte um com aquele haxixe especial — pediu Jasper.

— Já aprontei um grande número de cachimbos para o senhor, não é verdade? Como o senhor acostumava cantar, quando veio aqui a primeira vez... cante para adormecer, como um pássaro. Vou preparar um cachimbo especial.

Logo depois, ele puxou uma baforada.

— Não está tão forte como era... Escute... — Ele parou, como se tivesse esquecido o que ia dizer. Ela curvou-se sobre ele e falou-lhe ao ouvido.

— Estou escutando.

— Suponhamos... supondo que você tivesse algo em sua cabeça, algo que ia fazer.

— Sim, sim, algo que eu ia fazer.

— Mas que não tinha decidido ainda fazê-lo. Você o faria em sua imaginação, quando dormindo aqui, fumando haxixe?

— Sim, repetidamente.

— É está certo. Eu fi-lo repetidamente, dezenas ou milhares de vezes aqui neste quarto.

— Bem, espero que tenha sido agradável.

— Tratava-se... Tratava-se de uma viagem. Uma viagem difícil e perigosa. Olhe para baixo! A sra. sabe o que está lá embaixo?

Ela olhou para ele, não para onde ele estava apontando. Ela sabia que se ela ficasse calada ele prosseguiria falando.

— Eu o fiz com frequência, e quando estava realmente feito, achei que não valeu a pena.

— O senhor veio aqui para sonhar a respeito de sua viagem novamente?

— Sim, vim com esse propósito.

Ela observou-o cuidadosamente, como se o acompanhasse no seu caminho. Havia outras pessoas? Alguém com o senhor na viagem?

— Ha! ha! ha! Pensar quantas vezes ele foi naquela viagem sem nunca ter visto a estrada!

A mulher ajoelhou-se no chão, seus braços cruzados sobre a cama, perto dele e o queixo sobre os braços. Ela observava-o. Ela colocou de novo o cachimbo na boca dele. Em seguida, pondo uma mão sobre o seu peito, moveu-a vagorosamente, de um lado para outro. Então, ele falou, como se ela lhe tivesse dito alguma coisa:

— Eu sempre fiz a viagem. Primeiro, antes da chegada dos outros sonhos, antes das cores das procissões. Eu não tinha lugar na minha mente, até então, por nada mais.

Mais uma vez ele ficou em silêncio. Mais uma vez, ela colocou a mão sobre o seu peito, vagorosamente, e moveu-a, de um lado para outro, como um gato toca um rato meio morto, para fazê-lo mover de novo. Outra vez ele falou:

— Escute... O tempo e o lugar eram próximos. Ele se pôs de pé, então, falando em sussurro e como que na escuridão.

— Está chegando agora... Essa é a visão... Tão breve e fácil. Nenhuma luta, nenhum senso de perigo, nenhuma prece para a vida... e no entanto, eu nunca vi isso antes.

— Viu o quê?

— Olhe para ela! Olhe que pobre e miserável coisa ela é!

Ele caiu de novo sobre a cama.

A mulher curvou-se, outra vez, mais perto. Sacudiu-o de novo. Outra vez, escutou, sussurrou, outra vez escutou.

Depois, foi sentar-se na cadeira perto da lareira, monologando.

— Uma vez eu ouvi-o dizer “impossível”. Ele o disse, quando escutava aqueles outros. Não esteja sempre tão seguro! Breve eu terei apreendido todo o segredo que o faz falar.

Ele não falou mais. Permaneceu deitado, pesadamente, em silêncio.

A vela queimou toda e ele continuava dormindo, sem sentidos. A velha acendeu outra, também esta queimou até o fim. Finalmente, chegou a luz do dia, invadindo o aposento. Ele acordou e pagou-a.

— Puxa vida — observou ela, com aspecto cansado, aprontando-se para dormir.

Mas no instante em que ouviu os últimos sons dos seus passos na escada, ela saiu correndo apressadamente ao seu encaço.

— Não sentirei sua falta duas vezes — sussurrou ela.

Ela olhou pela janela, a fim de ver se ele olharia para trás; depois, foi procurá-lo em Aldersgate. Ela escondeu-se numa outra porta, espiando onde ele entrou. Durante várias horas, a velha ficou de plantão. Finalmente, cerca do meio-dia, ele saiu. Não trazia nenhuma mala. Portanto, não ia voltar para a sua cidade ainda. Ela seguiu por algum tempo, depois voltou para o “Railway Hotel”, de onde ele havia saído.

— Aquele cavalheiro de Clisterham está?

— Acabou de sair — disseram-lhe.

— Que pena! Quando ele vai voltar para Clisterham?

— Às seis horas da tarde.

— Não o perderei duas vezes — ela murmurou, enquanto seguia o seu caminho. — Eu o perdi a última vez, quando saiu do trem e tomou um ônibus. Mas, agora, chegarei lá antes de você e ficarei esperando. Não o perderei de vista duas vezes! — ela resmungou.

CAPÍTULO 23 – A PRINCESA PUFFER

Naquela mesma noite, a misteriosa mulher plantou-se à espera, perto do lugar onde o ônibus teria de partir.

— Agora vamos ver aonde você vai — sussurrou ela, tomando o mesmo ônibus, sem que ele a visse!

Ela seguiu Jasper até que ele chegou a um portão de arcada.

Apertou o passo até vê-lo bem de perto, quando Jasper adentrou o portão. Nesse momento, Jasper desapareceu. Apenas, viu uma porta aberta, dando para a rua e, no interior dela, um homem grisalho, escrevendo e olhando para todos a que passavam.

— Alô! — enunciou ele em voz baixa.

Ela parou.

— Quem a senhora está procurando?

— Há um cavalheiro que passou por aqui neste instante, senhor?

— Sim, o que a senhora quer com ele?

— Onde ele mora?

— Mora? Subindo a escada.

— “Puxa vida!” — exclamou ela. Depois, abaixando a voz, ela indagou:

— Qual é o nome dele, meu querido?

— Jasper — sr. John Jasper.

— Ele tem uma profissão? Que faz?

— Profissão? Sim. Ele canta no coral.

— No quê?

— Coral.

O sr. Dutchery levantou-se de sua mesa e chegou até à porta.

— A senhora conhece a catedral... aquela igreja grande lá?

Ela abanou a cabeça afirmativamente.

— Vá lá às sete horas da manhã e encontrará o sr. Jasper, e poderá ouvi-lo, cantando. Se quiser, eu a acompanho.

— Obrigada, obrigada!

O sr. Dutchery notou a força de sua voz ao dizer isso. Relanceou os olhos sobre ela; depois, caminhou na sua direção.

— Ah! — observou ele — a sra. poderá ir à residência dele, agora. Ao falar, ele esticou o queixo mostrando: lá, lá em cima.

Ela sacudiu a cabeça. Não!

— A sra. pode admirá-lo à distância, três vezes por dia; mas parece que veio de muito longe só para isso!

A mulher ergueu os olhos rapidamente: Será que aquele senhor idoso estava tentando saber de onde ela vinha? Não, ele não podia fazer esse jogo. A velha olhou para ele, sem rancor, com os seus cabelos grisalhos, balançando de um lado para outro, sacudindo dinheiro no bolso à medida que caminhava displicentemente. O som do dinheiro atraiu os seus ouvidos ávidos.

— O sr. poderia ajudar a pagar o meu alojamento, querido cavalheiro?

Eu sou uma pobre velha e tenho uma tosse terrível.

— Vejo que a sra. vai para o “Repouso dos Viajantes” — comentou o sr. Dutchery, ainda sacudindo o dinheiro no seu bolso. — A senhora tem vindo sempre aqui?

— Apenas uma vez, antes.

Eles haviam chegado ao portão, onde ela se encontrava com Edwin Drood na sua primeira visita. A velha parou.

— O sr. pode não acreditar, mas um jovem cavalheiro deu-me três libras e seis *pence*, quando eu estava tossindo, a ponto de pôr todo o meu fôlego pela boca, sentada naquela grama, ali. Pedi-lhe três libras e seis *pence* e ele me deu.

— Três libras e seis *pence*! Por que a sra. menciona essa quantia? Não é anormal a sra. mencionar exatamente quanto quer?

— Eu precisava daquela quantia para comprar um remédio, que me faz muito bem. Eu disse-lhe isso e ele deu-me o dinheiro.

— Compreendo — respondeu Dutchery, encarando-a.

Ele começou a contar o dinheiro.

— Isso foi na última véspera do Natal — continuou ela. — Logo depois de entardecer, quando eu vim aqui, na vez anterior. Foi ali que ele me deu o dinheiro.

O sr. Dutchery interrompeu a contagem do dinheiro. Achou que havia errado na contagem, e começou a contar de novo.

— E o jovem chamava-se Edwin.

O sr. Dutchery deixou cair algum dinheiro e abaixou para pegá-lo.

— Como a sra. sabe o nome do jovem cavalheiro?

— Eu perguntei-lhe: “Qual é o seu nome?” e “Você tem namorada?” E ele respondeu que chamava Edwin e que não tinha namorada.

O sr. Dutchery parou com o dinheiro na mão. Ela encarou-o zangada temendo que ele fosse mudar de ideia. Mas ele deu-lhe o dinheiro que ela agradeceu.

O lampião da casa de John Jasper estava aceso, quando o sr. Dutchery voltou, dando a impressão de um navio a vela em direção de um farol. Ele voltou para a sua residência. Eram dez e meia, quando ele saiu de novo. Ele parou e olhou ao redor. Era a hora em que Durdles deveria ser apedrejado para voltar para casa, e ele queria ver o garoto-delegado, que tinha a obrigação de apedrejá-lo. O delegado está ali. Como não havia nenhum ser vivente para atirar pedras, ele atirava-as contra os túmulos do terreno de sepultamento.

— Alô, delegado — saudou o sr. Dutchery.

— Alô Dick — respondeu o garoto.

Parece que o rapaz e o sr. Dutchery já haviam se tornado bons amigos.

— Tenho mais alguns xelins para você esta noite, garoto. Você acabou de receber uma hóspede lá no “Repouso dos Viajantes” uma senhora de idade, com uma tosse terrível.

— Sei quem é.

— Qual é o nome?

— Chamo-a de Princesa Puffer.

— Ela deve ter outro nome, além desse. Onde ela mora?

— Em Londres, entre marinheiros e chineses.

— Quero saber, por seu intermédio, exatamente onde ela mora.

Aqui está uma coisa engraçada. Onde o sr. acha que a Princesa vai amanhã de manhã? Ela vai à catedral.

— Como você sabe disso, garoto?

— Ela me disse agorinha mesmo, explicando: “preciso tomar um banho bem de manhãzinha, tornar-me bem asseada, porque vou à catedral”.

O sr. Dutchery recebeu esta notícia com certa satisfação, mas um tanto pensativo. Ele voltou para a sua residência e ficou sentado um longo tempo diante da sua refeição de pão e queijo. Depois da refeição, ele ainda permaneceu por algum tempo. Finalmente, levantou-se e abriu a porta do armário. “Eu gosto, monologou ele, da maneira como se mantém a contabilidade nestes alojamentos, com um pedaço de giz”. Ele olhou para as linhas de giz no interior da porta do armário. “Acho que posso acrescentar algo, para o trabalho da noite.” Ele traçou uma pequena linha de giz, fechou o armário e foi deitar-se.

*

Uma manhã radiosa espalhou-se sobre a cidade. Seus edifícios antigos pareciam mais lindos do que nunca à luz do sol. Ouviam-se cantos de pássaros e aspirava-se o perfume das flores e dos campos, dentro da catedral. Os túmulos frios de centenas de anos atrás tornaram-se aquecidos e os raios do sol penetravam nos mais escuros meandros. O sr. Tope apareceu com as suas grandes chaves, destrancou e escancarou as portas. A sra. Tope, com suas auxiliares, veio, varreu e espanou. Umhas poucas pessoas vieram e ocuparam os bancos, esperando que o serviço religioso matinal começasse. Pouquíssimas pessoas. O sr. Crisparkle chegou cheio de vivacidade e entusiasmo. Os garotos do coral surgiram correndo (eles estavam sempre correndo) e vestiram apressadamente as suas túnicas. John Jasper chegou e conduziu-os em fila até aos seus lugares. Depois de todos, veio o sr. Dutchery. Ele sentou-se e olhou ao redor, buscando alcançar com os olhos a Princesa Puffer. Depois de algum tempo, conseguiu vê-la. Estava atrás de um pilar, cuidadosamente escondida das vistas de Jasper, mas

vigiava-o com a mais aguda atenção. Ela sorriu ao ouvi-lo cantar com todo sentimento, e (sim, o sr. Dutchery notou quando ela o fez) sacudiu a mão para ele, de trás do pilar. O sr. Dutchery olhou de novo, como querendo certificar-se. Novamente. Tão medonha como o demônio esculpido, com tanta maldade como o próprio Mal, ela sacudia ambos os punhos para o maestro do coral. Naquele momento, tendo escapado da vigilância do sr. Tope, o garoto olhou para dentro com olhos penetrantes, através de barras de ferro da porta de entrada, pela qual o coral havia entrado. Ele olhava aturdido para a ameaçadora e para o ameaçado. O serviço terminou. O coral e as pessoas retiraram-se para a sua primeira refeição. A Princesa esperou até que todos saíssem. Então, Dutchery a encontrou, quando ela saía.

— Bem — interrogou ele — bom dia. A sra. viu-o?

— Sim, eu o vi.

— E a sra. o conhece?

— Conheço-o mais do que todos vocês juntos!

A sra. Tope preparara uma primeira refeição muito gostosa para o seu inquilino. Antes de sentar-se, ele abriu o armário e acrescentou uma grossa linha de giz, às marcas já existentes ali. Uma linha grossa estendendo-se de alto a baixo da porta do armário.

CAPÍTULO 24 – COMEÇAM ALGUMAS PESQUISAS

A sra. Tope preparara também uma excelente primeira refeição para Jasper, mas o seu apetite vinha diminuindo de há muito tempo e a sra. Tope começava preocupar-se com aquilo. Ele empurrou a sua xícara e o prato para o lado e colocou a cabeça sobre os braços, pois não dormira bem e levantara-se cedo para os serviços. Agora, aquela cortina preta de horror e medo, repentinamente sobreveio-lhe, novamente. Seu rosto estava pálido e havia linhas escuras sob os seus olhos. Ele vinha empenhando-se com tanta avidez no seu processo de vingança, que não lhe sobrava nenhum tempo para cuidar daqueles ataques que mais e mais o acometiam. Talvez, fosse isso que o levara a visitar o sr. Sapsea.

Jasper tomou a sua xícara de chá, afastou a cadeira, pegou o chapéu e desceu apressado as escadas. Ultimamente, ele estava sempre correndo. Andava pelas ruas, nunca olhando para a direita ou para esquerda. Passava por amigos sem nem sequer um aceno de cabeça para eles, como se não os visse. A porta da residência do sr. Dutchery estava aberta, e, quando Jasper passou, deu-lhe um cordial cumprimento.

— Bom dia — respondeu Jasper. — Eu o vi no serviço religioso matinal, hoje! O sr. nunca vai! Por que foi?

— Pelo menos, fiz um começo — redarguiu o sr. Dutchery. — O sr. não pode esperar um progresso tão repentino em mim.

Em vez de passar pela arcada, Jasper volveu e caminhou pelo terreno de sepultamento. Lá, ele viu Durdles trabalhando, fixando uma nova pedra de túmulo.

— Bom dia, cumprimentou ele. — Quando vamos ter uma nova caminhada ao luar, juntos?

— Todo mundo sabe onde encontrar Durdles, quando precisar dele, — foi a resposta.

O sr. Jasper prosseguiu o seu caminho. O sr. Sapsea não andava passando bem ultimamente. Talvez, Jasper pensasse que, animando-o, pudesse trazer-lhe alguma esperança para a sua própria mente. Ele procurava saber diariamente como ia reagindo a saúde do sr. Sapsea.

O sr. Dutchery terminou a sua refeição, pegou o seu chapéu (levando-o em baixo do braço) e caminhou em direção ao “Repouso dos Viajantes” para ver se conseguia ver o garoto-delegado. Este estava de pé à porta.

— Bem, delegado — perguntou ele — você descobriu o que eu lhe pedi?

— Não, não consegui. Não foi fácil. Eu bem que tentei, mas ela disse: “Não faça perguntas para não ouvir mentiras”.

— Deixe-me pensar — comentou o sr. Dutchery, afastando os cabelos da testa. — Você precisa ganhar aquele dinheiro. A Princesa já se foi?

— Ela disse que vai apanhar o trem das dez horas.

Eles caminharam lado a lado, na direção da casa do sr. Crisparkle.

— Delegado, você já esteve em Londres?

— Uma vez.

— Desejo que você vá a Londres. Quero que descubra para mim onde a Princesa mora.

— O quê? Deixar o meu trabalho aqui?

— Vou ajeitar isso, e pagar-lhe-ei mais do que você ganha por um dia de serviço aqui. Você precisa ir de trem. Dar-lhe-ei o dinheiro para isso. Siga-a. Procure ver aonde ela vai. Note a porta em que ela entra e não volte sem isso. Procure lembrar-se do número da casa e do nome da rua. Depois, vá a este endereço em Londres e diga ao meu amigo onde ela mora.

Uma moeda de ouro dada ao dono da Estalagem “Repouso dos Viajantes” paga muito mais pela sua perda do trabalho do garoto. O preço da passagem foi cuidadosamente colocado num pedaço de papel, e outro dinheiro para alimentação e mais despesas em outra e entregue ao rapaz. O endereço do amigo do sr. Dutchery. Grewgious, escrito num grande pedaço de papelão e grudado com um alfinete no seu paletó, por dentro.

Tendo ajeitado tudo isso o sr. Dutchery voltou-se em direção do jardim, onde ele conversara com a Princesa, antes. Talvez, ali fosse o lugar favorito dela. Ao se aproximar, ele ouviu-lhe a tosse.

— Bom dia, novamente — disse ele. — Vai partir logo?

— Sim.

— Pobre sr. Jasper! — comentou ele, como se falasse consigo mesmo. — Pobre sujeito!

— Por quê? — Ela o encarou fixamente.

— Ele tem passado por uma série de dificuldades — declarou o sr. Dutchery.

— Por que está vestido de luto? É a essa a dificuldade?

— Sim, a morte do seu sobrinho.

— Ah! Conte-me isso!

— Seu sobrinho desapareceu.

— Como?

— Ninguém sabe.

Ela aproximou o seu rosto e perguntou, cochichando no seu ouvido:

— Foi assassinado?

— Ninguém o sabe. Acredita-se que foi.

— Obrigado, senhor. Que o senhor seja abençoado. Agora, preciso ir-me.

Quando ela saiu apressada, o sr. Dutchery teria ouvido-a murmurar: “Pois bem, meu querido. Venha quando quiser agora. “Ininteligível?” Oh! não. Não agora”.

O sr. Dutchery voltou para a sua residência. Ele abriu o armário e acrescentou mais uma linha de giz, àquela sua misteriosa soma.

CAPÍTULO 25 – OUTRO PASSEIO NOTURNO DE DURDLES

Já era tarde da noite em Clisterham. Tão tarde que a maioria, quase todas as pessoas de Clisterham já haviam ido deitar-se. Somente na casa de Jasper uma luz brilhava. Jasper não ia dormir facilmente. Com frequência, ao deitar-se para dormir, acordava logo em seguida, gritando, atacado pelos seus sonhos. Então, levantava-se, acendia o lampião e lia ou tocava piano baixinho até que a calma lhe retornasse.

No lado de fora, os terrenos da catedral estavam transbordantes da luz do luar e a grande torre erguia-se branca e clara contra o céu salpicado de estrelas.

A porta da moradia do sr. Dutchery abriu-se devagarinho e ele saiu. Olhou em direção à casa de Jasper e viu luz acesa. Então, caminhou em ponta de pé e foi colocar-se numa sombra junto à sua janela. À sua frente, viu outra janela iluminada. Iluminada porque o seu dono havia esquecido de

apagar a luz. Era muito depois das 22 horas. O rapaz havia apedrejado Durdles, a fim de que fosse para casa. E agora Durdles estava sentado na sua cadeira, com uma garrafa de vinho pela metade, ao seu lado. Todo mundo sabia onde encontrar Durdles, quando se tinha necessidade dele. O portão do pátio estava fechado. O sr. Dutchery deu a volta e bateu na porta lateral. Depois que ele havia batido forte e longamente, Durdles abriu.

— Oh! É o senhor?

O sr. Dutchery mostrou duas garrafas.

— Posso ser considerado duplamente bem-vindo? — perguntou ele — ou é muito tarde?

— O sr. é bem-vindo, ou pelo menos as garrafas o são.

— Perdoe a minha chegada pela porta lateral, mas o portão do seu pátio está fechado.

— Realmente. Trago-o fechado desde que me roubaram uma porção da minha cal há um ano atrás. Muito tarde por quê?

— O sr. Jasper disse-me que, uma vez, você mostrou-lhe a catedral à luz do luar. Há uma lua linda esta noite. Se não estiver tão cansado, talvez pudéssemos dar o mesmo passeio.

Durdles ergueu uma garrafa. Em seguida, abriu-a e cheirou-a.

— Coisa melhor do que a que o sr. Jasper me trouxe. Não tem cheiro tão forte...

Encheu um copo, e um pouco num outro.

— Sua saúde! — brindou ele, entornando o copo cheio.

— Agora, não me sinto tão cansado. Mas isso pode me subir de novo, como aconteceu quando levei o sr. Jasper. Portanto, vamos levar uma garrafa. Ele pôs uma garrafa no seu bolso. Pegou o martelo e o seu farnel.

— Como se a canseira se apoderou de você? — indagou Dutchery, com interesse.

— Depois que tínhamos caminhado bastante e estávamos quase nos arcos, lá em cima na torre. Aliás, já descíamos, quando fui repentinamente

acometido de um mal-estar. Tive um sonho horrível!

Eles já estavam nessa altura, perto da catedral.

— Ah! E o mal-estar passou? Quanto tempo durou?

— Como posso saber o tempo, se dormi?

Ele tirou a chave e abriu a porta. Entraram, e ele fechou-a atrás deles. Atingiram a base da escada. O luar estava formando as mesmas faixas claras entre os grossos pilares. Iluminava as inscrições esculpidas nas pedras dos túmulos embaixo de seus pés e as figuras esculpidas e poemas em outros, construídos nas paredes.

Durdles parou. Bateu na parede com o seu martelo.

— Escute pediu ele — veja! — Este é sólido. — Bateu novamente a uns poucos metros mais longe. Veja! Sólido. E depois, mais uns poucos metros. Agora, percebe a diferença? Não, o sr. não percebe, mais eu percebo. Sólido, no oco. Esta é antiga.

— Como pode ter certeza disso? — inquiriu Dutchery. — Você derrubaria esta parede e olharia atrás para ver se há um antigo morto lá?

— Não, isso não. O deão não deixaria.

— Por que não? — perguntou Dutchery.

— Esta é uma parede muito boa, isto é, não há razão para pô-la abaixo, e um novo pedaço de parede não ficaria bem, entre as antigas.

— Você não consegue escurecê-la ou disfarçá-la de algum modo?

— Como? Esfregando barro nela? Não, nunca ficaria parecendo a mesma. Mas, quando a parede lá, na parte leste estava estragada, tivemos de reconstruí-la. Eu havia dito: “tem um antigo morto aí atrás” e tinha mesmo. Lá estava ele, quase todo pó, com seu bastão em gancho e tudo. O deão ficou muito contente com ele.

Eles continuaram caminhando. Dutchery fez uma parada para ler uma inscrição no assoalho de pedra.

“Aqui jazem o corpo do cidadão

William Daiton e Sarah,

sua esposa,

e também de seus filhos..

— Havia grandes famílias naqueles tempos — comentou Dutchery.

— Ah! famílias eram famílias naquela época, mas a maioria morria antes de crescer. A criançada morria cedo.

— Você já encontrou também antigos mortos embaixo do piso?

— Ah! exclamou Durdles. — Caminhou uns poucos passos. — Ouça, aqui “tap, tap, tap”. Aqui está um antigo.

— Você poderia erguer uma dessas pedras para certificar-se?

Erguer esta? Meus dois homens e Durdles não o conseguiram erguer uma pedra deste tamanho. Faziam-se grossa e grande naqueles dias. Não pequeninas como fazemos agora. Fazemo-las não mais de uma polegada ou duas de espessura.

Chegaram ao portão de ferro, entrada para os degraus da torre.

— Ah! suspirou Durdles novamente — famílias eram famílias naqueles tempos antigos, e túmulos eram túmulos, também...

Subiram as escadas e atingiram o andar médio da catedral. O lugar despejava-se através das vidraças coloridas das janelas, formando um interessante desenho no assoalho.

Durdles parou.

— O senhor deseja ir até lá em cima, no topo da torre?

— Bem, como você quiser.

— Foi isso que me fez sentir tão cansado naquela noite. Tive quase de ir para casa na escuridão, porque a luz da lua já havia quase desaparecido, quando acordei.

— O que o acordou?

— Minha chave caiu e Jasper estava de pé ao meu lado, sacudindo-me.

Ele tomou um trago de sua garrafa.

— Eu fico sentado aqui, enquanto o sr. sobe — enunciou Durdles.

— Não se preocupe — retrucou Dutchery. — Eu também estou mais ou menos cansado. Penso que já passeamos bastante por esta noite.

O sr. Dutchery estava cansado. Tivera um dia longo, mas não estava tão cansado para abrir a porta do armário quando voltou a fazer sua marca de giz. Havia duas linhas compridas e uma curta. Esta tinha o formato quase de um ponto de interrogação. Parecia um mistério.

CAPÍTULO 26 – COMEÇAM AS PESQUISAS

O sr. Grewgious estava sentado perto da janela com o seu copo de vinho, quando ouviu uma batida firme na porta. Antes que pudesse dizer “entre” a porta abriu-se e um cidadão grisalho entrou.

— Geralmente, a gente espera permissão antes de entrar. O sr. está com pressa?

— Estou. Suspeito que estou sendo seguido e não podia ficar parado na sua porta. Ficar esperando do lado de fora da porta não é uma medida muito salutar na minha profissão. O sr. poderia fazer o obséquio de puxar as cortinas de sua janela?

O sr. Grewgious voltou-se para executar esse pedido, quando o visitante se sentou à mesa. Terminada a tarefa de fechar as cortinas, e voltando-se novamente, notou que o velho cavalheiro havia desaparecido. Em seu lugar, sentava-se um outro cavalheiro de cerca de quarenta anos, com olhos muitos argutos, mandíbulas fortes e linhas profundas na testa e ao redor da boca. Parecia ser um homem que, uma vez iniciada uma tarefa, não deixaria facilmente de executá-la.

— Meu querido senhor — exclamou o sr. Grewgious, avançando para cumprimentá-lo, eu não o havia reconhecido. Mas para que tudo isso? — perguntou.

— Será que o sr. poderia adivinhar a resposta à sua pergunta?

— Francamente, não sou capaz. Ninguém o conhece em Clisterham, ninguém o reconheceria — afirmou o sr. Grewgious.

— Não temo ser reconhecido — declarou o sr. Dutchery — mas um jovem, ou uma pessoa de meia idade, visitando um lugar e formulando perguntas é sempre um objeto de interesse geral e mesmo de suspeita.

Surgem logo as perguntas: “O que é ele?”, “Qual a sua profissão?”, “O que deseja?”. “O que veio fazer aqui?”. Isso não acontece com um homem de idade. Um velho que se declara aposentado da vida ativa não desperta interesse em ninguém. Se faz pergunta, parece fazê-lo por mera curiosidade, para preencher as suas horas vazias.

— E as suas horas têm sido realmente tão vazias?

— Longe disso. Como quem faz um estudo especial de assassínios, fui incumbido pelo senhor de descobrir a verdade sobre a morte de Edwin Drood.

Ele esfregou as mãos: E trata-se de um assassínio excelente. Realmente um dos melhores na minha coleção. Simples, entretanto, praticado com muita arte. Planejado cuidadosamente e executado com muita ousadia.

— Não posso compartilhar dos seus sentimentos, com relação a um acontecimento tão terrível — observou Grewgious. — Mas compreendo que veio trazer-me a versão verdadeira do fato, de maneira a inocentar um jovem da suspeita e tirar um peso da mente de minha querida srta. Rosa. Você sabe a verdade a respeito de Edwin Drood?

O sr. Grewgious encheu um copo de vinho para o sr. Dutchery, e ambos sentaram-se frente a frente, à mesa.

Saber a verdade é uma coisa. Prová-la; outra — declarou o sr. Dutchery.

— Eu coloquei à sua frente — enunciou o sr. Grewgious — os fatos que podem colocar o jovem como culpado...

Dutchery abanou a mão num gesto, que demonstrava que tais fatos não eram significantes.

— Isso não é nada. Uma discussão. Isso é natural entre homens jovens, como entre animais jovens. Especialmente, quando há uma senhora em jogo. Se toda querela desse tipo terminasse em assassinio, poucos jovens atingiriam a maturidade. Uma bengala... e daí?

Ele mostrou-a abertamente ao sr. Crisparkle, como se dissesse: veja que lindo revólver com o que eu desejo liquidar a vida de alguém esta noite. Um assassino não mostra a sua arma, nem a leva consigo após a consumação do crime.

— Havia sangue — comentou Grewgious.

— Aí senhor, sinto-me envergonhado da ignorância e estupidez do sr. Crisparkle. Realmente, o senhor mesmo não chegou ao lugar tão tarde, para fazer o que deveria ser feito. O sr. não sabe, que sangue fresco é facilmente lavável com água fria? Mas que sangue, depois de algumas horas, muda a sua natureza, e não se toma tão fácil de lavar? Certamente, o sr. Crisparkle poderia ter demonstrado que o sangue nas vestes de Landless e nas do homem que lutou com ele era um e o mesmo. No entanto, ele não fez isso. Será que ele não aprendeu nada dos seus livros, esse professor do jovem?

— Sim — assentiu Grewgious que, embora não acreditando na culpa de Neville, sentia necessidade de trazer à tona todos os pontos que poderiam ser usados contra ele.

— Entretanto, Landless foi o último homem que viu Edwin Drood vivo.

— Como assim? O sr. Jasper tem dito...

— Deram corda e acertaram o relógio de Drood às duas e meia da tarde. Foi encontrado, alguns dias depois, sem corda, na represa. Se tivesse sido atirado na água, antes, ele teria parado, e permanecido com parte da corda. Do meio-dia depois do assassinio até muito tempo depois que o relógio foi encontrado, o sr. Landless estava preso na casa do sr. Crisparkle. Ele não saiu. Quem, pois, tinha o relógio em seu poder, cerca de meia-noite, quando Drood morreu, até que foi atirado no rio? Dê-me esta informação, sr. Grewgious, eu lhe direi o nome do assassino.

— Seria muita imprudência minha dizer-lhe tal coisa, uma vez que não seria mais do que uma suspeita.

— O sr. não ma dá — respondeu Dutchery — entretanto, eu sei o que está em sua mente. O sr. está pensando no comportamento de Jasper, quando o informou que o compromisso de casamento de Edwin Drood e Rosa Bud havia se desfeito? Um homem inocente teria gritado! Graças a Deus! Então, embora a pobre moça possa sofrer por ele, como um amigo, não vai pranteá-lo com o coração despedaçado como namorada. Essa teria sido a dedução natural, não é verdade?

— Ele não demonstrou tal sentimento.

— Não. Ele caiu sem sentidos ao chão, como se o sr. lhe tivesse dito: “Vê”! Você destruiu uma vida! Você manchou suas mãos de sangue! E para quê? Por nada! Por nada! Mas eu me pergunto: que espécie de homem teria planejado tão inútil crime? Se a senhorita amava Drood, sua morte não a daria a um outro. Se ela não o amava, o crime foi inútil. Entretanto, o sr. nunca me deu a resposta a essa pergunta, ou o sr. não sabia disso?

— Se o sr. Jasper era culpado (e até agora você tem apenas suspeita) então, eu concordo com você que estava louco.

— Ele não estava louco. Agora, ele pode estar louco, e aí reside o nosso grave perigo. Mas, na ocasião, ele não estava louco. Ele era um escravo do ópio, do haxixe, algo muito pior do que loucura. Todos nós temos, às vezes, sonhos que nos terrificam dos quais sentimos vergonha, quando acordamos. Mas nunca mais pensamos neles, pois, quando amanhece, aqueles sonhos se apagam. Mas o fumante de haxixe tem sonhos tão claros, tão reais para eles, que são tão reais como o mundo, reais como a própria vida. Eles os levam consigo para a vida real. A besta, que dorme em cada um de nós, escondida, desperta-se, põe-se à solta à luz do dia... uma besta raciocinante, uma besta que planeja cuidadosamente, uma besta ousada e arguta, muito mais terrível do que qualquer homem louco.

— Ele é realmente isso — cochichou o sr. Grewgious. — Seus olhos embaciados... Agora me lembro... e Rosa disse-me...

— E o sr. deixou-me para descobrir isso. À minha primeira olhadela a ele, eu suspeitei-o, a prova de foto me veio ao encontrar uma pobre mulher, escrava como ele próprio, que pode ainda, ajudar-nos levar o caso à justiça.

— Mas qual foi este plano arrojado e arguto de que o senhor fala, como se ele lhe fosse demonstrado?

Novamente, o relógio, o alfinete e a corrente nos dão a resposta. Por que foram esses objetos tirados do cadáver? Se um homem é atirado no rio, que importam as jóias que ele usa? Mas se há um plano para destruir o corpo, de maneira que ninguém o reconhece, e diga: “é o corpo de fulano!”, então as jóias precisam ser tiradas. Jóias resistem ao fogo, resistem à força da deterioração provocada pela cal viva, que pode transformar a carne fresca e forte em pó, como tecidos, reduzindo tudo a cinzas. No entanto, nada consegue contra ouro, diamante e pérolas.

— Cal viva! Mas de onde?

— Um homem chamado Durdles vem trancando o portão de seu pátio há muitos meses, desde... desde a época do Natal, quando Edwin Drood desapareceu. E por quê? Porque notou que lhe roubaram uma certa quantidade de cal viva.

— Mas onde?

— Onde Edwin Drood encontrou a sua morte, eu não sei. Na noite do crime, como o sr. me contou no seu cuidadoso e detalhado relato, o sr. Jasper usava um forte lenço preto, para proteger-lhe a garganta e sua voz de cantor. O Crisparkle; notou isso. “Meu querido Edwin, teria dito o sr. Jasper, deixe-me colocar este lenço ao seu pescoço para protegê-lo contra o frio!... Assim... e assim!!!! mais forte! silenciosamente... mais forte! Nem um gemido, nem um sussurro”. E assim teria se consumado o crime.

— Mas onde?... — repetia o sr. Grewgious, com os olhos cheios de horror.

— Onde está ele agora? O sr. pergunta. Eu já disse que o seu crime foi planejado cuidadosamente. Uma noite, o seu amigo, sr. Jasper, fez uma visita à catedral com Durdles. Foi com Durdles até à cripta. Mostrou grande interesse na perícia de Durdles em bater nos túmulos para saber que o morto lá dentro era antigo. Isso foi o que o levou lá. Onde um cadáver antigo pode permanecer não descoberto por centenas de anos, certamente o corpo de um morto recente pode permanecer por igual tempo. Ele deu uma bebida a Durdles, misturada talvez com haxixe, que o fez dormir, enquanto Jasper,

levando as suas chaves, procurou cuidadosamente o lugar no qual poderia colocar o corpo de Drood. Talvez, ele tivesse ficado com uma cópia das chaves de Durdles, de maneira que outras pudessem ser feitas, para que usasse quando Durdles não estivesse lá.

— Mas onde? Onde então está ele escondido? Na cripta da catedral? Não posso acreditá-lo.

— O sr. não pode acreditá-lo? Nem eu ainda. Não posso acreditar que Jasper, sem ajuda, fosse capaz de erguer uma daquelas pedras, nem tampouco, que, em poucas horas, ele pudesse quebrar e reconstruir uma parede e assim esconder as marcas do seu trabalho, que o próprio Durdles não o reconhecesse depois. Isso seria impossível.

— Mas por que o sr. Jasper teve todo aquele trabalho? Por que foi ele fazer aquela inspeção à meia-noite?

— Suas visões. Foi assim que ele o planejou nos seus terríveis sonhos, mas quando veio inspecioná-lo, na realidade, sentiu que era impossível. Então, fez outro plano.

— Que plano?

— Não sei. Apenas, vejo uma esperança de descobri-lo. Se essa falhar, poderemos confiar apenas na Justiça Divina, para trazer este crime à luz. Sou um estudioso de crimes. É todo o trabalho de minha vida trazer esses homens perigosos à justiça. Às vezes, falho. Mas na minha experiência, Tempo e Justiça do Céu nunca falharam!

— O que temos de fazer, então, em seguida? — indagou Grewgious.

— Posso perguntar, disse Dutchery — olhando para a mesa — se o sr. toma refeições aqui ou fora?

— Queira desculpar-me respondeu Grewgious, humildemente — esqueci as minhas obrigações de anfitrião, preso ao seu assunto.

— E podemos receber um convidado? — perguntou o sr. Dutchery.

— Um convidado? Quem? Certamente, não Neville Landless?

— O sr. me informou, em resposta à minha pergunta, quem estava ajudando-o a manter a segurança para a srta. Rosa era um tal sr. Tartar, ex-

oficial de um navio...

O sr. tem razão, sem dúvida, sr.... Vou convidá-lo para sentar-se conosco à mesa.

CAPÍTULO 27 – O ENDEREÇO

Os garçons terminaram o seu mister de servir o jantar. Em seguida, os três homens sentaram-se ao redor da lareira vazia. O sr. Dutchery tinha suas razões de não querer sentar-se perto de uma janela aberta, num aposento iluminado.

O sr. Grewgious serviu o sr. Dutchery e a si mesmo, com vinho. O sr. Tartar não quis beber.

— Eu perguntei-lhe — enunciou o sr. Grewgious, sentando-se — o que vamos fazer, em seguida.

— Vejo, apenas, uma esperança. Naqueles seus sonhos reais, suponho que Jasper, às vezes, fala. Isso é comum. Os viciados em haxixe, geralmente, falam enquanto dormem. É possível que possamos ouvir alguma coisa, que nos esclareça o que fez que o seu plano mudasse.

— Onde ele toma o seu haxixe? — perguntou o sr. Grewgious. — O sr. sabe? Em sua própria casa?

— Encontrei a mulher que lhe fornece a mercadoria, em cuja casa ele vai tomá-la.

— Onde ela mora?

— Não sei. É preciso que alguém vá àquela casa, quando Jasper estiver lá, para ouvir os seus sonhos sussurrados, para apanhar as palavras que nos dirão do segredo do segundo plano.

Ambos os homens olharam para o sr. Tartar.

— O sr. perguntou-lhe Dutchery — é um marinheiro. Já fumou haxixe, alguma vez?

— Uma vez, na China, experimentei-o. Mas me fez um mal terrível.

— Já estive em alguma dessas casas de haxixe, onde o fumam?

— Não, nunca. Deve ser desagradável, penso eu.

— Quando Jasper vier a Londres, na próxima vez, eu gostaria que o senhor, vestido como um marinheiro comum, o acompanhasse até à casa. Lá, o sr. fingiria fumar e cair num sono profundo, e, quando Jasper chegasse, ouvi-lo nos seus murmúrios.

Tartar levantou-se e olhou para o seu rosto corado e saudável ao espelho.

— Não tenho a aparência de um marinheiro comum, nem a desses que fumam haxixe — exclama Tartar.

— Eu tratarei desse pormenor. Quando eu terminar, sua própria mãe não o reconhecerá.

— Quando vai ser isso? — inquiriu Tartar.

— Não sei, ainda, espero que ele esteja aqui, daqui a uma semana mais ou menos.

— Mas o sr. não descobriu ainda onde esta mulher mora.

Um barulho na escada interrompeu a resposta do sr. Dutchery, e, pela segunda vez, naquela noite, um visitante entrara sem pedir permissão. A porta abriu-se numa espécie de explosão, um garoto muito feio e muito sujo entrou.

— Cheguei! Isso para ensinar eles a vir correndo atrás de mim — pronunciou, ofegante, o garoto.

Ele correu até à janela, o porteiro podia ser visto à luz do lampião, esfregando o joelho, e olhando furiosamente, para descobrir onde o garoto que o atacou havia desaparecido.

O sr. Grewgious abriu a boca para falar, mas o sr. Dutchery atalhou:

— Oh! aqui, meu amigo, esse o garoto, chamado delegado. Este é o sr. Grewgious e este é o sr. Tartar.

O garoto olhou para ambos, sem interesse. Em seguida, voltando-se para Dutchery:

— Consegui. Consegui também que um carteiro escrevesse esse endereço para mim. Acompanhei o sr. Jasper, na sua viagem sem que ele me visse. Eis o endereço.

Dutchery deu o papel, que o garoto lhe passava: Pekin Court, Orient Lane, Tower Hill Road.

— Sr. Tartar — enunciou o sr. Dutchery — será que o sr. poderia arranjar algo para este menino comer, e um lugar para ele pernoitar.

— Oh! comida, sim, isso é muito bom — exclamou o garoto — cama não precisa. Durmo em qualquer lugar, no chão. Nunca dormirei numa cama. Não quero acostumar-me.

— Delegado, venha encontrar-se comigo amanhã, na Estalagem Furnival, antes de partir para Clisterham. Quero ser informado, quando o sr. Jasper vem a Londres. Vou combinar isso com você amanhã. Boa noite.

A voz do pequeno podia ser ouvida lá fora, quando ele atravessava o pátio, ao lado de Tartar.

— O sr. me perdoe, Grewgious — desculpou-se Dutchery, levantando-se. — Vou ter um dia muito atarefado, amanhã. Tenho que descobrir a que hora a lua se escondeu num certo dia de dezembro, na ocasião da morte de Drood, e tenho que descobrir quais as pessoas de posse e importância podem ter morrido em Clisterham na mesma ocasião. Voltarei aqui todas as noites, na próxima semana até que o nosso amigo venha pela segunda vez a Londres.

*

— Não — contestou Durdles, quando Dutchery o interpelou, nenhum dos túmulos foi usado durante todo o mês, somente aqueles pobres túmulos cobertos de capim, que não interessa a ninguém. Janeiro é o melhor mês para túmulos. Talvez, eles preferem esperar pela ceia de Natal!

— A informação a respeito da lua foi mais satisfatória. Contudo, a questão permaneceu: onde? E como o Dutchery sabia muito bem, ninguém pode punir um homem por assassinio, se o corpo da vítima não for encontrado. Somente a Justiça do Céu pode fazer isso.

CAPÍTULO 28 – JASPER DORME

O sr. Dutchery estava sentado com Neville Landless. Helena havia ido visitar Rosa, de maneira que Neville estava só, e satisfeito por ter um descanso de seus livros e tomada de notas, um processo difícil, visto que o seu braço direito machucado doía muito.

— Eu caminhava ao longo da margem do rio, quando um homem veio em minha direção — declarou Neville — dizendo-me o que havia acontecido. Eu usava meu paletó novo, de maneira que acho que ele pensava que eu era rico. Ele me atacou com a bengala e eu recebi a pancada no braço direito, mas, graças ao ensinamento de Crisparkle, fui capaz de dar-lhe toda a força do meu esquerdo.

— Você nunca o tinha visto antes? Não tem ideia que...

— Não, tenho plena certeza disso. Era um daqueles rufiões, que assaltam pedestres, e ele teve a chance de me atacar. Se tivesse conseguido sua intenção, teria levado pouca coisa.

— Entretanto — obtemperou o sr. Dutchery pensativamente — acho que você não pode ser tão cuidadoso. A morte, às vezes, pode ser praticada, para ter a aparência de confissão. Isso é o truque favorito dos assassinos. Eles praticam um segundo crime, de maneira que o segundo morto possa ser responsabilizado pelo primeiro crime. Isso se ajustaria perfeitamente ao sr. Jasper, se por acaso, você aparecesse envenenado, ou alvejado. Mas ser morto por rufião, não. Não havia vantagem para ele nisso.

— Mas suponhamos — observou Neville com uma risada que fez bem aos ouvidos do sr. Dutchery — que eu descobrisse o veneno e a pessoa que tentara envenenar-me. E daí?

Ora, então — retrucou o sr. Dutchery — o caçador teria sido caçado com a sua própria armadilha. Se pudéssemos agarrar assassinos, como apanhamos ratos, com um pedaço de queijo, minha tarefa seria tão mais fácil!

Nisso, abriam a porta bruscamente.

— Ele chegou! Está no Railway Hotel, em Aldersgate — informou o pequeno delegado, entregando um pedaço de papel muito sujo ao sr.

Dutchery. — Está escrito aí. O porteiro escreveu pra mim.

O sr. Dutchery levantou-se.

— Tenho que deixá-lo. Não há um minuto para se perder. Desceu, correndo, as escadas, em seguida subiu as que levavam ao Tartar. A meia hora seguinte foi gasta, para dar rosto de Tartar a aparência de um homem, que está atolado até ao pescoço e que não tem outro meio senão procurar o tóxico para enfrentar a vida. E isso no caso de um jovem tão esperançoso e com tanto amor como o Tartar não foi tarefa fácil. Finalmente, a tarefa foi bem realizada: As roupas sujas e andrajosas conseguidas por Lobleby, o empregado de Tartar, foram vestidas e Tartar partiu para a sua aventura.

*

O sr. Grewgious e o sr. Dutchery ficaram sentados, cada um ao lado da lareira vazia, na residência do sr. Grewgious. Eles tinham jantado devagar, e tarde. Permaneceram acomodados por algum tempo, tomando vinho. Finalmente, o sr. Grewgious balançou a cabeça, que pendeu para a frente, sobre o seu peito. Parecendo tão rebarbativo, ou angular como ele chamava-se a si mesmo, dormindo, quanto acordado. O sr. Dutchery ficou vigilante, observando e esperando. Levantou-se devagarinho de sua cadeira, foi até à estante, e pegou, depois de escolha cuidadosa, um volumoso livro de lei. Não é difícil adivinhar para que parte dele ele se dirigiu. Sentou-se e pôs-se a ler. O bulício de Londres morreu, num silêncio, de modo que até um passo solitário era ouvido em toda a extensão da rua. As luzes apagaram-se. Apenas, nos rios calmos, as luzes dos navios iluminavam as águas adormecidas. A lua havia caído e retornado, e as estrelas, tristonhas à espera do dia, foram, uma a uma se apagando. Um dos pardais no pátio descobriu, primeiro, que já amanhecia. Este transmitiu a notícia a outros, e a outros, e a outros, até que de repente todas as árvores estavam cheias dos seus chilreios. E, com isso, surgiram passos nas escadas. O sr. Dutchery pôs de lado o livro que estava lendo. Esticou o braço e tocou o sr. Grewgious.

— Eh! — O sr. Grewgious abriu os olhos.

— Ele vem vindo. — O sr. Dutchery atravessou a peça para abrir a porta.

Tartar com o seu rosto pintado parecia ainda mais terrível na palidez da manhã. Tartar caiu sobre uma cadeira.

— Acho que preciso tomar uma xícara de chá. Meu empregado Lobley está esperando.

O sr. Grewgious saiu correndo da sala.

— Diga-me — perguntou o sr. Dutchery — o homem falou?

— Não muita coisa, apenas palavras esparsas.

— Você anotou tudo?

— Naturalmente. Eu virava o rosto e escrevia secretamente. Tenho-as todas, não creio que possam ser-lhe úteis.

— Leia-as.

— Naturalmente, não pude pegar muitas delas. Foram apenas murmúrios, e não tenho absoluta certeza do que eu fiz. Escrevia-as de acordo com o som. Ele disse “jornada, uma longa jornada” isso ele repetiu muitas vezes. Disse, também, “Companheiro viajor” e “Lá embaixo”. Em seguida, disse “Coisa miserável, Que fraca coisa miserável!” “Isso é novo” Isso ele disse perfeitamente claro. Depois pronunciou a palavra “Adorada com raiva”. Detesto pensar o que estaria em sua mente, então. Depois fiquei incerto a respeito da palavra “Mare” (égua) ou Mayor (prefeito de uma cidade) ou alguma palavra de som semelhante. E isso foi tudo.

— Interessante — comentou o sr. Dutchery — muito interessante — embora não exatamente o que eu queria. Há alguma coisa mais para dizer-me?

— Sim, sim, há. A velha pareceu muito interessada na coisa. Ela curvou-se sobre ele e procurava escutá-lo ao máximo. Quando ele mostrava sinal de que ia para parar, ela o sacudia, e dizia: “Ininteligível”. Vamos, vamos continue. O que mais?

— Ela fez isso?

— E ficou muito claro que ela deve saber muito mais coisa. Por isso, quando ele caiu num sono profundo, eu levei-a de lado, deixei de fingir, e

tentei arrancar mais alguma coisa. No começo, ela não acreditou em mim. Estava mais interessada no meu dinheiro.

Então, o que você fez?

Neste ponto, o sr. Grewgious voltou, acompanhado pelo Lobley, trazendo chá. Colocou o chá sobre a mesa, encheu três xícaras do líquido escuro, tão escuro que poderia bem ser usado por tinta, passou uma xícara a cada um, depois perguntou:

— Algo mais?

— Sim, um banho bem quente.

— Continue. Que você fez então?

— Eu disse-lhe que lhe daremos cinco libras em ouro, se ela nos disser tudo que sabe.

— Cinco libras? — gritou Grewgious!

— Meu tio deixou-me mais dinheiro do que é necessário para mim, e terei satisfação em usá-lo se eu puder fazer alguma coisa para ajudar Rosa.

— Bem — indagou Dutchery impacientemente — e depois?

— Ela me olhou como se estivesse com medo de que Jasper tivesse ouvido; depois, cochichou no meu ouvido:

— Amanhã.

Eu perguntei:

— Que horas?

Ela retrucou:

— Ao entardecer. E empurrou-me para sair.

O sr. Dutchery esfregou as mãos. Depois, inquiriu:

— Tem certeza de que Jasper não teria ouvido?

— Sim, absoluta. Ele havia ultrapassado o estágio do murmúrio. Estava no mais profundo sono. Ela falou com ele, sacudiu, bateu-lhe. Ele estava como um pedaço de pau.

Ah! Ele cruzou a sala, em direção do armário do sr. Grewgious:

— Vamos nos encontrar aqui esta tarde. Talvez, sr. Grewgious, o sr. poderia ir conosco. Talvez, precisemos do sr. como uma testemunha. Podemos ouvir o que pode levar um homem à força.

CAPÍTULO 29 – QUEM MATOU A PRINCESA

A carruagem avançou ao longo de Holborn, da rua Newgate. Tomou a direção sul, deixando a Catedral de São Paulo atrás, depois tomou o seu rumo entre uma porção de carroças, carruagens e pessoas da buliçosa cidade de Londres. O trânsito estava tão congestionado que ele parecia seguir um cortejo funerário, levando um morto à sua última morada. Depois, viraram novamente para o sul, e entraram em ruas que o sr. Grewgious, embora um londrino, não conhecia, e pelo menos, nunca havia ouvido falar.

— Eu conheço esta parte bem — informou Dutchery. — Tive mais inimigos aqui do que eu pensava, e embora eu não seja um covarde, nada me trazia aqui depois do escurecer.

As calçadas tornaram-se tão estreitas, as pessoas tinham que encostar de lado para deixar outras pessoas passar...

— O sr. vai ainda mais longe — perguntou o boleeiro de Tartar que estava informando o caminho.

— Ao fim desta rua. De lá, você espera e nós vamos a pé.

— Esperar aqui? Não eu — retrucou o boleeiro.

— Não há necessidade que ele espere — observou o sr. Grewgious. — Isso iria apenas aumentar a despesa. Pague-o e dispense-o. Nós, três homens, podemos facilmente caminhar até encontrar outra condução.

Agora, eles seguiam Tartar por uma viela tão estreita que nenhuma carruagem entraria. Crianças com rostos pálidos brincavam na lama. Mulheres andavam apressadas com os olhos baixos e homens observavam-nos com atitudes secretas e ameaçadoras. Acima deles, o céu, da cor de sangue ao entardecer, tornavam sangüíneas as pedras molhadas do chão em que pisavam. O ar estava pesado, e existia mesmo um cheiro acre daqueles que não têm cuidado consigo mesmos, com suas casas ou com as crianças, ou com qualquer coisa dizente a eles. Conduzido por Tartar, acabaram entrando num pátio miserável. Alimentos apodrecendo haviam sido

encostados nos cantos e um rato assustado saiu correndo, quando adentraram a porta, da qual uma escada conduzia para cima.

— É este o lugar — esclareceu Tartar. — À esquerda, no topo da escada.

— Vá você na frente — sugeriu Dutchery, baixinho. — Ela já o conhece. Nós esperamos e quando você julgar conveniente, venha chamar-nos.

Tartar subiu as escadas sozinho. Ele abriu a porta; depois, ele deu um passo para trás e ficou parado, em silêncio, não se movendo. Passou um minuto. Em seguida, e voltou-se e acenou que eles subissem. Não fez nenhuma menção de entrar.

— Desculpe-me — disse ele — não estou acostumado com esta espécie de coisa, Sr. Grewgious, por favor, fique aqui comigo. Ele fez sinal ao sr. Dutchery para a porta-semi-aberta, e quando Dutchery entrou, fechou-a atrás de si.

O cheiro de haxixe estava pesado, no ar. Então, ele viu a Princesa. Ela estava deitada, atravessada na cama e uma corda estava atada fortemente em volta do seu pescoço. A cortina andrajosa achava-se arrastada sobre a cama. Um pequeno tinteiro estava jogado no chão, esmagado. Seus olhos estavam desmesuradamente abertos, como ela ainda visse visões. Estava morta, por asfixia!

O sr. Dutchery permaneceu em silêncio, aterrado.

— E assim — observou ele — o criminoso começou o segundo estágio: matar para se proteger. Preciso ter outra conversa com Neville.

Ele abriu a porta. Tartar e Grewgious estavam ainda em silêncio, no lado de fora. Tinha-se a impressão de que Tartar não havia falado.

— Bem? — perguntou Grewgious.

— Vamos embora — sugeriu Dutchery. — E lembre-se você não esteve aqui. Vou providenciar o que for necessário. O sr. Dutchery retornou para o hotel Staple Inn, com Tartar e o sr. Grewgious. Deixou-os no pátio e foi direto para o aposento de Neville. Neville estava sentado, preso na sua leitura e tomando notas com alguma dificuldade, devido ao seu braço

magoado. O sr. Dutchery fechou a porta atrás de si, depois de olhar cuidadosamente embaixo das escadas. Em seguida, ele fechou a janela.

— Bem — indagou ele — como vai o seu braço?

— Não tão mal como parece.

O sr. Dutchery sentou-se ao lado de Neville, e conversou com ele longa e veementemente.

— Você compreende? — inquiriu ele, finalmente.

— Sim, sr. Dutchery. Compreendo.

— Agora, lembre-se, se algo sobrevier, como acho que vai acontecer, e muito breve, procure-me sem perda de um minuto sequer, em Clisterham.

— Compreendo.

— Boa sorte, meu garoto. Você é um excelente moço — declarou o sr. Dutchery.

Vou-me embora e você deve continuar com os seus estudos.

CAPÍTULO 30 – A MORTE DO SR. SPASEA

O sr. Grewgious cruzou o pátio em direção da Staple Inn, para o seu jantar. No portão, ele parou.

— Boa noite, senhor — disse o porteiro.

Ele olhou o homem, cheio de curiosidade.

— Ah! — sim — retrucou o Grewgious, o sr. foi designado pela comissão como porteiro?

— Sim, senhor.

— Vem desempenhando essa função muito tempo?

— Não, senhor.

— Mas não foi apontado pela comissão como guarda?

— Não sei exatamente o que o sr. quer dizer, senhor — respondeu o homem.

— Tenho notado um interesse extraordinário, sempre perscrutando as janelas das pessoas, que vivem aqui, vigiando suas saídas e chegadas. Por quê?

— Não, senhor, não é absolutamente isso.

— Oh! sim, senhor. Você vigia as janelas do sr. Neville Landless, em particular. Eu tenho visto.

O porteiro pareceu um tanto confuso.

— Também, vi o sr. conversando com um certo cidadão do interior, há algumas semanas atrás. O seu interesse pelo sr. Landless não data daquela época?

O porteiro não respondeu.

— É possível que você tenha escrito alguma carta ao homem do interior interrogou o sr. Grewgious. Não é verdade?

O guarda conservou-se em mutismo.

*

O sr. Jasper cruzou os terrenos da catedral, encaminhando-se para o seu jantar como fez o sr. Grewgious. Jasper ia jantar com o sr. Sapsea. Ele contava, agora, menos amigos.

O sr. Crisparkle mal lhe acenava com a cabeça, quando passava por ele, na rua, mas não o convidava mais para ir à sua casa. Seu médico, o dr. Byle, olhava para ele com pena, como um “caso”, mas não mais como um amigo, e o advogado, Madgett, nunca teve muito interesse pelo sr. Jasper, desde que parecia não haver nenhuma oportunidade para qualquer proveito desse convívio. Mas, o sr. Sapsea sentia-se sempre satisfeito em tê-lo como convidado. Jasper procurava sempre qualquer coisa que o afastasse de si mesmo, qualquer coisa que pusesse um ponto final àquela infinda procissão de medos ansiosos e horrores, que giravam, giravam dia e noite, na sua cabeça. Mais do que isso, o sr. Sapsea não andava muito bem ultimamente.

Isso surpreendia Jasper, que julgava Sapsea forte e saudável, como se estivesse destinado a viver para sempre.

O sr. Sapsea estava sentado numa cadeira junto ao fogo. Embora fosse um dia momo de verão, o fogo havia sido aceso. Ele não se levantou, mas, apenas, acenou para Jasper que se sentasse no lado oposto da lareira.

— Venho me sentindo um pouco cansado depois dos meus labores — declarou ele — e as noites vem se tomando cada vez mais frias, você não acha? Quer um copo de vinho?

O sr. Sapsea não parecia muito bem. Seu rosto tinha uma cor purpúrea, as faces parece intumescidas como se fosse explodir. Os vasos sanguíneos estavam destacados como rios nos mapas, do seu assunto favorito que era o mundo. Jasper pensou que vinho talvez não fizesse bem para uma pessoa naquela condição. Ele recusou o oferecimento, na esperança de que o sr. Sapsea também não o tomasse.

— Não vai tomar vinho? — exclamou o sr. Sapsea. — Então, vou servir-me a mim mesmo.

Encheu o seu copo e virou-o quase de um só golpe.

— Um pouco de vinho é bom para dar força pra gente — comentou ele. — Ajuda a enfrentar a batalha da vida.

A servente trouxe o jantar, e eles aproximaram-se da mesa.

— E quais são as novidades, sr. Jasper, suas notícias da frente de batalha.

— Nenhuma novidade — retrucou Jasper. — Não tenho mesmo lido os jornais. Essas coisas não me interessam, agora. Tenho sofrido muito desde a morte do meu querido sobrinho...

— Crime, crime! — comentou Sapsea, empurrando para o lado a refeição no seu prato. Ele parecia não ter apetite. — E como vai a sua procura do criminoso?

— Hei de procurá-lo até à morte!

— Até à morte — repetiu o sr. Sapsea, passando a garrafa para Jasper, depois enchendo o seu próprio copo.

— À sua saúde brindou Jasper, erguendo o copo. — Faço votos para que a saúde do nosso prefeito melhore.

— Estou perfeitamente bem — assegurou Sapsea. Um pouco cansado, mas isso passa.

— A temperatura está mais fria — observou Jasper, olhando para fora da janela — à medida que o outono se aproxima... e os dias tornam-se mais curtos, e são sempre mais saudáveis do que o quente verão. Mas o seu jardim parece muito bonito. É triste pensar que todas essas flores vão cair e morrer.

— Pass... pass... pass... — dizia o sr. Jasper. Ele estava respirando mui ruidosamente agora.

Jasper voltou depressa da sua inspeção pelas flores, e olhou para o seu anfitrião. Correu para o seu lado. A boca do sr. Sapsea estava aberta e os olhos moviam-se com espanto.

Jasper tocou a campainha num alarme furioso.

— Vá depressa chamar o dr. Byle — pediu ele à empregada. — Que ele venha imediatamente, que venha já! O sr. Sapsea está seriamente mal.

A empregada saiu toda assustada, enquanto o sr. Jasper tentava dar água ao sr. Sapsea, mas esta escorria-lhe pelo queixo. Pensou se podia deitá-lo no chão. Mas o sr. Sapsea era muito pesado. Por isso, talvez fosse melhor esperar o médico. A respiração estava mais calma agora. Muito calma. Será que havia parado de todo? Um medo gelado entrou no coração de Jasper. Havia gotas frias de suor em sua testa. O rosto do prefeito assumiu um colorido azul-esbranquiçado, muito feio, e seus olhos estavam fechados...

Finalmente, o dr. Byle entrou.

— Bem, bem, o que foi, o que foi (ele tinha o hábito de dizer tudo duas vezes). Ele foi em direção ao sr. Sapsea. Parou bruscamente ao chegar mais perto e um aspecto grave estampou-se-lhe no rosto. Colocou a mão por dentro da camisa do prefeito para sentir-lhe o coração. Ergueu o supercílio de Sapsea e fitou os seus olhos. Em seguida, de pé, erecto ele declarou:

— O sr. Sapsea está morto!

*

Jasper estava sentado no escritório de advogado Madgett. O sr. Madgett era um homem muito alto e muito gordo. Tinha a aparência de quem havia extraído toda a bondade daqueles a que atendera, para pô-la no interior do seu próprio corpo bem cheio. Ele fazia lembrar aquelas criaturas balofas, que a gente vê alimentando-se avidamente das melhores plantas de suas próprias hortas.

— Trago comigo o testamento do falecido sr. Sapsea, e este documento, lhe diz respeito — declarou o sr. Madgett, numa voz rica e oleosa. — Por isso mandei chamá-lo. Seu escritório (de cujo corpo parece que o sr. Madgett tivesse sugado cada grama de banha) passou-lhe o papel.

— O testamento está datado do último mês de fevereiro. Vou lê-lo.

“Eu, Thomas Sapsea, prefeito de Clisterham e Juiz de Paz, declaro ser este o meu último desejo e Testamento.

Tenho quinhentas libras para serem usadas na ereção de uma estátua de Thomas Sapsea na Praça do Mercado, de maneira que os cidadãos presentes e futuros de Clisterham possam fitá-la como exemplo e possam lembrar que os Elevados Pensamentos e Abnegada Atenção ao Dever podem ganhar o Respeito durante a Vida de um Homem e Honra para sua Memória. Deixo o resto da minha fortuna para a construção de um Salão de Conhecimento do Mundo, que deve ser construído perto do prédio da Escola, para que as crianças de Clisterham saibam que o Conhecimento do Mundo foi sempre um ângulo em que se distinguiu o prefeito desta cidade.

Quero ser sepultado num túmulo feito para mim, ao lado da minha querida esposa Ethelinda, cuja Última Morada foi, por minhas ordens, cavada um pouco mais profunda do que a preparada para mim, de maneira que, na Morte, como Vida, ela possa ter a possibilidade de olhar para cima, para vislumbrar o seu esposo.

Eu nomeio John Jasper para ser o meu Executor e deixo para ele a soma de Cem Libras.

Assinado por mim, como meu último Desejo e Testamento na presença de duas testemunhas que também assinaram na minha presença e na presença de outros.

Thomas Sapsea

Eliza Cook

William Bunt.”

O rosto de Jasper estava bastante pálido.

— Eu compreendo — declarou ele, depois de uma pausa — que os desejos expressos neste testamento são... são muito expressivos!

— Não entendo o que o senhor quer dizer — respondeu Madgett.

Estou pensando que, talvez, o deão desejasse que esse homem famoso e respeitado devesse ser sepultado na catedral. Se o sr. Sapsea soubesse que uma tal honra lhe estava reservada, talvez, não tivesse deixado esse documento.

— Ah! — comentou o sr. Madgett, o senhor levanta um ponto muito difícil. Será que se poderia travar uma batalha legal pela posse do corpo? Jasper opinou que era improvável que alguém fosse empreender uma batalha pela posse do corpo do sr. Sapsea, morto ou vivo, e, portanto, ele respondeu animadamente:

— Mas esse ponto ainda não surgiu!

— Ainda não — anuiu o sr. Jasper — mas pode surgir, Vou consultar o deão.

O deão já tivera, naturalmente, conhecimento da notícia e estava considerando exatamente que arranjos especiais deveriam ser necessários para o funeral do sr. Sapsea. Sem dúvida nenhuma, o povo da cidade desejaria fazer daquela perda um grande acontecimento, com uma procissão, o canto da Marcha Fúnebre, e algum canto especial com o coral.

— Ah! — sr. Jasper — observou o deão, assim que Jasper entrou — eu ia mandar chamá-lo. Que notícia triste! Perdemos um excelente homem, tão respeitado e considerado. Precisamos tomar providências para os serviços fúnebres. Agora...

O sr. Jasper interrompeu-o para expor o seu ponto de vista.

Suponho, sr. deão, que o seu desejo é sepultar tão honrado cidadão na catedral, não é?

— Não, eu não tinha pensado nisso. Temos algum outro prefeito na cripta?... Acho que não. Soldados famosos, marinheiros, líderes da igreja... mas não, penso eu, alguns prefeitos.

— Talvez, senhor, não tivéssemos tido prefeitos tão distinguidos antes. Ele ocupou o cargo por muito tempo, foi muito respeitado.

— O sr. Sapsea manifestou, sr. Jasper, qualquer desejo, no seu testamento, de ser sepultado na catedral?

— Não, exatamente, sr., mas ele era, de certo modo, muito modesto... portanto, não podia esperar tão merecida honra.

— Ele manifestou algum desejo, quanto ao seu sepultamento?

— Seu testamento estabelece que ele deve ser sepultado ao lado de sua falecida esposa, mas, naturalmente...

— Naturalmente — assentiu o deão — sim, naturalmente o seu desejo precisa ser observado.

O sr. Jasper não conseguia fazer o deão compreender o seu ponto de vista. Na verdade, o deão demonstrava sinais de impaciência, quando ele continuou a pressioná-lo.

— Talvez, sr. deão — afirmou Jasper — poderia eu tirar um dia de folga, antes de começar as práticas especiais do coral? Minha saúde de há tempo não vem sendo das melhores, e o trabalho extra...

— Ah! — Sim, naturalmente, sr. Jasper. O sr. se empenha demais, trabalha com muito afinco.

As pessoas precisam ser moderadas... moderadas em tudo. Bom dia sr. Jasper.

Mas aquele não foi um bom dia para Jasper.

CAPÍTULO 31 - MEIA-NOITE NA PONTE DE BLACKFRIARS

O sr. Grewgious acabava de tomar a terceira xícara de chá, que Rosa lhe servira. Seu apartamento havia sido adaptado para a ocasião. Havia flores sobre a mesa e um prato de bolos fora fornecido pelo Garçom Móvel.

— Agora, minha querida — declarou — precisamos nos preparar para o trabalho. Em poucos dias a srta. Twinkleton vai regressar para Clisterham a fim de assistir à reabertura das aulas, e a srta. Landless voltará com ela. Precisamos encontrar outro lugar para você. Você não vai querer voltar para Clisterham?

— Oh! não! Nunca, nunca.

— Vai ser difícil para você ficar sozinha na casa da sra. Billikins!

— Não... Eu poderia ir para alguma espécie de escola... para moças maiores, talvez, — sugeriu ela, brincando com a barra do seu vestido. — Algo que pudesse fazer-me sentir... mais crescida?

Ah! — disse o sr. Grewgious — uma "Escola de Aprimoramento". Sim... sim... Receio que, sendo um tanto obtuso, ou angular, meu conhecimento de escola de aprimoramento para jovens senhoritas é mais ou menos limitado. Na verdade, tenho conhecimento de apenas uma escola desse tipo e não é uma escola muito comum.

— Talvez, haja uma Escola que fique perto do mar.

— Acho que várias dessas escolas ficam perto do mar, a não ser que sejam em Paris. Você não gostaria de ir para Paris?

— Oh! Não! Não é esse tipo de escola que quero. Essas são escolas para formação de senhoras finas. Haverá Escola para filhas de marinheiros?

— Oh! — falou o sr. Grewgious — para jovens que desejam tornar-se esposas de marinheiros? Se isso era o que necessitava, a Escola de sua prima srta. Knatchem poderia ser considerada apropriada. A srta. Knatchem era, como o seu primo, uma senhora diferente. Ela acreditava na igualdade do homem e da mulher e dizia às suas mocinhas, logo à chegada: “Todas vocês são muito mimosinhas, muito moles. Vou enrijecê-las aqui. Vou torná-las duras. Aqui não se chora, não se abaixa os olhos para o chão, não se enrubesce. E nada de poesia, pintura e piano. Não. Aqui vocês vão

aprender a andar a cavalo, vão aprender a remar um barco, cavar jardim, e tudo isso. Sim!”

— Sim! — diziam as recém-chegadas, abaixando os olhos.

— Levantem os olhos — ordenava a srta. Knatchem. — Se alguma de vocês não se sentir suficientemente cansada na hora de ir deitar-se, venha falar comigo.

— Sim, srta. Knatchem.

— E farei que trabalhem muito mais no dia seguinte.

E assim Rosa foi para a escola da srta. Knatchem, de onde, algumas semanas mais tarde ela escreveu à sua querida amiga Helena:

“Acho que você teria dificuldade em conhecer-me. Meu rosto está bronzeado e meus braços e pernas parecem troncos de árvores. Esta escola é muito dura, para a esposa de um marinheiro, tenho certeza de que é a melhor coisa.”

Helena respondeu:

“— Minha querida srta. Twinkleton disse que eu sou muito rija, enquanto você, é, talvez, minha querida Rosa, às vezes, um pouco tenra e dócil. Na verdade, se nós duas fôssemos misturadas, fazendo uma coisa só e depois cortadas ao meio, sem dúvida alguma, duas mulheres perfeitas se produziriam. Mas como isso não pode ser feito, nossas duas escolas estão fazendo o melhor trabalho, que poderiam fazer: amolecendo-me um pouco e enrijecendo você um pouco.”

*

Neville, não tendo agora a companhia de sua irmã, voltara à vida de estudar com afinco durante o dia e sair ao escurecer, para longos passeios a pé, durante horas. Parecia-lhe que nunca iria sentir-se capaz de enfrentar as ruas movimentadas de Londres à luz do dia. Regularmente, às dez horas, toda noite o porteiro o via sair e à meia-noite ou a uma hora da manhã, era chamado para deixá-lo entrar. Ele parecia ter especial atração pelo rio. Gostava de caminhar ao longo das margens. Gostava mais ainda, de ficar de pé, no meio das pontes, tendo apenas as amplas correntes à sua frente e o céu acima, e o som murmurante das águas e a neblina branca. Ficava ali

pensando em uma rara fuga feliz no Ceilão, quando ele e Helena nadaram até a um barco no rio. Depois, flutuaram em direção ao mar. Pensava naquelas noites felizes na margem do rio, com apenas sons, apenas neblinas, e as águas movendo-se embaixo, e a vastidão silenciosa do céu, acima.

*

O porteiro viu Neville sair um pouco mais tarde do que de costume. Ele virou à esquerda e caminhou em direção da Strand, que ainda estava mais ou menos movimentada, embora as pessoas já começassem a se apressar no rumo de suas casas. Era uma noite de cerração e a neblina estava se tornando mais densa. Como Neville desceu a Whitehall, havia tão poucos transeuntes, que ele conseguia ouvir-lhes os passos. Dirigiu-se para o meio da ponte Westminster, e ficou olhando ali, olhando de um lado para outro. Percebeu que alguém vinha caminhando na ponte, atrás dele. Depois, uma carruagem passou do outro lado e os passos cessaram. Ele voltou-se, decidido a dirigir-se para a sua casa, ao longo do aterro recém-construído, uma espécie de passarela para carruagens construída ao longo da margem do rio, com jardins no outro lado. Caminhava, devagarinho. A neblina estava agora bastante densa na sua frente. Os lampiões da rua pareciam ter a sua luz encolhida em si mesma de maneira que eram vistos como sombrias bolas amarelas, cuja luz não se propagavam ao redor. Neville mantinha-se junto do paredão do rio, correndo sua mão através dele, para certificar-se de que não ia desviar-se. Parecia estar completamente só, como se todos os homens e mulheres dessa grande cidade houvessem desaparecido e as luzes das casas estivessem apagadas, apesar de ainda existirem casas lá. Ele pensava nas noites na floresta de Ceilão, mas lá os sons dos pássaros e dos animais eram ouvidos durante toda a noite, aqui havia silêncio, a não ser um passo macio, em alguma parte, atrás dele, parando e continuando, parando e continuando novamente... Afinal, chegou à recém-construída ponte de Blackfriars. Se ele entrasse à esquerda e continuasse direto, dali, esse caminho o levaria de volta para Holbom, que ficava perto do “Staple Inn”. Mas, ao chegar ao extremo da ponte, por um instante, a neblina aclarou-se e ele decidiu dar uma olhada no rio, antes de continuar o seu caminho. No centro do rio, a neblina parecia mais rala, de sorte que ele podia ver o brilhar das águas e um navio ancorado à margem, como esmaecida forma fantasmagórica.

Neville ouviu alguma coisa (uma grande pedra?) cair na água, pouco abaixo dele. Inclinou-se bastante para ver. Os passos, que vinham atrás, acentuaram-se...

*

O sr. Grewgious estava preocupado. O sr. Dutchery vinha visitá-lo uma ou duas vezes por semana, viajando de Clisterham a Londres, mas não tinha muitas novidades para dar.

— Não — dizia ele — nada até o presente, mas o sr. não pode desanimar.

Neville, agora sozinho, pensava o sr. Grewgious, mostrava-se muito menos feliz do que havia sido. Começava a ter uma aparência de ansiedade, e o sr. Grewgious temia que a coragem do moço pudesse abater-se. Ser suspeito, ser silenciosamente condenado sem chance de responder ou para provar a sua inocência, viver essa vida secreta, quase como um animal noturno, saindo da toca somente no escuro, era muito para um jovem resistir. Ele estava preocupado, também, a respeito de Rosa. Será que a srta. Knatchem era uma escolha prudente em termos de escolaridade? Será que Rosa iria adaptar-se ao seu rigoroso sistema, tornando-se uma mulher masculinizada, ao contrário da criatura delicada que fora sua mãe? Finalmente, ele jogou de lado as roupas de cama, em desespero. Vestiu-se, rapidamente, esperando encontrar um quebra-jejum na Furnival's, mais cedo do que de costume. Ao cruzar o topo da escada, viu um policial, que subia. Ele parou, imaginando o que aquele homem poderia querer àquela hora. Uma corrente gelada perpassou-lhe o coração. O policial parou:

— O sr. Grewgious?

— Sim, suba.

— Obrigado senhor. O porteiro disse-me que viesse até aqui.

— Sente-se.

— Não, obrigado senhor... Foi encontrado um papel preso por uma pedra ao lado da nova fonte de Blackfriars. Eu vim para indagar se existe alguém aqui de nome Landless.

— Ora, sim — confirmou o sr. Grewgious. (Que significa isso? Sua fé estava errada, a polícia andou cometendo algum terrível engano?)

— Posso ir ao quarto dele?

— Ora pode — anuiu o sr. Grewgious. — É possível que ele não tenha se levantado ainda. Ele sai e estuda até tarde.

Eles dirigiram-se ao quarto de Neville. Notaram que ninguém havia dormido na cama.

— Talvez, fosse melhor que lesse o papel, senhor. Eu não quis perturbá-lo, se não havia causa para ansiedade.

Ele passou o papel para o sr. Grewgious. O papel estava úmido e amolecido pelo orvalho da manhã. No verso, estava escrito: Para ser entregue ao sr. Grewgious, na “Staple Inn”, Holbom. No outro lado, achavam-se as palavras:

“Por favor, diga ao sr. Crisparkle que não suporto mais a vida que estou levando. O peso da suspeição é muito grande para mim. Minha ansiedade e o medo da descoberta do meu crime são maiores do que posso suportar.

Diga à minha irmã que eu gostaria de ter a coragem dela.

Neville
Landless”

O sr. Grewgious afundou na cadeira de Neville, e cobriu o rosto com as mãos.

— Lamento bastante, sr. — declarou o policial. — Deixe que eu o leve de novo ao seu quarto.

O policial conduziu o sr. Grewgious como uma criança, através do pátio, e pelas escadas.

— Posso dar-lhe um copo de vinho, senhor?

O sr. Grewgious bebeu-o avidamente, mas continuava sem dizer uma palavra.

— Há alguém que posso chamar, senhor?

— Não! — respondeu Grewgious.

Ouviram-se outros passos subindo a escada. O sr. Grewgious ergueu a cabeça.

— Eu não posso acreditá-lo!

O sr. Dutchery entrou. Olhou para o policial.

— Que bom que o senhor chegou! Seu coração está muito abalado — explicou o guarda.

O sr. Dutchery silenciosamente, pegou o papel da mão do sr. Grewgious.

— Não posso acreditá-lo — lamentou novamente o sr. Grewgious. — Ele não parecia muito bem, desde que a sua irmã partiu. Mas isso não. Isso não. É inacreditável.

— É realmente inacreditável — comentou o sr. Dutchery. Dutchery levou o papel à janela. Caligrafia péssima — pensou ele.

— Sim assentiu o sr. Grewgious. — Seu braço estava magoado pelo ataque que sofreu dos rufiões, alguns dias atrás.

— A sua letra é tão feia assim?

— Eu não achei tão má, mas talvez num estado de tamanha emoção...

O sr. Dutchery estudou o papel novamente.

— Se eu puder, levo este papel comigo para Clisterham. Se alguém vier aqui me procurar, quem quer que seja, mande para mim em Clisterham, imediatamente.

Ele colocou a mão sobre os ombros do sr. Grewgious.

— Reconforte-se meu caro, e continue não acreditando.

*

O sr. Dutchery apresentou-se em casa do sr. Crisparkle, logo à tarde.

Encontrou a velha senhora e o filho acabando de sentar-se para o chá, para o que foi convidado.

Assim que teve chance, o sr. Dutchery pediu licença para falar em particular com o sr. Crisparkle.

— É uma questão de negócio, madame, se a senhora pode dispensar o seu filho por um instante.

Eles foram para o pequeno quarto de Crisparkle.

Sr. Crisparkle — começou Dutchery — venho para pedir a sua ajuda e conselho num assunto. Tenho aqui um papel, cujas primeiras palavras e cuja assinatura eu cobri para que o sr. não as veja. Quero que o sr. me dê a sua opinião sobre quem teria escrito esta nota.

O sr. Crisparkle apanhou o papel e leu-o cuidadosamente.

— Isso é uma coisa terrível se o homem que a escreveu estava falando sério. Ou é alguma parte de uma história? Ou alguma brincadeira?

— Isso, caro sr., está fora do objetivo. Esta letra, ou a maneira de dizer, sugere-lhe alguma pessoa conhecida?

— A substância dela poderia bem ter sido escrita pelo... Não! Eu estaria muito errado se dissesse qualquer coisa nesse assunto, se não tenho qualquer razão para fazê-lo.

— Peço-lhe, senhor, esqueça a substância. Vamos imaginar que esta pessoa tenha escrito pedindo um empréstimo de um livro ou o convidando para um jantar.

— Esta letra parece com a de Neville Landless, mas não é sua caligrafia.

— Nem considerando-se que seu braço fora machucado e que ele escrevera com dificuldade?

O sr. Crisparkle considerou o papel novamente:

— Não — contestou ele, finalmente — Este papel, embora mal escrito, não parece ser letra dele. Parece com a letra do sr. Landless em alguma maneira, embora eu não saiba dizer, exatamente, onde está a diferença.

— Suponhamos que esta nota tenha sido escrita num instante de grande emoção?

— Eu tenho visto a letra do sr. Landless em tal circunstância. Não sinto que seja a mesma.

— Então, quem o sr. acha que teria escrito esta nota?

— Como posso adivinhar?

— Eu esperava que, olhando de relance sobre o papel, o sr. pudesse, fora da caligrafia, notar qualquer outra peculiaridade que pudesse sugerir qualquer pessoa na sua mente. É, sem dúvida, uma esperança muito pálida. Mas eu mesmo notei algo que pudesse ajudar.

O sr. Crisparkle examinou novamente o papel. Parecia haver algo

— Esta palavra, senhor.

— Ah! sim!

— Será que o sr. Landless chegaria a escrever isso?

— Não, certamente não. Ele, neste assunto, sempre foi cuidadoso ao máximo.

— Então, quem?... O senhor tem alguma ideia?

O sr. Crisparkle ficou em silêncio durante algum tempo.

— Há alguma coisa no fundo de minha mente — declarou ele. — Vi algo... onde foi?... Apenas me mostraram por um instante. Mas onde?... Isso é importante?

— É uma questão de vida ou de morte! Peço-lhe que se lembre! Estou morando na casa do sr. Tope. Eu sei que o sr. vai se lembrar. Por favor, não perca tempo em informar-me.

*

— O enterro do sr. Sapsea será às dez horas amanhã — informou o sr. Tope, quando o jantar do sr. Dutchery estava na mesa.

— Eu o soube — respondeu ele.

— Vai ser um grande funeral — comentou a sra. Tope.

— Não temos tido um funeral de tal importância desde... ela teve que retroceder o seu pensamento para muito antes que a sua memória pudesse focalizar outro importante funeral. Finalmente, disse: desde o funeral do pai do sr. Crisparkle!

— Ah! Sim — anuiu o sr. Dutchery, tomando providência para iniciar a sua refeição.

— Não há nada como um lindo funeral — continuou a sra. Tope. — Casamentos são sempre uma coisa apressada, parece que todo mundo quer que termine logo. Mas, um funeral se realiza devagar, e tudo corre adequada e cerimoniosamente.

— Sim — comentava o sr. Dutchery.

*

O relógio da catedral bateu a hora da meia-noite. O sr. Dutchery não havia ido dormir. Estava aguardando e esperançoso. Assim que soou a última batida, desfazendo-se no silêncio, ele percebeu que alguém bateu em sua porta. Era uma batida apressada e excitada.

O sr. Crisparkle entrou.

— Lembrei-me — esclareceu ele.

CAPÍTULO 32 – A QUEDA DE UM ASSASSINO

O sr. Dutchery tomou a sua primeira refeição um pouco mais cedo e saiu para um passeio pelos arredores da catedral. Ao chegar perto do portão do terreno de sepultamentos, ele viu Durdles e dois dos seus auxiliares, vindo em sua direção. Um dos homens puxava um pequeno carro de mão, no qual havia barras de ferro, numa pequena broxa, cordas, e outros apetrechos, enquanto Durdles trazia a sua costumeira trouxa ao ombro. O segundo homem caminhava atrás, trazendo uma grande barra de ferro.

— De pé tão cedo? — perguntou Dutchery.

— Ah! — Vou aprontar tudo para ele — declarou, abanando a cabeça na direção da casa do sr. Sapsea.

— Posso ir com vocês?

— O sr. pode vir e ajudar a erguer aquela pedra. Tenho mesmo de conseguir outra pessoa, de alguma parte! É mais fácil com quatro, e minhas costas não estão muito boas. Sofro de traumatismo.

O túmulo do sr. Sapsea foi construído na forma de um pequeno templo romano. Tinha entrada, através de um portão de grades de ferro e, no interior, havia lugar para duas sepulturas, apenas, e um pequeno espaço ao redor das duas pedras colocadas no piso. À esquerda, estava a sepultura da sra. Sapsea, com a inscrição que o marido mandara fazer; à direita, separada tão-somente pela espessura da parede que as dividia, estava a sepultura do sr. Sapsea, ainda sem nenhuma inscrição.

Durdles pôs seus auxiliares ao trabalho. Eles ergueram uma extremidade da pedra numa altura de poucas polegadas e nesse vão enfiaram uma longa corda. Em seguida, fizeram o mesmo com a outra extremidade.

Agora, sr. Dutchery — pediu Durdles — o sr. e eu tomamos as cordas nesta extremidade e os meus auxiliares tomam as do outro lado. Quando eu disser “já” nós levantamos as pedras e tiramo-la pela porta, encostando-a de lado de maneira que ela não atrapalhe a entrada do deão, do coral e de todos, que vierem para dar a sua despedida ao morto.

O sr. Dutchery aprovou com a cabeça. Todos se aprontaram.

— “Já”! — exclamou o sr. Durdles.

O sr. Dutchery passou a examinar o túmulo depois que haviam colocado a pedra do lado de fora, como estabelecera Durdles. Estendeu os olhos para o interior da sepultura vazia, feita de tijolos.

— Aquela é a sra. Sapsea, ali no outro lado da parede, não é? — perguntou ele.

— Não — contestou Durdles — ela está um pouco mais para baixo. Ele quis que a sepultura dela fosse um pouco mais profunda.

Durdles havia entrado na sepultura com a sua broxa para limpar os detritos, que caíram, quando ergueram a pedra.

— Então, não há nada acima dela, ou o senhor encheu novamente de terra?

— Tudo oco — afirmou Durdles, dando uma batida na parede com o seu martelo. — Está oco, tap, tap, tap...

— Bateu novamente. — Oco! aqui não está.

Ele fixou um olhar de fúria contra os seus auxiliares.

— Vocês! Não limparam, depois, eh? Deixaram uma porção de sujeira lá, enquanto eu não estava olhando, não é? Agora, é mais trabalho para limpar essa sujeira. Vamos ver isso, quando recolocarmos a pedra.

O cortejo já estava se formando ao lado da casa do sr. Sapsea. Trouxeram o esquife para fora. Colocaram-se flores sobre ele. Os quatro cavalos pretos puseram-se em marcha lenta. Atrás, vieram as carruagens, trazendo as pessoas importantes da cidade. Depois delas, vinha a polícia, depois os bombeiros, depois as alunas da escola, depois os alunos, depois o povo, isto é, quem não era da categoria dos importantes da cidade.

— Você acha, Durdles, que há tempo de erguer aquela outra pedra e ver o que há sob ela? Eles não vão chegar antes de uma hora. Há ainda todo o serviço na catedral para ser feito.

— Não vejo por que o sr. deseja fazer isso — retrucou Durdles, — Podemos fazer isso depois.

— Depois de todo esse trabalho, você e os seus homens devem estar cansados e com sede. Eu poderia dar uma corrida até à minha residência e trazer algo muito especial que eu trouxe de Londres.

Os olhos de Durdles pareceram sequiosos.

— Bem, para agradá-lo, sr. Dutchery, embora eu não veja por que o senhor quer fazer isso, vamos apenas erguê-la, e recolocá-la no lugar, está bem?

O sr. Dutchery saiu, às pressas. Para um velho grisalho de sua idade foi até muito depressa. Quando voltou, as cordas já haviam sido colocadas embaixo das extremidades da pedra da sepultura da sra. Sapsea. O sr. Dutchery tomou o seu lugar.

— Já! — exclamou Durdles. Ergueram a pedra e colocaram-na de lado.

O sr. Dutchery estendeu os olhos para o interior do espaço.

— Veja, aí está! — exclamou Durdles — Olhe como isto está!

Os dois homens entreolharam-se estupidamente. A sepultura da sra. Sapsea estava quase cheia de um pó branco.

— Afastem-se da porta! — pediu o sr. Dutchery.

A luz do sol entrou e naquele pó branco estava a forma de um corpo humano. Um sopro de vento penetrou e afastou um pouco de pó, e lá, na poeira, por um estranho acidente de decomposição, algo brilhou, como um pingo de sangue. O sr. Dutchery ajoelhou e apanhou-o. Era um anel de diamante e rubi.

*

O esquife foi levado para o interior da catedral e as flores colocadas sobre ele. As carruagens foram encostando, uma a uma, e delas iam saindo as autoridades da cidade, os policiais, os bombeiros, cada um ocupando os seus lugares na frente. Os alunos e as alunas foram levados para os seus bancos um pouco mais para trás; o resto do povo acomodou-se nos outros

lugares. A abóbada da igreja foi preenchida com música solene, e o coral entrou. A voz do sr. Crisparkle ressoou:

— Nós nada trouxemos para este mundo e é certo que não podemos levar nada dele. Bem aventurado o nome do Senhor!

O sr. Dutchery chegou e falou aos ouvidos do sr. Tope, que estava de pé na entrada da catedral. As vozes do coral chegavam cheias de ternuras e de lágrimas, como a soprar do vento através de uma floresta, depois de uma chuva. O sr. Tope entrou e falou baixinho a um oficial da polícia, que estava sentado juntamente com outros policiais na frente. A voz do sr. Jasper destacava-se com beleza ímpar. O sr. Crisparkle nunca o havia ouvido cantar daquele jeito. Era como se uma carga de cuidado e ansiedade tivesse sido tirada dos ombros dele e Jasper visse o seu caminho livre em toda a extensão, e cantasse à medida, que caminhava na estrada da vida...

O homem caminhava numa sombra vã e inquietava-se em vão. Ele acumulou riquezas e não pôde dizer quem as aproveitará.

O oficial de polícia aproximou-se e falou baixinho ao sr. Dutchery. Em seguida, foi buscar dois dos seus homens e saíram da catedral. As vozes do coral eram dóceis e baixas. O sr. Jasper estava realmente com uma linda voz:

“Ouça minha prece, ó Senhor!
e com Seus ouvidos, considere
o meu clamor. Faça que eu
consiga recuperar as minhas forças
antes que eu me vá daqui, e não seja mais visto.”

Nunca, nunca havia o sr. Jasper cantado tão expressivamente!

Fizeram-se as preces. Houve um momento de silêncio. Um silêncio tão profundo, que até o longínquo apito de um trem em Londres podia ser ouvido ali, à medida que ele deixava a estação, rumo norte. O deão disse algumas palavras, falando da nobreza do caráter e do bom exemplo do falecido prefeito. O deão, como usualmente, falava bastante devagar, longamente, repetiu a mesma coisa, muitas e muitas vezes, em palavras

diferentes. O sr. Dutchery havia retomado ao interior da igreja e estava sentado na frente, bem perto de onde o coral iria passar no seu caminho para o lugar do sepultamento. Os carregadores ergueram o esquife e carregaram-no para fora da catedral, pela porta do lado sul, em direção do túmulo. O coro, o maestro do coro, o sr. Crisparkle e o deão formam o cortejo, que se moveria pelo centro da catedral, em direção da porta principal e assim, encontrar o esquife no túmulo. Foi nesse instante que veio o distúrbio. Uma figura desolada adentrou a catedral, pela porta sul, por onde o esquife havia sido retirado. À vista dela, Jasper, o maestro do coro, voltou-se e fugiu. Havia, apenas, uma possibilidade de fuga aberta para ele, a porta, abrindo para os degraus da cripta, que levavam para o alto da torre. Passando-a, puxou-a e fechou atrás de si, como se quisesse interromper um momento a marcha de seus perseguidores. A porta da cripta estava fechada. Subiu, correndo, pelo último caminho, que lhe restava, os degraus da torre. Os seus perseguidores iam ao seu encalço, correndo pelas escadas em caracol. O cortejo seguiu seu caminho, como se nada houvesse acontecido. Nada podia interromper os serviços da catedral, sobretudo um funeral. Se o teto desabasse, se o chão se abrisse, o serviço tinha de prosseguir.

A pedra do túmulo da sra. Sapsea havia sido recolocada. O esquife foi colocado na sua posição na sepultura aberta. A voz do deão foi ouvida:

“Já que trouxemos aqui o corpo do nosso irmão, que partiu, coloquemo-lo na terra.”

E desceu-se o corpo à terra.

Lá no alto, acima das cabeças inclinadas o povo, uma pedra na torre, aluída pela tempestade, escorregou sob o peso de dois homens, que lutavam desesperadamente: Neville Landless e Jasper, quando o sr. Dutchery e um policial corriam a perder o fôlego, girando, girando, girando em volta daqueles infindos pilares centrais da escada.

... “terra à terra, cinzas à cinzas, pó ao pó”

dizia a voz solene do serviço do sepultamento. Houve um grito terrível. A pedra precipitou-se em direção ao solo, seguida do que parecia um imenso pássaro branco. Um choque. A pedra espatifou-se em milhares de pedaços, no calçamento embaixo. E sobre aqueles pedaços de pedra,

estava o corpo de Jasper, com as vestes brancas do coral, manchadas de sangue.

CAPÍTULO 33 - O SR. DUTCHERY EXPLICA

— Permita-me servir-lhe mais um copo de vinho, Dutchery — disse o sr. Grewgious.

O garçom havia levado os restos de um excelente jantar, e os dois homens, sentados perto da janela, à luz pálida do entardecer, conversavam.

O sr. Dutchery mantinha a sua usual precaução sentando-se um pouco, afastado, na sombra do quarto.

— Não, obrigado, não quero, agradeceu Dutchery. — Estou envergonhado de ter abusado de seu excelente jantar, e do seu vinho mais excelente ainda, quando fiz tão pouco para merecer esta festa.

— O sr. prestou um dos maiores serviços para todos nós. O caso está encerrado. A Justiça do Céu mostrou o verdadeiro culpado — e o que mais importante, livrou o inocente de qualquer suspeita — que mais poderíamos exigir? — comentou o sr. Grewgious.

— Nesse caso — observou Dutchery, provando seu vinho — eu cometi toda estupidez possível. Houve, como eu tive ocasião de apontar, muitos erros, antes que eu visse ajudá-lo e fui chamado um pouco tarde. Mas isso não me desculpa. Vamos retroceder ao ponto, de onde partimos da última vez. Eu tinha toda a certeza de que o criminoso não era Neville Landless, mas a pessoa desconhecida, que teve todo o cuidado de remover as jóias do corpo de Edwin Drood, e que atirou aqueles objetos ao rio. Depois do relato da srta. Rosa, no jardim, ficou perfeitamente claro quem era o criminoso. Daí em diante, já tínhamos um crime, um criminoso, e só faltava o corpo. O problema era achar o corpo. Minha aventura com Durdles mostrou claramente que a primeira intenção do criminoso era esconder o corpo na cripta, cobrindo-o de cal viva, depois de remover os objetos que a cal não destruiria: O seu propósito era, se por acaso o corpo viesse a ser descoberto mais tarde (como exemplo, por Durdles, na sua busca para encontrar antigos mortos), não havia nada para identificá-lo. O senhor alcançou o meu raciocínio?

— Sim — respondeu Grewgious — o sr. explicou a coisa bastante claramente.

— É claro que o assassino, depois de ter feito a inspeção à meia-noite, mudou o seu plano. E aqui eu cometi minha primeira estupidez. Se o esconderijo não era para ser na cripta, por que não (perguntei a mim mesmo) no túmulo de alguma pessoa, que fora enterrada mais ou menos naquela época? Em algum túmulo que houvesse sido aberto para receber algum outro ocupante. O sr. percebe quão perto cheguei da verdade?

— Lembro-me de que o senhor se referiu em fazer inquirições nessa linha.

— Mas não houve nenhuma! Não houve tal morte. Entretanto, eu nunca perguntei se algum túmulo havia tido sua pedra de cobertura removida para a gravação de alguma inscrição sobre ela. Esse foi o meu erro.

— Mas o senhor mal pode censurar-se por isso — exclamou o sr. Grewgious.

Tendo, então, falhado em encontrar o corpo, nossa única preocupação tornou-se em descobrir alguma evidência contra o criminoso, que revelasse o método do seu crime. Tive a feliz oportunidade de encontrar aquela mulher em Clisterham. Agimos com acerto, mandando o sr. Tartar, como o fizemos, mas, aqui, cometi a minha segunda falha. Se eu a vi em Clisterham, poderíamos, logicamente, ter pensado que também o criminoso a tivesse visto lá. Se o sr. Tartar pôde fingir que dormia, quando na realidade, ele estava acordado para ouvir, é claro que também o criminoso podia fazer o mesmo. Eu deveria ter prevenido o sr. Tartar que não dissesse, em hipótese alguma, o que quer que fosse à mulher, na presença de Jasper, por mais profundo que o seu sono pudesse parecer. Esse foi o meu segundo erro.

— Eu suspeito — declarou o sr. Grewgious — que isso teria feito pouca diferença. O sr. Tartar ficou muito pesaroso, dizendo que ele foi o causador da morte da pobre velha, mas eu explico-lhe que, se Jasper a viu em Clisterham, ele, na certa, já havia se decidido que ele não estaria seguro se ela se mantivesse viva.

— De qualquer maneira, sua tosse era um índice de que ela não tinha mais vida longa. Deus que a ponha em bom lugar — acrescentou o sr. Dutchery.

O sr. Grewgious acendeu o lampião e fechou as cortinas.

— Acho — observou ele, que um fogo seria muito agradável. E assim dizendo, ateou fogo na lenha, que já estava pronta na lareira... Vai pegar logo — afirmou. Depois, falando mui gravemente, voltou-se para o sr. Dutchery — o que me perturba é o terrível risco em que o senhor colocou Neville Landless. Isso, se posso dizer assim, parece-me imperdoável.

— A que o expus? O senhor está me fazendo uma grave injustiça! Depois da morte daquela pobre mulher, ficou claro, para mim, que o próximo passo de Jasper era matar outras pessoas para garantir a sua própria segurança. Quanto seria bom para ele, se Landless desaparecesse, deixando o mundo pensando que ele fugira por medo da descoberta do seu crime! Quão melhor teria sido para Jasper, se o corpo de Landless fosse encontrado em circunstância, que poderia sugerir que ele tomara a resolução de pôr fim na própria vida? Que, por exemplo, ele havia se atirado no rio, como uma preferência a enfrentar a punição? Eu disse-lhe isso, mas, em prevenindo-o, eu não podia deixar de estar cauteloso do risco do próprio criminoso em tal tentativa. Neville Landless era como um pedaço de queijo numa ratoeira. Se a tentativa falhasse, o próprio criminoso seria apanhado. Eu disse-lhe que, se algum atentado fosse feito contra ele, que me procurasse imediatamente.

— Foi a sua própria ideia, então?

— Juventude será juventude. Ele quis prestar um serviço à amiga de sua irmã, a quem ele imaginava, que amava, e quis fazer algo heróico, que pudesse fazê-lo crescer na admiração dela. Assim, sem meu conhecimento, deu longos passeios pela margem do rio, começando sempre mais ou menos à mesma hora, pondo-se de pé no meio da ponte, de vez em quando.

— Mas o seu braço?

— Aquilo eu acho que foi apenas um pouco de sorte.

— Para Jasper? De maneira que ele pudesse fazer uma imitação de caligrafia de Neville suficientemente boa para nos enganar?

— Foi sorte para nós. Sem dúvida alguma, o seu porteiro levava informações. Noto que há novo porteiro?

— Sim.

— Essa notícia persuadiu Jasper em não contentar-se com uma aparente autodestruição, mas a acrescentar aquela carta de despedida para certeza do fato. Mas a carta e o anel de rubi o condenaram.

— Como assim? — perguntou Grewgious.

— A maioria dos homens (e mais ainda as mulheres) respondeu o sr. Dutchery, têm certos “pontos cegos”, quando escrevem, isto é, certas palavras, que habitualmente escrevem erradas. Há certos vocábulos que eu próprio, quando estou cansado ou apressado ou em estado emocional, sempre escrevo errados.

— Tenho notado — declarou o sr. Grewgious — que às vezes escrevo a palavra angular com um “i — angiular”.

— É isso! Eu mostrei a nota de despedida ao sr. Crisparkle. Peço-lhe que a verifique de novo. Aqui está ela:

“Por favor, diga ao sr. Crisparkle que não suporto mais a vida que estou levando. O peso da suspeição é muito grande para mim. Minha ansiedade e o medo da descoberta do meu crime são maiores do que eu posso suportar. Diga à minha irmã que eu gostaria de ter a coragem dela.

Neville
Landless”

— O sr. Crisparkle assegurou-me de que Landless não poderia ter feito o erro especial que o sr. nota. Contudo, ele o havia visto cometido em alguma parte, antes. Mais tarde, ele lembrou onde. Foi no diário de Jasper. Note a palavra “suspeição (com “s”) em vez de “suspeição” (com “ç”):

“Meu querido rapaz foi assassinado. A descoberta do relógio e do alfinete me convence disso. Juro que não vou mais discutir este mistério nem qualquer suspeição com ninguém enquanto eu não tiver a resposta a ele. Não cessarei as minhas buscas. Hei de encontrar o criminoso e destruí-lo-ei.”

— Isso nos traz — continuou Dutchery, levantando e postando-se de costas para o fogo animado — o fim da história. Landless não estava mais em perigo. De fato, ele era um nadador exímio, e o nosso calmo rio Tâmis não é nada comparado com os rios violentos, que ele estava acostumado a cruzar no Ceilão. Entretanto, as águas estavam altas e o seu braço machucado o dificultou bastante; portanto, ele foi levado a grande distância rio abaixo. Quando, finalmente, conseguiu sair, procurou um alojamento, secou as roupas, e procurou dormir. Tinha perdido o último trem para Clisterham. Assim ele chegou procurando-me, exatamente no momento em que o coral saía para o túmulo do sr. Sapsea. Jasper fugiu à vista dele. Landless o perseguiu. O criminoso estava, agora, completamente louco. Louco de medo, louco de ódio, de alguém que havia ousado amar Rosa. Ele tentou atirar Landless do topo da torre. Na luta entre ambos, uma pedra, que estava solta escorregou. Jasper caiu para sua morte, e eu tive apenas tempo de salvar Landless do mesmo destino.

Houve silêncio no ambiente. O sr. Grewgious levantou-se:

— Eu devo agradecer-lhe de todo o meu coração, pela ajuda que nos proporcionou. Os seus esforços...

— Ora, diga melhor às minhas burrices...

— Sr. Dutchery — observou o advogado — sou um homem mais idoso do que o sr., e aprendi, no curso de minhas experiências (como o sr. próprio pode ver bastante claramente nos seus livros de história) que o homem é por natureza e para certas coisas um animal incuravelmente estúpido. É apenas por uma chance ocasional, que nós demonstramos lampejos de inteligência...

CAPÍTULO 34 – A NOITE DESCÊ

Desce o outono em Clisterham, não o outono seguinte, mas um outro outono. Todos os anos, por esta época, antes que o seu jardim perca a sua beleza, o deão dá uma festa para os seus amigos e àqueles bem chegados à catedral.

Durdles, auxiliado por um rapaz extremamente feio, está levando cadeiras e mesas para o gramado. A sra. Tope está ajudando a colocar as xícaras e os bolos e frutas. Mais ou menos, às quatro horas, os primeiros convidados chegam.

— A srta. Twinkleton e a srta. Tisher — anunciou o servente em voz alta.

— Como está a srta. Twinkleton? — perguntou o deão. Espero que a escola esteja prosperando.

As duas senhoritas, fazendo aquele ruído de gorjeio, semelhante aos pardais do sr. Grewgious, moveram-se, apressadamente, em direção da mesa.

— O sr. Crisparkle, e sua mãe, a sra. Crisparkle — anunciou o servente.

— Como vai a sra. Crisparkle? — inquiriu o deão. — Folgo em vê-la com tão excelente aparência. Ah! — o sr. Crisparkle e a sra. Crisparkle mais jovens. Como vai o Neville? Não o vejo aqui hoje.

— Ficou em casa — explicou a sra. Crisparkle. — Ele é muito pequeno para vir à festa.

O deão mostrou sinais de não ter bem entendido.

— Estou falando do seu irmão. Como está ele, e por onde anda.

Ele foi para a Índia, como engenheiro.

— Ah! — realmente? Esperei, de fato, que ele iria preferir uma vida mais ativa a uma vida de advogado.

— O sr. e a sra. Tartar — anunciou o servente.

— O sr. Grewgious e o sr. Bazzard — outra vez, falou o servente.

— Ele podia não gostar de ser preterido — cochichou o sr. Grewgious, ao deão.

— Como vai, sr. Bazzard?

— O sr. Dutchery vai estar com a gente hoje? — indagou o deão. — Que homem interessante.

— Não, sr. deão. Ele disse que o outono é sempre uma estação de muito trabalho.

— Muito trabalho em que sentido, sr. Grewgious?

— Em termos de assassinios, sr. deão.

— O sr. Byle e senhora — disse o servente.

— E o sr. e sra. Madgett — continuou a anunciar.

A festa terminou. Os convidados foram para as suas casas, para o seu jantar. As sombras da noite caíram e as luzes apareceram nas janelas. Em todas, menos uma. A janela de cima da Casa do Portão. As folhas desceram silenciosamente na escuridão, sobre o calçamento escuro ao redor da catedral, cobrindo aqueles pontos em que novas pedras haviam sido colocadas, ao pé da torre. As folhas cochichavam entre as pedras dos túmulos, no terreno de sepultamento, e mesmo tinham a ousadia de procurar o seu caminho por ali, nas tumbas onde embaixo de uma inscrição muito longa, o sr. Thomas Sapsea, ex-prefeito da cidade, Juiz de Paz, dorme, ao lado de sua esposa Ethelinda.

As luzes apagaram-se, uma a uma. Clisterham adormecia, não perturbada por crime e morte repentina, como dormia há séculos, e continuará a dormir durante os anos vindouros...

Fim

Composto e impresso em 1978, pelo método offset, com filmes fornecidos pelo Editor, na oficina da EMPRESA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS S/A Rua Conde de Sarzedas, 38 — Tel. 36-6958 (PBX) 01512 São Paulo, SP, Brasil.

(1) Pussy, em inglês, é diminutivo de *cat*: gato. É usado sempre como tratamento carinhoso a uma pessoa, especialmente do sexo feminino. O plural é *Pussies*. (Nota do trad.)

Table of Contents

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO 1 - VISÕES

CAPÍTULO 2 - AVISO

CAPÍTULO 3 – A ESCOLA

CAPÍTULO 4 – A CHAVE

CAPÍTULO 5 – A NOITE ESCURA

CAPÍTULO 6 – O FILANTROPO

CAPÍTULO 7 – O QUE É ESTA AMEAÇA?

CAPÍTULO 8 – A DISCUSSÃO

CAPÍTULO 9 – DEUS SALVA A AMBOS

CAPÍTULO 10 - DISCÓRDIAS

CAPÍTULO 11 – UM ANEL DE DIAMANTE E RUBI

CAPÍTULO 12 – UMA NOITE COM DURDLES

CAPÍTULO 13 – OH! VOCÊ NÃO COMPREENDE!

CAPÍTULO 14 – ONDE ESTÁ MEU SOBRINHO

CAPÍTULO 15 - SUSPEITO

CAPÍTULO 16 – A SUSPEITA APROFUNDA-SE

CAPÍTULO 17 – O VISITANTE

CAPÍTULO 18 – QUEM SERÁ DUTCHERY?

CAPÍTULO 19 – ROSA DESMAIA

CAPÍTULO 20 – A FUGA DE ROSA

CAPÍTULO 21 – ROSA VAI PARA LONDRES

CAPÍTULO 22 - ININTELIGÍVEL

CAPÍTULO 23 – A PRINCESA PUFFER

CAPÍTULO 24 – COMEÇAM ALGUMAS PESQUISAS

CAPÍTULO 25 – OUTRO PASSEIO NOTURNO DE DURDLES

CAPÍTULO 26 – COMEÇAM AS PESQUISAS

CAPÍTULO 27 – O ENDEREÇO

CAPÍTULO 28 – JASPER DORME

CAPÍTULO 29 – QUEM MATOU A PRINCESA

CAPÍTULO 30 – A MORTE DO SR. SPASEA

CAPÍTULO 31 - MEIA-NOITE NA PONTE DE BLACKFRIARS

CAPÍTULO 32 – A QUEDA DE UM ASSASSINO

CAPÍTULO 33 - O SR. DUTCHERY EXPLICA
CAPÍTULO 34 – A NOITE DESCÊ